

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS
PARA PAIS DE CRIANÇAS EM
TRAJETÓRIA DE RISCO**

Maria Isabel dos Santos Pinheiro

**São Carlos – SP
2006**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS
PARA PAIS DE CRIANÇAS EM
TRAJETÓRIA DE RISCO

Maria Isabel dos Santos Pinheiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

Orientador: Prof. Dr. Almir Del Prette

São Carlos – SP
2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P654th

Pinheiro, Maria Isabel dos Santos.

Treinamento em habilidades sociais educativas para pais de crianças em trajetória de risco / Maria Isabel dos Santos Pinheiro. -- São Carlos : UFSCar, 2006.

128 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2006.

1. Estudantes em desvantagens sociais. 2. Treinamento em habilidades sociais. 3. Treinamento de pais. I. Título.

CDD: 371.967 (20^a)



Banca Examinadora da Dissertação de **Maria Isabel dos Santos Pinheiro**

Profa. Dra. Tânia Maria Santana de Rose

(UFSCar)

Ass. Tânia de Rose

Prof. Dr. Vitor Geraldi Haase

(UFMG)

Ass. Vitor Geraldi Haase

Prof. Dr. Almir Del Prette

(UFSCar)

Ass. Almir Del Prette

Aos meus filhos
Renato, Laura e Nathália.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Grande parte contribuiu com incentivo, carinho, confiança e com uma preciosa torcida. Quero agradecer a todos, dizer que a torcida valeu e destacar os meus agradecimentos àqueles que diretamente contribuíram nas discussões, análises, sugestões e críticas:

- Ao Dr. Walter Camargos Jr. e ao Prof. Vitor Haase por terem acreditado na minha coragem, apoiado incondicionalmente e me honrado com a parceria no trabalho e ensinamentos;
- Aos colegas, alunos e amigos da UFMG quero destacar a Amanda, Paula e Claret integrantes da equipe do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento que iniciaram comigo os programas na escola; ao Henrique Costa Val que neste grupo de pais trabalhou incansavelmente, inclusive sábados, domingos e feriados;
- À equipe do Laboratório de Interação Social da UFSCar, pelas valiosas contribuições nos seminários, destacadamente as contribuições dos professores Almir e Zilda, à Giovanna, Camila, Renata e Thiago pela disponibilidade, carinho e paciência;
- Meus agradecimento à Camila Graciella, ao Júnio, às Profas. Silvia Sigollo e Tânia De Rose pelas valiosas sugestões e à amiga Silvia Voloch pelos desenhos. Aos funcionários e professores do PPGEES, meu muito obrigada.
- À Escola Municipal Maria das Neves meu agradecimento às Diretoras Rita e Tereza por terem comprado a idéia do trabalho e à equipe de professores unânime no apoio. Quero também agradecer à Fátima e Beatriz, que após assumirem a direção da escola nos convidaram a dar continuidade ao trabalho.
- Aos pais e crianças participantes em todos esses anos de estudo realizados nas Escolas, no Hospital das Clínicas da UFMG e na minha clínica particular, meu carinho, respeito e agradecimento.
- À amiga Miriam que estimulou sempre, ouvindo e dando forças;
- À minha família quero agradecer o carinho e pedir licença para um abraço especial ao meu pai por ter sido, talvez, o chefe maior dessa torcida.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Almir, Renatinho, Laura e Nathália,

o apoio e a compreensão de vocês por certo me permitiram a conclusão do trabalho.

- A você Almir quero destacar meu maior agradecimento, meu respeito, carinho e admiração pelo cientista por quem tive a honra de ser orientada; e pela pessoa que foi além do papel de orientador, sendo paciente e principalmente amigo.
- A vocês meus filhos o meu abraço e reconhecimento pela participação, cumplicidade, tolerância e carinho.

Pinheiro, M. I. S. (2006). Treinamento em habilidades sociais educativas para pais de crianças em trajetória de risco. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, SP.

Resumo

O índice crescente de agressividade na infância e adolescência tem mobilizado investimentos e pesquisas em busca de solução para essa preocupação da sociedade atual. A literatura da área aponta as práticas educativas parentais como fatores que contribuem para o risco e para a proteção dos problemas de comportamento infantil. Os programas de treinamento de pais têm-se apresentado como uma alternativa de êxito no tratamento dos problemas de comportamento na infância. O objetivo deste estudo foi adaptar um Programa de Treinamento de Pais dando ênfase ao desenvolvimento de Habilidades Sociais Educativas Parentais e avaliar os efeitos nos problemas comportamentais infantis. O programa foi estruturado em nove sessões grupais semanais com duração de 90 minutos realizados em uma escola municipal de Belo Horizonte, MG. Participaram do programa oito díades mãe/filho com idade média de 9,38 anos ($dp=2,87$) sendo 75% do sexo masculino. O comportamento das mães foi avaliado empiricamente antes e após o treinamento, utilizando o Inventário de Habilidades Sociais e filmagens; enquanto o das crianças foi utilizado o Questionário de Situações Domésticas e Inventário de Comportamentos Importunos, no pré e pós treinamento. Os dados foram analisados quanto à significância estatística e significância clínica. Os resultados apontam para uma redução na frequência e na gravidade de problemas de comportamento da maioria das crianças. A aplicação em maior escala permitirá validar os resultados obtidos do programa e indicá-lo para tratar problemas de comportamento infantil em população semelhante.

Pinheiro, M. I. S. (2006). Treinamento em habilidades sociais educativas para pais de crianças em trajetória de risco. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, SP.

Abstract

The increasing rate of aggressiveness in childhood and adolescence has mobilized investments and research in search for a solution to this concern of the society at present. The related literature appoints parental educative practices as factors that contribute towards the risk and concealment of disorders of children's behavior. The parent training programs have shown themselves as a successful alternative in the treatment of behavior disorders in childhood. The purpose of this study was to adapt a parent training program with focus on Social Educative Skills of parents and evaluate its effects on the behavior of the children. The program was structured in nine weekly group sessions, lasting 90 minutes, held in a municipal school of Belo Horizonte, Brazil. Eight mother/child dyads have participated in the program and the infants' mean age was 9.38 years ($sd = 2.87$), where 75% of which were male. The mothers' behavior was randomly evaluated prior to and after the training process by using the Social Skills Inventory and video tapes, and the children's behavior was evaluated by using the Home Situations Questionnaire and the Disruptive Behavior Inventory. The data were analyzed as to statistical and clinical significance. The results suggest that there was a reduction in the frequency and seriousness of behavior problems in most children. Application of the Parent Training Program in a larger scale shall allow validating it for treatment of children's behavior problems in similar communities.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados descritivos e inferenciais dos resultados obtidos no comportamento das crianças, conforme avaliação feita pelos pais.....	48
Tabela 2: Análise de variância das médias dos resultados do Inventário de Habilidades Sociais das mães.....	50
Tabela 3: Resultados do pré e pós-teste e quadro clínico nos indicadores do QSD.....	53
Tabela 4: Escore total individual por díade no pré e pós-teste do IHS-Del Prette, ICI e QSD.	54

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Percentagem de pais presentes em cada um dos encontros/passos do programa de intervenção. 47
- Figura 2:** Índice de gravidade na avaliação pré e pós-treinamento utilizando o QSD..... 49
- Figura 3:**Quantidade de situações-problema na avaliação pré e pós treinamento utilizando o QSD..... 50
- Figura 4:** Proporção de relatos das mães em cada categoria, conforme avaliação do juiz A..... 51
- Figura 5:** Proporção de relatos das mães em cada categoria, conforme avaliação do juiz B. 52
- Figura 6:** Escores de cada participante obtidos IHS-Del-Prette, ICI e QSD, no pré e pós teste. 54

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	VIII
Lista de Figuras	IX
Resumo	X
Abstract	XI
INTRODUÇÃO	1
1. TREINAMENTO DE PAIS	4
a) <i>Um breve histórico</i>	4
b) <i>Pesquisas atuais em Treinamento de Pais</i>	9
2. SITUAÇÃO DE RISCO E RESILIÊNCIA	13
3. A ÁREA DO TREINAMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS	17
a) <i>Desenvolvimento do repertório de Habilidades Sociais</i>	25
b) <i>Treinamento de Habilidades Sociais</i>	27
PROBLEMA DE PESQUISA	29
MÉTODO	31
1. CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA	31
2. INSTRUMENTOS, MATERIAIS E EQUIPAMENTOS	31
3. PROCEDIMENTO DE COLETAS DE DADOS	34
4. O PROGRAMA DE INTERVENÇÃO	37
5. TRATAMENTO DOS DADOS	43
RESULTADOS	46
1. ASSIDUIDADE/DESISTÊNCIA	46
2. COMPARAÇÃO PRÉ E PÓS INTERVENÇÃO	47
3. RELATO DAS MÃES	50
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS INDIVIDUAIS	52
5. DESCRIÇÃO DAS DÍADES	55
DISCUSSÃO	64
REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	80

Introdução

Nos últimos anos foram desenvolvidos diversos programas de intervenção cognitivo-comportamental no laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento (LND) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG visando ao atendimento de crianças e adolescentes com agressividade (Distúrbio de Conduta) ou Transtornos de Déficit de Atenção /Hiperatividade (TDAH). Esses programas de intervenção foram elaborados a partir da demanda de uma comunidade escolar que solicitou à universidade, atendimento e orientação aos pais. Os problemas de comportamento apresentados pelas crianças, segundo as queixas da escola e também dos pais, vinham se agravando tanto no contexto escolar como no contexto familiar e social.

Durante as reuniões com a escola e com a comunidade envolvida, foi possível observar que o nascimento e a condução de um filho eram vistos, por muitas vezes, como agravantes dos problemas da família. As transformações em função das demandas da modernização, a exposição dos filhos a vários modelos de orientação e a ambientes extremamente agressivos, mais intensos na sociedade atual, não contribuem para que os pais desempenhem de forma mais segura e eficiente, seus papéis de cuidadores e orientadores de seus filhos. Dessa forma surgem as dificuldades, as queixas e o agravamento dos problemas.

O LND, em parceria com o Laboratório de Psicologia da Família, que na época se estruturava no Departamento de Psicologia da UFMG, organizou e iniciou em 2000, o primeiro Programa de Treinamento de Pais – PTP para aquela comunidade e, simultaneamente, para um aglomerado residencial vizinho. Este programa, estruturado para

ser desenvolvido em grupo, deu continuidade aos atendimentos realizados no LND-UFGM, descrito em (Haase, Gama, Guimarães & Diniz, 1998), tendo como referência a estrutura do programa de Barkley (1997), cujos passos são apresentados semanalmente e tem como proposta central trabalhar problemas comportamentais de crianças com diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade através de técnicas de educação não-coerciva e a ação supervisionada da mesma.

Enquanto pesquisadora no LND participei dos primeiros trabalhos, que serviram como uma espécie de projeto piloto do presente estudo.

Nos trabalhos iniciais, o contato direto com as mães possibilitou observar um repertório deficitário de habilidades sociais educativas das participantes. A partir daí, foi identificada a necessidade de enriquecer o programa com um enfoque mais específico da área do Treinamento de Habilidades Sociais – THS.

Em resposta a essa demanda, o LND entrou em contato com o Laboratório de Interação Social – LIS da Universidade Federal de São Carlos propondo um intercâmbio. Em seguida, com o incentivo do Dr. Haase, os programas do LND passaram a utilizar a área do THS como referência. Considerando a possibilidade de trabalhar com os pais tanto no aspecto profilático como no aspecto remediativo, os princípios do THS foram inseridos também nos PTP. A decisão de desenvolver uma pesquisa de mestrado em Educação Especial foi decorrente da carência de estudos que pudessem favorecer o trabalho com pais tão expostos a situações adversas, e por isso necessitados de uma intervenção especial.

A proposta deste estudo manteve o objetivo remediativo de ensinar uma disciplina não coerciva para corrigir comportamentos inadequados apresentado pelas crianças. O desenvolvimento nos pais de um maior repertório de habilidades sociais educativas

complementou o programa com um enfoque profilático, favorecendo a promoção de comportamentos pró-sociais, objetivando inibir ou diminuir comportamentos inadequados.

Este estudo tem portanto uma história que envolve construção de parcerias e concretiza um ideal de transformar a prática, em pesquisa. Essa prática, advinda da proximidade do pesquisador com as questões e dificuldades vividas no cotidiano das comunidades pobres, instiga pesquisas e possibilita a solução de problemas concretos, sempre com a expectativa da replicação e da socialização de novas tecnologias, cumprindo assim, o papel social da ciência.

Os primeiros Programas de Treinamento de Pais – Habilidades Sociais PTP-HS construído com um delineamento considerado indicado para atender as principais questões e dificuldades da população em questão, resultaram em artigo intitulado “Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para pais de crianças com problemas de Comportamento” (Pinheiro, Haase, Del Prette, Amarante & Del Prette, no prelo).

O presente estudo segue os padrões do PTP-HS, implementado pelo LND-UFGM, ou seja, (a) treinamento em grupo; (b) população com mesmo perfil e dentro da mesma comunidade; (c) utilizando o espaço cedido pela escola (um local de frequência dos pais).

Considerando que a base conceitual desta pesquisa possui diferentes campos teóricos, os mesmos serão apresentados em três tópicos: (a) *O Treinamento de Pais*, (b) *A situação de Risco e Resiliência* e (c) *O Treinamento de Habilidades Sociais*. Segue-se a eles, o Problema de Pesquisa e Objetivos.

1. Treinamento de Pais

a) *Um breve histórico*

Os Programas de Treinamento de Pais – PTP, no que diz respeito ao campo específico que delimita o modelo comportamental, surgiu na década de 60 como uma alternativa aos enfoques tradicionais da terapia infantil.

A trajetória dos estudos teóricos relacionados aos PTP é proveniente das investigações sobre condicionamento respondente de laboratório de Ivan Pavlov e posteriormente dos estudos sobre a aprendizagem, desenvolvidos por Skinner (1953/2000). Foi a partir de 1950, quando iniciaram na experimentação humana as técnicas até então só utilizadas em laboratório com animais, que a terapia comportamental obteve reconhecimento, por ser uma forma de psicoterapia eficiente e eficaz na superação de uma ampla gama de problemas. Em 1958 Joseph Wolpe apresentou pela primeira vez de forma sistemática, os conhecimentos adquiridos na década anterior. Em seu livro *Psychotherapy by reciprocal inhibition* (1958) Wolpe apresentou uma formulação e os resultados iniciais da aplicação em problemas variados dos princípios de aprendizagem, preconizando o que seria a marca distintiva da terapia comportamental: a ênfase em medidas.

Pode-se considerar que os Programas de Treinamento de Pais – PTP têm uma longa história se entendermos a antiga publicação de Walker, *Sobre o dever dos pais de educar os filhos*, apontada em Stern (1962) como um precursor dos programas utilizados atualmente. Porém, os primeiros relatos claramente identificados com a eficiência de uma terapia familiar, refere-se à intervenção bem sucedida para reduzir acesso de raiva de uma criança pequena na hora de dormir, desenvolvida por Williams em 1959 e descrita em O'Dell,

1974, no qual o princípio chave do tratamento estava relacionado à extinção. Nesse mesmo ano de 1959, Ayllon e Michael conduziram um experimento e demonstraram que o reforçamento por contingências poderia modificar um comportamento e que uma pessoa não especialista, seguindo as orientações do terapeuta, poderia controlar comportamentos por reforçamento e manipulação de contingências.

Nessa trajetória de utilização e aperfeiçoamento dos programas de treinamento de pais, a revisão de O'Dell no *Psychological Bulletin* em 1974, faz referência aos estudos de Davis (1947) que conduziu um grupo de mães durante sete meses utilizando discussões gerais sobre manejo de crianças. Esse estudo foi seguido pelo de Munro em 1952 que descreveu um trabalho com grupos de pais tendo como objetivo desenvolver um maior *insight* na relação pai-filho; em seguida, Mac-Namara (1963) trabalhou durante dois anos com um grupo de mães procurando desenvolver mudanças de atitude em relação aos filhos e seus comportamentos. Estes podem ser considerados os primeiros estudos sobre os PTP em grupo. Ainda segundo a revisão de O'Dell (1974), provavelmente o primeiro trabalho direcionado de forma proposital para treinamento de pais e modificação de comportamento suficientemente organizado, foi o de Pumroy no ano de 1965.

O'Dell a partir de sua revisão destacou os PTP como a mais bem sucedida forma de intervenção para corrigir comportamentos infantis relacionando estudos que oportunizaram novas pesquisas e contribuíram para o estágio atual dos PTP.

Patterson e Hinsey em 1964 desenvolveram um treinamento de pais no qual podem ser considerados precursores, utilizando como fundamentação do programa a propriedade do reforçamento e a relação pai-filho. Posteriormente, Liberman (1970) empregou o manejo de contingência de reforçadores mútuos com base nos conceitos de aprendizagem

social de Bandura e Walters (1963) para trabalhar problemas familiares. Na década de 80 Gerald Patterson, anteriormente um comportamentalista operante puro, incluiu em seu trabalho com pais os princípios da aprendizagem social de Bandura (1977). Patterson que estudou a teoria dos sistemas com Salvador Minuchin (1974), passou a considerar também na elaboração dos TPs o papel de vários processos “internos” como atitudes, pensamentos e sentimentos.

A partir desses estudos, os PTP têm sido utilizados em uma variedade de problemas de comportamento infantil e o refinamento da base tecnológica tem contribuído para seu sucesso. Nos estudos iniciados por Patterson & Broadsky (1966), procura-se isolar variáveis, aprimorar sistemas de medidas observacionais e abarcar múltiplos problemas de comportamento em diferentes modelos de PTP que têm sido cada vez mais utilizados. Ayllon e Michael (1959) iniciaram não só a utilização do não especialista no trabalho com saúde mental, como também levaram aos PTP novas atribuições, dentre elas o status preventivo e remediativo no processo de desenvolvimento psicológico infantil.

Durante toda essa trajetória iniciada por Walker, os PTP têm sido cada vez mais utilizados, e tem apresentado apoio empírico mais potente que qualquer outra intervenção com crianças (Dishion & Patterson, 1992; Barkley, 1997; Hartman, Stage & Webster-Stratton, 2003; Sanders 2005; Olivares, 2005; Marinho, 2005; Pinheiro, Camargos Jr. & Haase 2005; Pinheiro, Del Prette, & Del Prette, no prelo; Pinheiro, Del Prette, Amarante, Del Prette e Haase, no prelo). Nessa perspectiva, Sanders (2005) destaca as evidências e o respaldo empírico da indicação do enfoque cognitivo-comportamental e da aprendizagem social para trabalhar com problemas comportamentais infantis e suas famílias.

A partir dessas informações, o presente estudo utiliza, principalmente, como recursos, os modelos originados de:

- * *Aprendizagem social*. A partir das interações pais-filho (Bandura 1977; Patterson 1982), identificam os mecanismos que favorecem a aprendizagem de padrões de comportamento.
- * *Análise aplicada do comportamento*. Para a mudança de comportamento considera a importância de trabalhar tanto os antecedentes quanto promover mudanças nas conseqüências de determinados comportamentos (Nichols & Schwartz, 1998; Skinner, 2000).
- * *Estudos sobre a psicologia cognitiva e processamento de informação*. Levando em conta a importância do papel das cognições parentais na tomada de decisões e intenções comportamentais dos pais. O recorte didático do programa contribui no trabalho das expectativas, atribuições e crenças disfuncionais (Bandura, 1977).
- * *Treinamento de Habilidades Sociais*. Considerando a socialização uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento inicial da criança e a possibilidade de aprendizagem de forma planejada ou não (Del Prette & Del Prette, 2005)

As pesquisas demonstraram que incluir os pais (o termo pais, neste trabalho, se refere ao masculino e ao feminino) nos programas de tratamento de seus filhos possibilita ganhos na eficiência das intervenções e na eficácia dos resultados. A participação dos pais contribui com a generalização dos novos comportamentos adquiridos, para diferentes ambientes, principalmente no contexto familiar. Outros ganhos foram identificados com a utilização de PTP: primeiro, superar as insuficiências dos centros tradicionais de

atendimento (falta de terapeutas, limitações físicas etc.) além de reduzir custos, tanto de tempo quanto de pessoal (Olivares, 2005; Marinho, 2005).

Atualmente, os PTP têm sido utilizados para trabalhar uma ampla variedade de problemas comportamentais na infância, sendo mais freqüentes as queixas relacionadas à adaptação psicossocial no ambiente familiar, escolar e à aprendizagem básica de vida diária.

O Treinamento de Pais (TP) pode ser definido como um enfoque para o tratamento dos problemas do comportamento infantil que utiliza:

... procedimentos por meio dos quais se treina os pais a modificar o comportamento dos seus filhos em casa. Os pais reúnem-se com o terapeuta ou treinador que lhes ensina a usar uma série de procedimentos específicos para modificar sua interação com os filhos, para aumentar o comportamento pró-social e diminuir o comportamento desviado.

(Kazdin, 1985, pág. 160 in Caballo, 1999).

Em outras palavras o treinamento de pais pode genericamente, ser definido como uma intervenção destinada à capacitação dos pais em estratégias educativas visando tanto o tratamento de problemas de comportamento infantil como sua profilaxia.

Este estudo se baseia nos conceitos da análise do comportamento e considera os vários processos internos relacionados ao modelo ecológico e sociológico das relações interpessoais e a influência de múltiplas variáveis no surgimento e manutenção dos problemas de comportamento.

b) Pesquisas atuais em Treinamento de Pais

Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas objetivando modificação de comportamentos de crianças, que são identificados pelos pais, cuidadores ou professores, como inadequados ou desadaptativos no processo de desenvolvimento; e suas contribuições são usadas para tratar problemas de comportamentos infantis como: enurese (Houts & Mello, 1989); comportamento anti-social (Dishion & Patterson, 1992); transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (Barkley, 1997; Pinheiro, Camargos Jr. & Haase 2005); problemas de comportamento manifestos, como birras e desobediência excessiva (Marinho, 2001; Pinheiro, Del Prette & Haase, 2002); transtorno internalizante e falta de iniciativa social (Haase, Freitas, Natale & Pinheiro, 2002); inatenção e impulsividade (Hartman, Stage & Webster-Stratton, 2003); transtorno desafiador de oposição (Luiselli, 2005); orientação preventiva de um grupo de mães de crianças com dificuldades de interação (Melo, Silveiras & Conte, 2002); habilidades sociais de pais e problemas de comportamento na infância (Bolsoni-Silva, Del Prette & Oishi, 2003); estilos parentais e comportamento anti-social na infância (Gomide, 2003); prevenção e reversão da delinquência (Kumpfer & Tait, 2000 e Patterson, Dishion & Chamberlain).

Um aspecto atual onde os PTP têm sido aplicados amplamente inclui as dificuldades precoces de relacionamento, abuso de drogas, delinquência e marginalidade (Patterson, Reid & Dishion, 1992; Sanders, 2005; Pinheiro, Haase, Del Prette, Amarante & Del Prette, no prelo). Nesse aspecto a literatura da área tem apontado dois fatores como fundamentais a serem considerados para a elaboração dos programas de intervenção: (a) *os estilos parentais* e (b) *o status socioeconômico da família* (Kazdin, 2005; Anastopoulos, 2005; Webster-Stratton, 2005).

O estilo parental é caracterizado pela forma com que os pais lidam com as questões de poder e hierarquia, pelas posições que adotam frente aos problemas disciplinares, pelo controle de comportamento, e pela tomada de decisões no convívio diário com os filhos. Essas práticas tanto podem favorecer como dificultar certas características individuais dos filhos. De acordo com a tipologia de Baumrind (1971, cit. In Papalia & Olds, 2000, p. 230) são classificados em quatro os estilos adotados pelos pais e apresentados em suas práticas educativas: o estilo autoritário; competente; negligente e indulgente. A tipologia de Baumrind traça o perfil do modelo parental adotado levando em conta as exigências para o controle de comportamento, o envolvimento e apoio ao filho.

No estudo do desenvolvimento humano, considerar as variáveis do aspecto ambiental (Bandura 1977) e os efeitos na interação apontados tanto no sentido de influenciar os pais quanto os filhos (Bronfenbrenner 2002), é fundamental. As contribuições atuais de Del Prette & Del Prette (2005); Bolsoni Silva, Del Prette & Oishi (2003) indicam a influência do repertório social dos pais na promoção de comportamentos dos seus filhos.

Considerando agora o *status* socioeconômico da família, Barr & Parrett (2001) identificam que esses aspectos se apresentam relacionados com os problemas comportamentais de seus filhos. Destacam o fator individual, familiar, fator comunidade e escola, como condições que podem contribuir de forma positiva ou negativa o processo de desenvolvimento da criança. Esses autores destacam a pobreza e fatores dela decorrentes como, moradia em locais superpovoados, convivência com a agressividade, drogas ou tráfico como condições que favorecem para o desenvolvimento da agressividade e marginalidade. Barr & Parrett (2001) embora tenham desenvolvido grande parte de seus

trabalhos com crianças nas escolas, defendem a importância de implicar os pais no processo de prevenção dos comportamentos agressivos de seus filhos.

Entre outros autores que apontam para a característica pobreza, como fator facilitador no desencadeamento dos problemas de comportamentos anti-sociais da criança jovem e do adolescente destacam-se: Hartman, Stage & Webster-Stratton (2003) que analisaram efeitos positivos nos PTP, discutindo com ressalva a manutenção dos resultados em *follow-up* de apenas um ano; Fogg, Webster-Stratton, Julion & Grady (2003) apontam efetividade e indicam o emprego de PTP em comunidades urbanas. Tait & Kumpfer (2000) utilizam treinamento de habilidades familiares para pais e crianças, incorporando parte dos trabalhos de Forehand e McMahon (1981), confirmando a indicação da aplicabilidade dos PTP em uma vasta experiência de prevenção de violência entre adolescentes e jovens delinquentes. Finalmente é importante destacar as contribuições dos trabalhos de Gerald Patterson, da *University of Oregon* iniciado na década de 60, sobre o treinamento comportamental dos pais.

No Brasil, as publicações relativas à utilização dos PTP têm se apresentado de forma mais tímida, muito embora recentemente estudos importantes tenham sido divulgados. Entre eles podemos destacar: Melo, Silveira & Conte, (2002) que relatam um programa de prevenção de dificuldades comportamentais graves em comunidade de baixa renda; Bolsoni-Silva & Del Prette (2002) analisam a forma como os pais educam seus filhos e a influência das habilidades sociais educativas dos pais nos comportamentos adequados e inadequados de suas crianças. Gomide (2004) destacou a importância da utilização de consequenciação nas práticas educativas parentais. Pinheiro, Guimarães & Serrano (2005) apresentaram um estudo cujo objetivo foi avaliar a eficácia de um PTP em

grupo, na redução dos sintomas de Transtorno Desafiador de Oposição. Marinho (2005) trabalha um programa estruturado para TP cuja premissa fundamental é de que algum déficit nas habilidades próprias do papel parental é, pelo menos parcialmente, responsável pelo desenvolvimento ou manutenção de padrões de interação familiar perturbadores. Outros trabalhos com resultados significativos na literatura nacional, pode-se destacar Pinheiro, Camargos Jr., Haase, (2005) que recorreram a um PTP para trabalhar comportamento de uma criança com problemas decorrentes de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Pinheiro, Del Prette & Del Prette elaboraram um estudo teórico de TP e sua utilização no Brasil (no prelo). Pinheiro, Haase, Del Prette, Amarante, & Del Prette (no prelo) apresentam os resultados de um Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para Pais de Crianças com Problemas de Comportamento, provenientes de uma comunidade de baixa renda.

A demanda dos pais sobre como manejar os problemas de comportamento de seus filhos tem se tornado evidente não só quando nos deparamos com filas para os atendimentos nas clínicas universitárias como também quando recebemos, diretamente da comunidade, uma solicitação mais específica conforme ocorreu no início deste trabalho. Esse contingente de espera, denominado demanda reprimida, é destacado em alguns estudos da área no Brasil: Bolsoni-Silva, Del Prette & Oishi (2003); Marinho, (2005); Pinheiro, Camargos Jr. & Haase (2005).

Uma demanda reprimida que pode ser observada nas filas de espera do ambulatório e da clínica universitária apresentava no seu perfil: a) necessidade de orientação para lidar com comportamentos anti-sociais do filho; b) clientela dependente dos serviços de saúde do estado.

Nessa perspectiva o presente estudo procurou recorrer à trajetória de sucesso dos PTP os ingredientes necessários na construção de um programa que atenda: (a) às demandas de uma população específica; (b) às possibilidades de avaliação empírica; (c) propiciar aos profissionais facilidade de utilização e adaptação; (d) apresente custo acessível ao estado e um atendimento de boa qualidade e de curta duração.

2. Situação de Risco e Resiliência

O desenvolvimento individual, de acordo com algumas abordagens contemporâneas, está relacionado a fatores genético-individuais, experiências individuais precoces e, principalmente, à observação de modelos (Dodge, 1993). A perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 2002; Bronfenbrenner & Morris, 1998), entende o desenvolvimento como um envolvimento dinâmico de interações entre o homem e o ambiente. Estudos atuais têm apontado também para os aspectos do meio ambiente que devem ser considerados no entendimento dos processos adaptativos dos indivíduos no curso de suas vidas (Ceconello & Koller 2000).

A partir desses princípios, identificar e potencializar os fatores que contribuem para o processo evolutivo saudável tem feito parte de muitos estudos e publicações na área da Psicologia do Desenvolvimento (Hartman, Stage & Webster-Stratton, 2003).

De acordo com Loeber & Hay (1997), Patterson (1986), Patterson (1992), Patterson, de Baryshe & Ramsey, (1989) e Bolsoni-Silva, Del Prette & Oishi (2003), a importância da estrutura familiar, do estilo de educação e a forma de interação entre pais e filhos, constituem fatores importantes que interferem no repertório desenvolvimental dos

filhos. Esses fatores podem contribuir promovendo uma condição mais resiliente ou mais vulnerável aos eventos estressores da vida.

Psicólogos no estudo do desenvolvimento humano são unânimes em afirmar que os vínculos sociais/afetivos estabelecidos na infância e os aspectos da competência social são decisivos como fatores que contribuem para a resiliência ou proteção e para o ajustamento social posteriores, ver por exemplo: Hutz, Killer & Bandeira (1996); Ceconello & Koller, (2000); Baraldi & Silvares (2003) Del Prette & Del Prette (2005). No sentido contrário, Patterson, Reid e Dishion, (1992); Rutter, (1997); Del Prette & Del Prette (2000); Gomide (2003) indicam o comportamento anti-social como a evolução de uma característica que se desenvolve cedo na vida e, mesmo nos casos em que não se mantém na adolescência e na fase adulta, causa conseqüências graves no desenvolvimento do jovem.

Barr & Parrett (2001) ao apresentarem estudo sobre os fatores que contribuem e expõem as crianças e jovens a uma trajetória de risco destacam, inicialmente, que qualquer pessoa jovem pode se tornar de risco ao enfrentar episódios de desapontamento. Estes episódios podem levar à depressão, álcool e droga. Assim, esses autores entendem que o risco não está limitado a um único grupo, ele existe em todas as classes sociais e todo grupo étnico.

A exposição à adversidade crônica, ao estresse evidente, ao ambiente agressivo e a condição de pobreza, expõe o jovem à situação constante e indesejável de risco, permitindo coloca-lo em um grupo que mais freqüentemente apresenta distúrbios comportamentais externalizantes na idade pré-escolar e escolar; à delinqüência na adolescência e a criminalidade na idade adulta jovem percorrendo assim, uma trajetória denominada de risco

(Marturano 1998; Haase, Käppler & Schaefer, 2000; Barr & Parrett ,2001; Williams & Aiello, 2004).

Dessa forma, identificar os fatores que favorecem a resiliência e trabalhar no sentido de aumentá-los pode contribuir na promoção de um desenvolvimento mais saudável das crianças e jovens. Resiliência é um conceito relacionado à adaptação e consiste em variações individuais em resposta aos fatores de risco (Rutter, 1996). Pode-se então, compreender resiliência como uma resposta adaptativa aos fatores de risco e adversidades. Em contrapartida, vulnerabilidade de acordo com Garnezy & Masten, (1994) citado em Ceconello & Koller (2000), refere-se a uma predisposição individual que potencializa os efeitos de um estressor. Podemos então, compreender vulnerabilidade como respostas mal adaptadas que resultam em conseqüências negativas para o desenvolvimento do indivíduo.

A partir desses estudos é possível identificar que a pobreza e a falta de apoio social, associados à exposição de modelos agressivos reforçados tanto positiva quanto negativamente, constituem fator de risco para o aparecimento de comportamentos desadaptativos limitando as experiências sociais iniciais. Ceconello e Koller (2000) acrescentam a essa limitação, a miséria afetiva decorrente do aumento de incidência de conflitos na relação conjugal, que vai produzir efeito direto no relacionamento desses pais com sua criança.

Considerando que as experiências sociais iniciais podem promover o surgimento de ciclos de interações coercivas constituindo uma verdadeira transmissão intergerencial de ciclos de coerção, propõe-se investir na promoção de um ambiente familiar que favoreça um desenvolvimento mais equilibrado e saudável.

Um bom repertório de habilidades sociais foi identificado em vários estudos (Hutz, Koller e Bandeira, 1996; Marturano, 1998; Cecconello e Koller, 2000; Barr & Parrett, 2001; Del Prette & Del Prette, 2005) como fatores que contribuem para a resiliência frente às adversidades da vida. A partir desse entendimento Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A. & Oishi, J. (2003) correlacionaram Habilidades Sociais Educativas – HSE dos pais e problemas de comportamento dos filhos. Esses autores indicam que em grande parte, filhos de pais que apresentam maior repertório de HSE, apresentam menores índices de problemas comportamentais na infância e pré-escola; em contra-partida, pais que apresentavam menor repertório de HSE, seu filhos também apresentaram déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos.

Nessa perspectiva de compreensão relativas ao funcionamento e estrutura familiar e seus efeitos nos problemas comportamentais dos filhos, é importante considerar, para promover o processo adaptativo dos indivíduos no curso de suas vidas, o processo em que vivem as famílias. Williams & Aiello (2004) utilizam o termo empoderamento */empowerment* para caracterizar as famílias que tendo acesso a conhecimento, às habilidades e a recursos, se tornam capazes de adquirir controle positivo, melhorar a qualidade e seu estilo de vida e discutirem suas possibilidades, adquirindo o papel central nos programas de suas vidas. Assim, otimizar as habilidades sociais dos pais, mais especificamente otimizar as habilidades sociais educativas parentais e o empoderamento das famílias, contribuirá nos processos de desenvolvimento adaptativo dos filhos, minimizando os fatores de risco.

Dessa forma, muitas queixas paternas e problemas de comportamento infantil poderiam ser minimizados se os conhecimentos advindos dos estudos científicos já

consagrados por experiências bem sucedidas, pudessem ser utilizados nos serviços prestados pelo estado, a favor deste contingente da população.

O Brasil não foge ao padrão das sociedades atuais onde a população que mais se beneficiaria de uma determinada tecnologia, não tem acesso a ela. Exemplo disso é o acompanhamento psicológico para crianças e adolescentes com problemas comportamentais residentes em comunidades de risco. Pode-se dizer que os serviços de saúde mental, disponibilizados para essa população são inexistentes, frente à demanda e às poucas possibilidades de acesso.

É indispensável que se trabalhe efetivamente de forma preventiva e remediativa no sentido da solução dos problemas comportamentais das famílias de risco. Para isso, deve-se investir em pesquisas que possibilitem transformar em prática o discurso das agências de amparo à infância e das disposições legais de proteção à criança e ao adolescente (estatuto da criança e do Adolescente – Lei número 8069 de 13 de junho de 1999 – Constituição Federal/1988).

3. A área do Treinamento de Habilidades Sociais

A literatura da área é unânime em dizer que as Habilidades Sociais – HS são aprendidas e que a infância é um período crítico para que ocorra essa aprendizagem (Del Prette e Del Prette, 1999; Baraldi & Silvaes, 2003; Caballo, 2003). Estes estudos destacam os pais como principais modeladores dos comportamentos de interação social de seus filhos.

Caballo (2003) considera que sendo o homem essencialmente um “animal social” “poucos serão, os transtornos psicológicos nos quais não esteja implicado, em maior ou menor grau, o ambiente social que o rodeia” . A partir deste entendimento, é fundamental trabalhar os problemas de comportamento social dos indivíduos levando em conta que esses indivíduos podem apresentar: *déficit na aquisição do repertório de HS* (decorrente da falta de conhecimento do comportamento, por restrição de oportunidades e modelo, por problemas de comportamento); *déficit no desempenho de HS* (proveniente de problema de comportamento, por ausência de feedback, falhas de reforçamento, ansiedade interpessoal excessiva); ou *déficit na fluência do seu repertório de HS* (quando existe o comportamento no repertório do indivíduo mas, não é apresentado com a fluência necessária para um bom desempenho social). No presente estudo serão considerados equivalentes os termos comportamento e desempenho social, ou comportamento e desempenho interpessoal.

O Treinamento em Habilidades Sociais – THS se caracteriza por um campo teórico-prático, com uma epistemologia própria, que teve como base diferentes modelos teóricos. Na prática, o THS pode ser aplicado a um grande número de problemas de comportamento, especialmente objetivando superar déficits e dificuldades interpessoais e procurando maximizar repertórios de comportamentos sociais. No THS, as técnicas de intervenção mais utilizadas advêm de vários modelos conceituais, mais especificamente da Análise Experimental do Comportamento e de Abordagens Cognitivas.

De acordo com Del Prette & Del Prette (1999), a falta de uma teoria geral que englobe a avaliação e o treinamento das habilidades sociais, talvez seja uma das principais lacunas deste tema. Nesse sentido definir os conceitos que balizam o presente estudo, é fundamental para compreensão e orientação.

O termo habilidades sociais, geralmente utilizado no plural, aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas.

Del Prette & Del Prette (2005) pp. 31

O comportamento social refere-se a qualquer tipo de comportamento emitido na relação com outras pessoas e a competência social, embora seja utilizada por alguns autores como sinônimo de HS, é considerada, neste trabalho como:

Capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando conseqüências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas.

Del Prette & Del Prette (2005) pp. 33

Pesquisas conduzidas por diversos autores (Patterson, Reid & Dishion, 1992; Simons, Chão, Conger & Elder, 2001) indicam que o comportamento anti-social parece ser a evolução de uma característica que se desenvolve cedo na vida e, mesmo quando não se mantém na adolescência e na fase adulta, pode conseqüências negativas sobre o desenvolvimento do jovem. É importante identificar os argumentos desses autores e de outros citados anteriormente, entendendo que as crianças agressivas e opositivas vivem em situação de risco, podendo desenvolver comportamentos delinqüentes na adolescência, pois frequentemente são educadas em ambiente em que as práticas parentais são inadequadas. Um dos primeiros fatores de risco considerado diz respeito aos déficits em habilidades

cognitivas e sociais disponíveis no repertório comportamental do indivíduo (Del Prette & Del Prette, 2003; Haase, Käppler & Schaefer, 2000).

Quando a falta de habilidades sociais é crítica, as relações sociais podem se tornar restritas e conflituosas, interferindo de maneira negativa no grupo em que o indivíduo está inserido e sobretudo em saúde psicológica (Del Prette & Del Prette, 2001; Del Prette & Del Prette, 2005).

Deficiência no repertório cognitivo-comportamental no que se refere às habilidades sociais pode ser resultado das características temperamentais individuais. A experiência individual de relacionamentos predatórios e pouco gratificantes também contribuem para que o indivíduo desenvolva determinados esquemas cognitivos de expectativas hostis em relação ao outro. O histórico de experiências fracassadas de relacionamentos interpessoais contribui para o desenvolvimento insuficiente de alguns aspectos do autoconceito, tais como a auto-estima e a auto-eficácia. Os comportamentos agressivos excetuando-se a agressão predatória ou psicótica, podem ser em grande parte, pró-ativos, ou seja, representam uma defesa do indivíduo diante da possibilidade de uma agressão percebida como iminente (Barr & Parrett, 2001).

Pode-se considerar que a deficiência na capacidade de prever as conseqüências das próprias ações e a incapacidade de assumir a perspectiva do outro completam o quadro de fatores individuais relacionados ao comportamento agressivo. As evidências provenientes da terapia de família (Nichols & Schwartz, 1998) indicam, entretanto, que essa dificuldade pode não resultar exclusivamente de deficiências intra-individuais, constituindo-se mesmo em um fator quase que normativo do sistema familiar.

Segundo Bolsoni-Silva, Del Prette & Oishi (2003), a forma de interação entre pais e filhos constitui fator relevante que interfere no repertório social dos filhos e identificaram algumas habilidades sociais educativas como condição importante para o desenvolvimento desse repertório. As Habilidades Sociais Educativas – HSE são aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal (Del Prette & Del Prette, 2001). Quando os pais apresentam melhor repertório dessas habilidades, os filhos apresentam maior frequência de comportamentos adequados; ao contrário, quando os pais apresentam repertório pobre dessas habilidades, os filhos também apresentam déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos.

Compreender o campo teórico-prático do THS é pré-requisito para compreender a prática da utilização das HSE, com este objetivo, recorreu-se aos estudos de (Del Prette & Del Prette, 1999; Caballo, 2003). De acordo com estes autores, cinco foram os modelos explicativos que contribuíram para a elaboração da estrutura atual do THS: o “modelo da assertividade”, “modelo da percepção social”, “modelo da aprendizagem social”, “modelo cognitivo” e o “modelo da teoria de papéis”. Del Prette & Del Prette (1999) apresentam de forma clara, as características de cada modelo:

- * *Modelo da assertividade*: Este modelo apóia em duas vertentes para explicar os déficits ou dificuldades de desempenho social. A primeira vertente se orienta no paradigma do condicionamento respondente, focalizando a aprendizagem da ansiedade no desempenho social através de sua associação a estímulos aversivos. O quadro teórico é complementado com o entendimento de que os estímulos aversivos atuam com um papel inibidor na emissão de respostas assertivas. A segunda vertente apóia nos entendimentos sobre condicionamento operante e considera que

as dificuldades apresentadas no desempenho social são desenvolvidas a partir do controle inadequado de conseqüências ou seja, essas pessoas quando emitem uma resposta assertiva ou estão sendo punidas ou não estão sendo suficientemente reforçadas.

- * *Modelo da percepção social:* Este modelo privilegia a capacidade do indivíduo de “ler” o ambiente social, ou seja, refere-se à habilidade de perceber e decodificar o ambiente, permitindo ao indivíduo discriminar formas adequadas de se comportar frente a diferentes contextos sociais.
- * *Modelo da aprendizagem social:* De acordo com este modelo, as habilidades sociais em grande parte são aprendidas através de observação de experiências interpessoais vicariantes em que o modelo ou o desempenho do outro é básico no desenvolvimento do repertório social do observador.
- * *Modelo cognitivo:* o desempenho social, de acordo com o modelo cognitivo, é mediado por habilidades sócio-cognitivas, aprendidas na interação da criança com seu meio social.
- * *Modelo da teoria de papéis:* Neste modelo entende-se que em grande parte comportamento social depende: 1) da compreensão do próprio papel; 2) da compreensão do papel do outro na relação social.

Caballo (2003) discute que embora o treinamento em habilidades sociais seja desenvolvido atualmente com notável grau de satisfação, existem obstáculos que devem ser superados em benefício da eficácia dessa técnica. A amplitude de problemas abordados sob a perspectiva do Treinamento de Habilidades Sociais - THS e a intergerência entre

modelos, dimensões e conceitos, é uma fonte de dificuldade para a área (Del Prette & Del Prette (1999). Dessa forma é importante a clareza dos conceitos nos quais se orienta um estudo.

Nesse contexto é importante a compreensão de determinados conceitos para estabelecer pontos de referência, já que os conceitos como Habilidades Sociais e de Competência Social, têm sido utilizados na literatura de forma indistinta (Del Prette & Del Prette, 1999). A assertividade, embora seja um termo recorrente na literatura área, diferenciar asserção da não asserção e agressividade considerando todos os aspectos que envolvem qualquer tipo de comportamento, tem sido também um exemplo das dificuldades. Assertividade “envolve a afirmação dos próprios direitos e expressão de pensamentos, sentimentos e crenças de maneira direta, honesta e apropriada que não viole o direito das outras pessoas” (Lange & Jakubowski, 1976, p.7) citado em Del Prette & Del Prette (1999).

Para a análise das Habilidades Sociais, é importante considerar três dimensões: a dimensão pessoal, a situacional e a cultural. A *dimensão pessoal* é constituída essencialmente pelo repertório comportamental do indivíduo e pode ser analisada em suas classes molares e moleculares; a *dimensão situacional* considera principalmente o contexto comportamental e a *dimensão cultural* refere-se às características culturais que interfere no repertório social dos indivíduos (Del Prette & Del Prette (1999). Essas dimensões são avaliadas, sempre em nível molar-molecular conforme é próprio das ciências sociais. O nível molar supõe habilidades globais (mais amplas); o nível molecular supõe habilidades menores ou componentes das habilidades maiores (globais). Teoricamente todo comportamento pode ser avaliado em sua extensão global ou de componentes.

Outro aspecto importante para a análise da conduta interpessoal está relacionado aos componentes das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette 1999; Caballo, 2003). Existe na literatura um relativo consenso que apresenta quatro componentes:

- * *Comportamentais*: refere-se aos aspectos observáveis do comportamento subdivididos não verbais e verbais. A conduta não verbal geralmente se refere à emissão de mensagem sem o uso da palavra. Os aspectos verbais por sua vez, foram subdivididos em aspectos verbais de conteúdo (envolve o conteúdo da fala/o que se fala) e aspectos verbais de forma (envolve a topografia da fala/ a forma que se fala).
- * *Cognitivo-afetivos*: considera que o comportamento social é afetado pelos sentimentos e pelas cognições (compreensão) que o indivíduo elabora.
- * *Fisiológicos*: estão relacionados com um conjunto de variáveis do organismo que afetam ou são afetadas pelas situações interpessoais.
- * *Outros componentes*: Del Prette & Del Prette (1999), incluem no item, a atratividade física e a aparência pessoal.

A partir dessas exposições, utilizar o THS integrado a Programas de Treinamento de Pais – PTP é perfeitamente compatível e indicado. A idéia de introduzir o modelo triádico (onde o terapeuta ensina aos pais a serem “terapeutas comportamentais” de si e dos próprios filhos) tem por os conceitos de que grande parte dos comportamentos desadaptativos da criança se manifestam e são mantidos devido aos déficits de habilidades sociais (mais especificamente pelo déficit em HSE), apresentados pelos próprios pais para manejar os comportamentos de seus filhos.

a) *Desenvolvimento do repertório de Habilidades Sociais*

As relações atuais entre os pais e os filhos se dão em um modelo sem precedente na história da civilização. Essa característica está diretamente relacionada com o processo de globalização, com o acirramento da competição e com o consumismo muito valorizado.

Nesse sentido, é freqüente que tanto os pais como os filhos se sintam confusos frente a determinadas demandas, principalmente quando estas exigem novos padrões de comportamento e de interações sociais. A literatura, ao destacar a infância como um período crítico para a aprendizagem das HS se reporta aos pais. Mesmo em diferentes culturas, o desenvolvimento das habilidades sócio-emocionais é usualmente atribuído à família por meio de um longo e, geralmente, assistemático processo de socialização (Del Prette & Del Prette, 2003). Bandura (1977) também remete aos pais a influência sobre a aprendizagem das habilidades sociais quando propõe o modelo de aprendizagem vicariante.

Bolsoni-Silva, & Marturano, (2004) descrevem oito HSE encontradas com mais freqüência no repertório de pais de crianças com comportamentos socialmente adequados:

- * *Habilidades sociais para manter conversação ou dialogar com o filho*: estão relacionadas à prática de comunicação de conversar com o filho, estabelecer contato visual, ouvir. As autoras entendem que ao conversarem com os filhos, os pais e as mães podem fornecer modelos e modelar esta habilidade em sua criança, o que favorece para desenvolver outras habilidades como a resolução de problemas.
- * *Habilidades sociais para fazer perguntas*: relativas à ação verbal, dirigida ao filho com entonação que indica de forma adequada o conteúdo de solicitação. Esta

habilidade pode ajudar a criança a descrever contingências de reforçamento, discriminando as respostas sociais mais adequadas.

- * *Habilidades sociais para expressar sentimentos positivos e negativos*: representam a ação verbal ou não verbal de expressar para o filho, de forma coerente, sentimento de agrado ou desagrado. Dessa forma os pais facilitam para que o filho aprenda a discriminar os comportamentos desejados e indesejados.
- * *Habilidades sociais para expressar opiniões*: expressar opinião frente a determinados comportamentos e suas concepções de certo e errado.
- * *Habilidades Sociais para estabelecer limites*: estão relacionadas à situações onde os pais devem colocar limites frente a determinados comportamentos do filho. Os pais podem aprender a negociar e a dizer não.
- * *Habilidades Sociais para Cumprir Promessas*: O não cumprimento de promessas pelos pais pode fazer com que o filho se sinta enganado, prejudicando o relacionamento entre eles e com as outras pessoas. Cumprir pontualmente as promessas contribui para aumentar a confiança do filho, nos pais.
- * *Habilidades sociais para pedir mudanças no comportamento do filho*: dizer ao filho o que espera que ele faça de forma clara, contribui para a criança compreender o que esperam dela.

b) Treinamento de Habilidades Sociais

Existe relativo consenso na literatura de que o THS encontra-se entre as técnicas mais potentes e mais freqüentemente utilizadas para o tratamento dos problemas psicológicos, para a melhoria da efetividade interpessoal e para a melhoria geral da qualidade de vida.

De acordo com Caballo (2003) o treinamento em habilidades sociais é a combinação de procedimentos comportamentais (para uns) ou de qualquer procedimento (para outros) dirigidos a incrementar a capacidade do indivíduo. Para que o indivíduo se implique nas relações interpessoais de maneira socialmente apropriada, as técnicas comportamentais e de reestruturação cognitiva são as mais empregadas nos THS.

Como técnicas comportamentais advindas da Terapia Comportamental, deve-se considerar:

- ❖ Ensaio comportamental - por meio do ensaio, representam-se maneiras apropriadas e efetivas de enfrentar as situações da vida real que são problemáticas para o paciente. O objetivo do ensaio comportamental é aprender a modificar modos de resposta não-adaptativos, substituindo-se por respostas adaptativas;
- ❖ Modelação - está relacionada à exposição do paciente a um modelo que mostre corretamente o comportamento objetivo do treinamento;
- ❖ Modelagem - consiste no uso do reforçamento diferencial para desempenhos progressivamente mais semelhantes ao desempenho final pretendido;

- ❖ Reforçamento - pode ser definido como qualquer consequência que apresentada em seguida a um comportamento, ou por ele removida, aumenta a frequência de resposta desse comportamento;
- ❖ Tarefas de casa - é parte essencial do THS, refere-se à possibilidade de aperfeiçoar as habilidades treinadas no contexto terapêutico, através de novos desempenhos em contextos naturais promovendo a generalização;
- ❖ Dessensibilização sistemática - de maneira geral refere-se à exposição gradativa às situações ansiógenas.

Com relação às técnicas de reestruturação cognitiva, de uma ou de outra maneira nos THS estão implicados elementos cognitivos durante todo o processo. Exemplo simples refere às informações do terapeuta que podem modificar as expectativas e as metas do paciente.

No presente estudo, Treinamento em Habilidades Sociais Educativas para Pais foram utilizadas tanto as técnicas cognitivas como as técnicas comportamentais ao longo dos nove passos do PTP apresentados com detalhe na cartilha, entregue aos pais no final do programa – Anexo IX.

A partir desses princípios sobre as consequências geradas pelos déficits nas interações sociais ocorridos nas etapas formativas da vida do indivíduo; as demandas de novos padrões de comportamento e de interações sociais; a influência do modelo na aprendizagem vicariante; as informações de que o desenvolvimento adequado do desempenho social pode ser favorecido se os pais apresentarem um bom repertório de HSE,

a autora defende a importância de avaliar os resultados deste Programa de Treinamento de Habilidades Sociais Educativas Parentais com a compreensão de que, esta tecnologia possibilitará ganhos no repertório dos pais e dos filhos.

Deve-se considerar que a partir de uma vasta pesquisa na literatura nacional, não foi localizado estudos que focassem o uso de Habilidades Sociais Educativas Parentais como recurso para trabalhar problemas de comportamento dessa população.

Problema de Pesquisa

Os diversos estudos apresentados justificam a importância social e científica do presente trabalho e permite estabelecer como principal foco da pesquisa a questão: Habilidades Sociais Educativas nos pais através de um Programa de Treinamento de Pais contribui para reduzir os problemas comportamentais dos filhos?

Diante disso, foram formuladas as seguintes hipóteses: desenvolver HSE nos pais pode favorecer para: (1) promover nos pais uma atitude mais positiva em relação ao seu filho; (2) introduzir uma estratégia disciplinar adequada para reduzir comportamentos que são considerados inadequados ou desfavoráveis; (3) prevenir o aparecimento de comportamentos desadaptativos nos filhos; (4) potencializar as habilidades sociais tanto dos pais quanto de suas crianças.

Utilizando os aspectos tanto teóricos como práticos do THS, este estudo de intervenção tem como objetivo implementar e avaliar um programa de Treinamento de Pais com enfoque nas habilidades sociais educativas parentais, e como objetivos específicos:

- 1) Adaptar um programa de treinamento de pais;

- 2) Aplicá-lo em uma população específica;
- 3) Avaliar os resultados obtidos a partir de relato dos pais.

Método

1. Contexto e Participantes da Pesquisa

O programa TP-HS foi implementado em uma Escola Municipal de Belo Horizonte, MG, que atende crianças e adultos e possui cerca de 650 alunos. No período diurno funcionam as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e no período noturno, cursos de Ensino para Jovens e Adultos. A grande maioria dos alunos reside em um aglomerado próximo a escola.

A amostra contou com a participação de oito díades mãe/filho. As mães tinham idade média 33,88 anos ($dp=5,24$) e com relação à escolaridade, 75,0% situava-se em nível inferior ao Ensino Fundamental. A idade média dos filhos que participaram na formação da díade era 9,38 anos ($dp=2,87$) sendo 75,0% do sexo masculino. A frequência de mães provenientes de matrimônios juridicamente formalizados foi igual a 50,0%. De acordo com o “Critério Brasil” (extraído de www.ibope.com.br - Anexo X), 75% das famílias pertencem ao nível sócio-econômico C e D e o restante, 25% pertencem ao nível B2.

2. Instrumentos, materiais e equipamentos

A eficácia dos procedimentos de intervenção foi avaliada por meio de inventários e questionários sobre os comportamentos das crianças, aplicados junto às mães antes e depois da intervenção, e por depoimentos das mães durante os encontros semanais que foram filmados e analisados posteriormente. Uma situação estruturada foi utilizada para que o terapeuta pudesse ter mais informações sobre o padrão de interação familiar (Anexo XIV)

Os inventários e questionários foram aplicados individualmente, em forma de entrevista, pelo terapeuta e por um auxiliar de pesquisa (estudante de psicologia, previamente treinado), sendo descritos a seguir:

- * *Informações Sobre a Família e a Criança* (Barkley, 1997). Este questionário coleta junto aos pais, informações gerais sobre a família (Anexo I).
- * *Questionário de Situações Domésticas* (QSD, de Barkley, 1997). Tem como objetivo, através de seus 16 itens, identificar as diferentes situações nas quais a criança apresenta problemas de comportamento em casa, com indicação da quantidade e da severidade dos comportamentos desafiantes e opositivos. As normas existentes para o QSD são norte americanas, para crianças de 4 a 11 anos. Sobre a quantidade de situações problemáticas, as médias normativas variam de 3,1 a 4,1 para meninos e de 2,2 a 3,4 para meninas. Sobre a severidade, o intervalo normativo para crianças do sexo masculino é de 1,7 a 2,0 e para as crianças do sexo feminino de 1,3 a 1,6. Para a utilização do QSD nesta amostra brasileira, foi realizada uma análise de Fidedignidade e Consistência Interna. O valor de *alpha* encontrado foi de 0,86, para 15 itens com carga dos itens entre 0,35 e 0,71. O item 14 foi retirado e não foi utilizado na análise dos resultados (Anexo III).
- * *Inventário de Comportamentos Inoportunos* (ICI, de Barkley, 1997). Quantifica a frequência de comportamentos inadequados (agressividade, não seguir regras, etc.) apresentados pela criança, conforme indicação dos pais. O inventário apresenta esses comportamentos em uma escala de quatro pontos: 3 (muito frequentemente), 2 (frequentemente), 1 (de vez em quando), 0 (nunca ou

raramente). Para a utilização do ICI foi realizada uma análise de Fidedignidade e Consistência Interna, o valor de *alpha* encontrado foi de 0,93 para os 26 itens da escala com carga entre 0,37 e 0,72 (Anexo IV).

- * *Inventário de Habilidades Sociais* (IHS-Del-Prette, 2001). É um instrumento de auto-relato que avalia o repertório de habilidades sociais com base na estimativa que o respondente faz sobre a frequência com que reage da forma indicada em cada item. As respostas do IHS-Del-Prette são apresentadas em formato de escala (do tipo *Likert*) com 5 pontos que variam de nunca ou raramente a sempre ou quase sempre. O IHS-Del-Prette foi utilizado nesta pesquisa, em forma de entrevista (Anexo V).

Além dos instrumentos referidos foram utilizados no PTP-HS alguns materiais e equipamentos como:

- * Uma TV e aparelho de videocassete para apresentação de *videoclip* com esquetes de interações mãe-filha que forneciam modelos para os passos 2, 3, 4 e 6 do programa. O *videoclip* referente ao passo 2 tem duração de 4'38"; o *videoclip* referente ao passo 3 tem duração total de 2'49"; o *videoclip* referente ao passo 4 tem duração de 2'36" e o *videoclip* referente ao passo 6 tem duração total de 2'31". Script, objetivos, personagens e texto (Anexo XIII).
- * Uma câmera filmadora para registro dos encontros semanais que possibilitassem análise posterior dos relatos verbais das mães. Os resultados estão apresentados nas Figuras 4 e 5.

- * *Banners* (0,50mm X 0,90mm), com desenhos representativos do conjunto do programa e de cada um dos passos (Anexo VI);
- * Esquemas faciais relativos ao passo 5 (Anexo VII);
- * Carimbos para monitoramento de comportamentos em sala de aula (Anexo VIII);
- * Foi confeccionada uma cartilha que detalha cada atividade desenvolvida na seqüência de passos, orientando os pais inclusive com sugestões de atividades para serem desenvolvidas em casa. Essa cartilha foi utilizada, com objetivo de manter os pais atentos ao comportamento do filho sendo entregue no final do programa (Anexo IX).
- * Pequenas prendas foram utilizadas (pano de prato, canecas, jarras etc.) em sorteios. Também foram disponibilizados comestíveis (salgados, doces e refrigerantes) oferecidos, ao final de cada sessão. Esses dois itens visavam a motivação e a descontração do grupo.

3. Procedimento de coletas de dados

Todo procedimento de coleta de dados foi norteado por princípios da ética na pesquisa (não maleficência e da beneficência), respeitando-se igualmente todos os direitos dos participantes, que assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II).

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (Parecer número 019/2005 – Anexo XII).

O contato com o primeiro grupo de pais para a divulgação do trabalho e o convite foram realizados no salão de eventos da escola e nas salas de aula durante uma reunião de rotina. A partir da apresentação do programa, os pais interessados se inscreveram. O número de inscrições liberadas para o grupo foi de 14 pais. Esse número baseia-se nas informações da literatura sobre o índice de desistência, em torno de 40% (Marinho, 2005; Pinheiro; Haase, Del Prette, Amarante & Del Prette, no prelo), e sobre o número ideal de participantes em um grupo (oito).

A partir da lista com 32 pais inscritos, iniciou-se a composição do grupo. Na sequência da inscrição, os pais receberam um número. Estabeleceu-se aleatoriamente que os números ímpares comporiam um grupo e os números pares comporiam outro grupo. A pesquisadora assumiu a direção de um dos grupos, ficando o outro, sob a responsabilidade de um estagiário (sob a supervisão da pesquisadora) que recebeu atendimento simultâneo porém, em dia diferente na semana.

O contato com os participantes da pesquisa foi realizado por meio de telefonema e na primeira reunião compareceram 13 pais. Desses, oito pais participaram efetivamente do programa.

A avaliação pré e pós-treinamento e os encontros semanais referentes ao desenvolvimento do programa, aconteceram em uma sala de aula convencional, ampla e equipada com os recursos áudio visuais necessários, cedidos pela escola.

O trabalho foi desenvolvido nas seguintes etapas:

- * *Etapa 1.* Divulgação e Composição do Grupo. Inicialmente houve a divulgação do atendimento e elaboração da lista de pais interessados em participar do PTP-HS. Os grupos iniciaram os programas no segundo semestre de 2004.
- * *Etapa 2.* Avaliação Pré-treinamento. Para avaliação pré-treinamento iniciada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo II), a família foi convidada para participar de uma atividade integrada utilizando uma situação estruturada (Anexo XIV) e, em seguida os pais responderam os questionários em forma de entrevista realizada pela pesquisadora e por um auxiliar de pesquisa. O auxiliar de pesquisa, estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, participou de um treinamento prévio para a utilização adequada dos instrumentos.
- * *Etapa 3:* Intervenção. A intervenção conduzida pela pesquisadora contou com a colaboração de dois auxiliares de pesquisa e foi realizada em nove sessões com duração de aproximadamente 90 minutos cada uma, sendo filmado em sua totalidade. O segundo auxiliar de pesquisa (aluna do ensino fundamental de uma escola de Belo Horizonte) foi devidamente orientada nos procedimentos de filmagem: posicionamento discreto da câmera; distância dos participantes; situações que deveriam ser privilegiadas na filmagem, etc. O programa, previamente adaptado pela autora, descrito no (Anexo XI), utiliza o formato de sobreposição de passos. Cada passo destaca uma habilidade específica e mantém a atenção a todo o trabalho já desenvolvido.
- * *Etapa 4.* Avaliação Pós-treinamento. Na semana seguinte ao último passo o encontro foi dividido em duas partes. Na primeira parte foram respondidos os

questionários de pós-teste e na segunda parte foi realizada uma atividade festiva da qual participaram todas as famílias. Durante a festividade, foram sorteados pequenos brindes e servido um lanche fornecido pela pesquisadora e também pelos participantes. Alguns depoimentos foram fornecidos pelos componentes da família que estavam em contato pela primeira vez com o grupo.

4. O programa de intervenção

Este Programa de Treinamento de Pais em Habilidades Sociais PTP-HS teve como objetivo orientar os participantes, de forma didática, sobre os fundamentos da análise aplicada do comportamento, instruí-los quanto à necessidade de motivar seus filhos a se comportarem adequadamente, e aplicar no dia-a-dia, alguns dos procedimentos básicos de modificação de comportamento.

O programa se orientou nos fundamentos do treinamento em habilidades sociais que constitui uma metodologia de intervenção com objetivo de desenvolvimento do repertório de habilidades sociais dos participantes (Del Prette & Del Prette 2005), com caráter preventivo e/ou remediativo. Neste caso, o programa foi orientado para diminuir desempenhos interpessoais negativos e maximizar os positivos com ênfase em um bom repertório de habilidades sociais educativas dos pais, que poderiam ter um impacto favorável na interação pais-filho e no comportamento de suas crianças. O programa se baseou no pressuposto de que as crianças precisam ser reforçadas de modo freqüente, contingente, de maneira intensa, diferenciada e sistemática. Embora tenha uma elaboração prévia, planejada com base em passos, o programa atende tanto quanto possível as queixas

dos participantes a medida em que elas aparecem nas sessões. Como eixo principal utiliza os princípios e procedimentos derivados da área do Treinamento de Habilidades Sociais (Del Prette e Del Prette, 1999) e foi construído com base na definição de habilidades sociais educativas de Del Prette e Del Prette (2001 p. 95): “aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem do outro, em situação formal ou informal”.

Os encontros semanais aconteceram em uma sala disponibilizada pela escola, com início às 19:30 horas, tendo uma duração aproximada de uma hora e trinta minutos. O primeiro encontro foi destinado à apresentação dos participantes, do terapeuta e auxiliares de pesquisa, bem como para informes e avaliações diagnósticas pré-treinamento. A cada encontro foram sorteadas pequenas prendas e a cada presença, os pais recebiam pontos para participarem de um sorteio final. Todos os encontros foram encerrados com um pequeno lanche e sorteios ocasionais de brindes facilitavam a interação entre os participantes.

Cada um dos encontros semanais foi organizado em três tempos. No primeiro tempo eram realizadas discussões correspondentes às tarefas propostas na semana anterior. Nesse momento os sucessos, as dificuldades, as dúvidas e as falhas eram analisados pelo grupo com mediação do terapeuta. No segundo tempo apresentava-se o “passo” correspondente àquela sessão conforme a seqüência pré-estabelecida. Os pais eram incentivados, frequentemente, a relatarem suas experiências, incluindo dificuldades e acertos. Nesta etapa além das orientações, recorria-se a procedimentos de ensaio comportamental como prática efetiva para fortalecer a aprendizagem e promover a generalização. No último tempo, eram apresentados pelo terapeuta os princípios do passo seguinte e após discussão com grupo, estabelecia-se a nova tarefa a ser realizada no decorrer da semana.

A partir da segunda sessão, foram realizadas as etapas de intervenção propriamente ditas, cuja temática foi organizada em nove “passos”, um a cada encontro semanal, ocorrendo a sobreposição de informações. A sobreposição se refere à utilização das questões apresentadas e discutidas nos passos anteriores, como pré-requisitos para os temas seguintes. Cada sessão semanal utilizava um *banner* representativo do passo (Anexo VI).

Passo 1 – Por que as crianças se comportam de maneira inadequada. Este passo tem como objetivo desenvolver a compreensão dos pais sobre os fatores que influenciam o comportamento da criança como, por exemplo, características comportamentais de cada pessoa na interação. Além disso, é realçada a importância da observação das conseqüências de comportamentos desadaptativos e pró-sociais na família. Utilizam-se vivências para os pais identificarem comportamentos em desacordo com o esperado ou combinado com os filhos e como esses comportamentos são controlados pela atenção que recebem, mesmo quando a punição é utilizada.

Passo 2 – Prestando atenção no bom comportamento do seu filho – Faça um recreio especial. O objetivo deste passo é treinar os pais para diminuir a atenção sobre certos comportamentos e aumentar o uso de uma forma mais efetiva de atendimento e apreciação comportamental. Espera-se que os pais aprendam a prestar atenção no bom comportamento do filho, elogiando-o e valorizando-o. Na seqüência, é ensinada a técnica do “recreio especial”, que contribui para descontrair o ambiente na família e aumentar o envolvimento dos pais com a criança motivando-a a cooperar com eles. Por meio de recursos didáticos,

como vinhetas (trechos filmados), demonstra-se que certas situações criam demandas para comportamentos interpessoais positivos, sendo “naturalmente” reforçadores para todos.

Passo 3 - Aumentando a brincadeira independente. Os pais são estimulados, neste passo, a participar de ensaios comportamentais, visando o monitoramento das atividades independentes da criança. São criadas situações de desempenho de papéis, em que os pais aprendem a elogiar a criança quando ela brinca independentemente. Além de conseqüenciar positivamente o desempenho das crianças, é solicitado que os pais ampliem, gradativamente, os episódios de brincadeira independente de seus filhos. Quando alguns pais apresentam dificuldade, o terapeuta apresenta modelo ou solicita a participação de outros pais para isso. Também foram apresentadas vinhetas de interação pais-filhos.

Passo 4 – Prestando atenção no comportamento de seguir instruções. Neste passo, procura-se orientar os pais a. dar instruções corretas aos filhos, valorizando o comportamento obediente. Para isso, eles devem apresentar instruções curtas e de fácil execução e em seguida apreciar, adequadamente, o desempenho da criança. São realizados vários exercícios tipo *role play*. Algumas das habilidades fortalecidas com esse procedimento, como as de observar e de descrever, contribuem para aumentar a qualidade das solicitações feitas pelos pais aos filhos e, também, para que estes relatem, para a criança, como ela se comporta. Ao final utiliza-se o recurso de vídeo com os pais observando e relatando as interações filmadas.

Passo 5 - Ensinando a “ler” o ambiente. O eixo central desta sessão é a aprendizagem de leitura do ambiente social. Este passo complementa o treino de observação da sessão anterior, com outras habilidades. Cada participante observa durante algum tempo colegas de grupo em interação, relatando em seguida o que viu e sendo conseqüenciado positivamente pelo terapeuta ou pelos demais sob mediação do terapeuta. Em seguida, os pais descrevem os desempenhos de maneira a identificar antecedentes e conseqüentes presentes em episódios de interação. Posteriormente, são criados exercícios que possibilitam a identificação, interpretação dos comportamentos não-verbais (Del Prette & Del Prette, 1999), permitindo inferir possíveis normas presentes nas situações sociais. Essas habilidades recebem a denominação de leitura ou decodificação do ambiente social.

Passo 6 – Facilitando a empatia e dando ordens eficientes: Neste passo as atividades básicas estão relacionadas com a aprendizagem do conceito de empatia e a compreensão da importância do manejo comportamental dos filhos. Os pais são orientados para: (a) prestar atenção aos sinais que a criança emite quando está vivenciando algum problema (mudança na fisionomia, postura, fala etc.); (b) ouvir de maneira atenta o que a criança tem a dizer; colocando-se no lugar da criança oferecer modelo de comportamento empático; (c) expressar verbalmente compreensão e apoio; (d) conseqüenciar positivamente as manifestações empáticas da criança; (e) oferecer modelo de comportamento empático no ambiente doméstico no relacionamento com o cônjuge. Por outro lado, é desenvolvido junto dos pais a capacidade para promover nos filhos o atendimento à determinadas ordens que deverão ser cumpridas. São trabalhadas habilidades para dar ordens de forma adequada favorecendo seu cumprimento ou seja, (a) avaliando a real necessidade de se dar uma

ordem; (b) apresentando-a de forma objetiva e clara (c) mantendo um tom de voz adequado; (d) eliminado distratores que por vezes podem concorrer com a compreensão do que está sendo dito.

Passo 7 - Melhorando o comportamento na escola. Considerando as aprendizagens anteriores, nesta fase do treinamento explicita-se a importância do trabalho colaborativo entre os pais e professores. Os pais são orientados para monitorar as tarefas escolares, incluindo-se uma estratégia de verificação e ajuda sobre: (a) atividades realizadas na escola (assunto e ensino em classe e brincadeiras no recreio); (b) acompanhamento das tarefas escolares diárias; (c) cumprimento de horário da tarefa (preferencialmente antes das atividades livres); (d) realização da tarefa (inspeção de cadernos e outros materiais). Os pais são instruídos a comunicar esse monitoramento aos professores, aumentando a probabilidade de maior atenção dispensada à criança na sala de aula, o que pode fortalecer a parceria entre família e escola.

Passo 8 – Representação de papéis. Este passo apresenta de maneira simplificada o modelo da teoria de papéis, segundo o qual o comportamento social depende, em grande parte, da compreensão do próprio papel e do papel do outro na relação social. O treinamento dessa habilidade é realizado por meio de ensaios comportamentais e *role play*. Esses procedimentos são utilizados em vivências, adaptadas de Del Prette e Del Prette (2001): *Vivendo o papel do outro*, *Avanço no tempo e Regressão no tempo*, que levam os pais a experimentarem outros papéis, por exemplo, o dos filhos. A situação de vivência permite

que sejam exercitadas outras habilidades como as de *feedback*, elogio, observação e descrição de desempenho, comunicação empática etc.

Passo 9 - Desenvolvendo a capacidade de se expressar. São introduzidas nesta seqüência, informações sobre assertividade com ênfase no exercício dos próprios direitos e na expressão de pensamentos, sentimentos e crenças. Explicitam-se as diferenças entre comportamento passivo, agressivo e assertivo, em suas dimensões verbais (conteúdo, tipo e ocasião) e não verbais (contato visual e gestualidade) Acrescenta-se também explicações sobre a correspondência entre direitos e deveres. As orientações são desenvolvidas no sentido de utilizarem ou promoverem contingências ambientais favorecedoras para a aquisição, o fortalecimento e/ou a manutenção de comportamentos assertivos. Adicionalmente, discute-se com os participantes as vantagens e desvantagens da assertividade no contexto familiar.

5. Tratamento dos dados

A partir da conclusão do programa e avaliação pós-treinamento, os dados foram registrados em um banco de dados para as devidas análises.

Com relação à assiduidade/desistência foi calculada a percentagens de presença de cada participante nas sessões. Na seqüência, foram computados os escores individuais dos participantes em cada um dos indicadores utilizados, conforme as instruções dos respectivos testes. Com base nesses escores, inseridos em planilhas do Programa SPSS for

Windows® (versão 13.0), foram computados os indicadores descritivos do grupo (média e desvio padrão).

Para a comparação entre as avaliações pré e pós-intervenção, foram efetuadas análises de variância (ANOVA) com os três indicadores utilizados (comportamentos inoportunos, situações domésticas problemáticas e severidade dos problemas), seguidas por teste t de Student para amostras pareadas. Em todas as análises adotou-se um índice de significância de $p < 0,05$.

Os relatos das mães referentes a seus filhos durante as sessões e/ou à sua relação com eles, foram quantificados e submetidos à avaliação de dois juízes independentes, com treino em mensuração direta dos produtos permanentes. Os juízes foram instruídos para selecionarem e classificarem os relatos que apresentavam: (a) conteúdo positivo, ou seja, qualquer informação ou comentário relativo ao filho participante que sugerisse observação positiva em qualquer época anterior ou não ao tratamento; melhora na relação; superação ou redução de problemas de comportamento ou de desempenho escolar (por exemplo: *Fiquei feliz com meu filho! Naquele dia ele tinha levado todos os seus cadernos para mostrar à sua professora, ...Ele foi responsável nas últimas tarefas de casa, Ele está mais legal com a gente*). (b) Conteúdo negativo, qualquer informação ou comentário relativo ao filho participante que sugerisse observação negativa em qualquer época anterior ou não ao tratamento; piora na relação; manutenção ou aumento de problemas de comportamento ou de desempenho escolar (por exemplo: *Outro dia ele gritou comigo, Ainda fica meio agressivo ou então não fala com ninguém, Tirou nota baixa neste mês*). (c) Conteúdo neutro, quando o pai/mãe fazia menção a comportamentos sem qualquer sentido avaliativo ou comentários sobre ocorrências (por exemplo: *Foi para a escola à tarde, Choveu muito,*

muito mesmo, Ele ta tomando xarope para a tosse). O depoimento das mães foi tabulado em termos de categoria e frequência em cada sessão. A seleção dos relatos das mães pelos juízes obteve índice de concordância acima de 80%.

Resultados

São apresentados, a seguir, os resultados referentes: (a) assiduidade/desistência às sessões; (b) comparação dos resultados pré-pós intervenção dos participantes e do grupo em cada um dos instrumentos; (c) classificação dos relatos pelos juízes; d) descrição com base em relato, de características de cada díade mãe-filho.

1. Assiduidade/Desistência

O programa iniciou com um grupo de 13 pais. No segundo passo, houve desistência de dois pais e, a partir do terceiro passo, participaram nove mães, sendo que uma se afastou a partir do quinto passo, por motivo de gravidez. O índice de abandono foi de 38,47%. Para a análise da eficácia do programa, foram utilizados os resultados das oito mães frequentes até o final.

A média de frequência das oito participantes nas reuniões semanais foi próxima de 90%. Esse dado sugere que as condições motivacionais (intrínsecas ou extrínsecas) estabelecidas pelo programa foram efetivas. O passo oito foi trabalhado no dia seis de dezembro de dois mil e quatro. Conforme mostra na Figura 1, o dia 06/12 apresentou o maior número de mães ausentes. Nesse dia, a cidade foi vítima de um volume de chuva fora do padrão, tendo sido essa a justificativa dos pais pela ausência. A assiduidade do grupo em cada uma das sessões do programa de intervenção está apresentada na Figura 1.

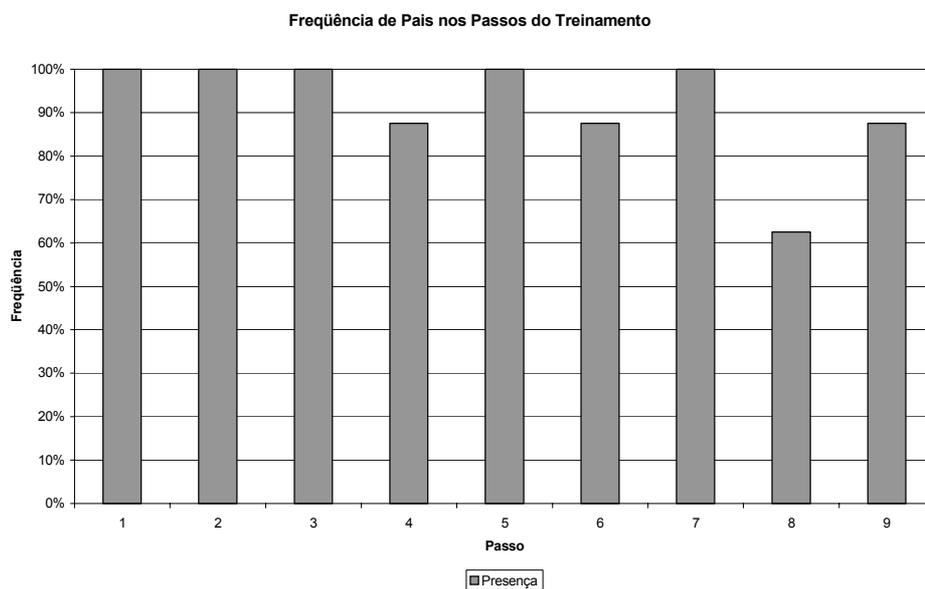


Figura 1. Percentagem de pais presentes em cada um dos encontros/passos do programa de intervenção.

2. Comparação Pré e Pós Intervenção

Os resultados apresentados na Tabela 1 se referem à média do grupo com relação aos comportamentos avaliados por meio do Inventário de Comportamentos Importunos - ICI e Questionário de Situações Domésticas – QSD. No QSD foram avaliados o Número de Situações Domésticas Problemáticas e a Gravidade dos Comportamentos Problemáticos.

Os resultados indicam queda na freqüência de comportamentos importunos, no número de situações domésticas problemáticas, e na gravidade dos comportamentos problemáticos. Os dados de freqüência obtidos no do Inventário de Comportamentos Importunos indicam que a média de situações problema avaliada na pré-intervenção era de

16,25 (dp= 6,2) e caiu na avaliação pós-intervenção, para 8,63 (dp=2,45). O valor aceito para $p < 0,05$ indica um padrão de mudança significativo.

Tabela 1

Dados descritivos e inferenciais dos resultados obtidos no comportamento das crianças, conforme avaliação feita pelos pais.

ASPECTOS AVALIADOS	Pré-Treino		Pós-Treino		t	g.l.	P
	Média	DP	Média	DP			
Frequência de Comportamentos Importunos – ICI	16,25	6,2	8,63	2,45	4,6	7	0,002
Número de situações domésticas problemáticas - QSD	8,75	4,43	5,88	2,95	2,39	7	0,048
Gravidade dos comportamentos problemáticos – QSD	29,25	9,05	20,38	4,72	2,03	7	0,082

$p < 0,05$

No pré-treino o número de situações domésticas problemáticas era de 8,75 (dp=4,33) reduzindo na pós-intervenção, para 5,88 (dp=2,95). O valor $p < 0,05$ indica também um padrão de mudança significativo. A gravidade dos comportamentos problema no pré-treino do QSD, era de 29,25 (dp= 9,05). Na avaliação pós-treinamento reduziu para 20,38 (dp= 4,72). O valor $p > 0,05$ indica que a mudança ocorrida não foi significativa. Levando em conta o tamanho reduzido da amostra, pode-se entender um resultado com tendência a significativo.

Tomando o valor de 0,05 como uma referência de comparação para valor-p, é possível retirar da tabela, valores interessantes do estudo. Entre as várias possibilidades de análise, utilizaremos aquele que compara amostras pareadas, ou seja, amostras iguais com dados antes e após a intervenção. O valor crítico da distribuição t com 7 graus de liberdade para $p = 0,05$ é de 2,365. Na comparação entre os índices do Questionário de Situações Domésticas – QSD antes e após o tratamento, foi obtido um valor da estatística t de 2,749,

maior que o valor crítico. Isso traz evidências de que o efeito da intervenção não foi nulo e a média entre os grupos é diferente. Já para a análise dos dois outros questionários aplicados à amostra, o valor-p foi maior que aquele valor definido como referência.

Para o Inventário de Comportamentos Importunos – ICI, o valor foi superado por uma pequena margem, o que sugere uma tendência para um efeito positivo da intervenção.

Os resultados apresentados na Tabela 1 a respeito dos aspectos avaliados no QSD podem ser visualizados de forma clara na Figura 2 e Figura 3. Estas figuras apresentam as variações de comportamento ocorridas na avaliação pré e pós treinamento para cada item.

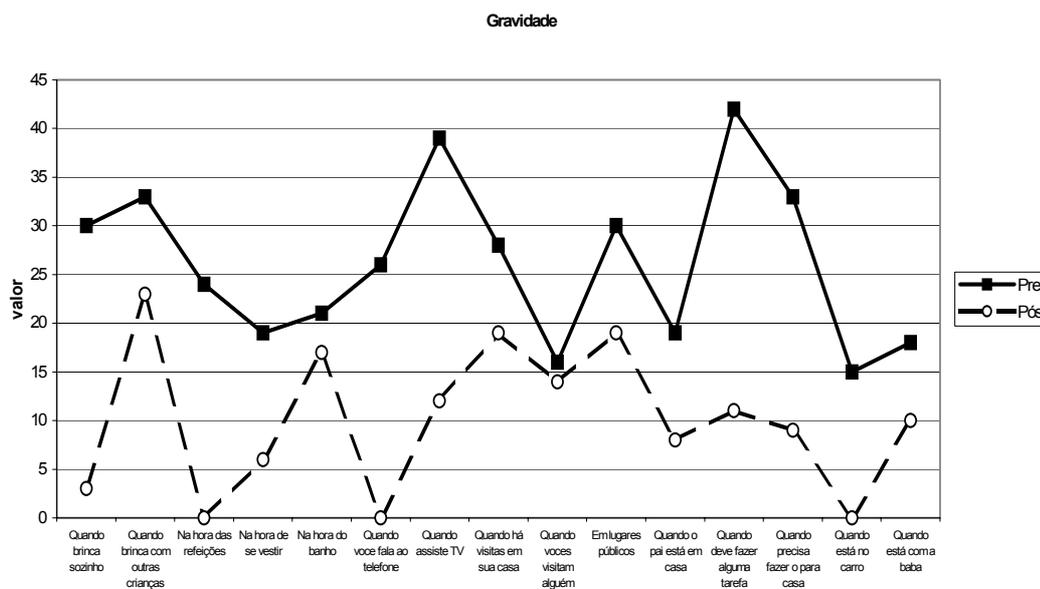


Figura 2. Índice de gravidade na avaliação pré e pós-treinamento utilizando o QSD.

Quanto ao Inventário de Habilidades Sociais - IHS-Del Prette, na Tabela 1, o valor-p foi de 0,263, superior à referência. Assim, para esta análise, podemos entender um efeito nulo na intervenção.

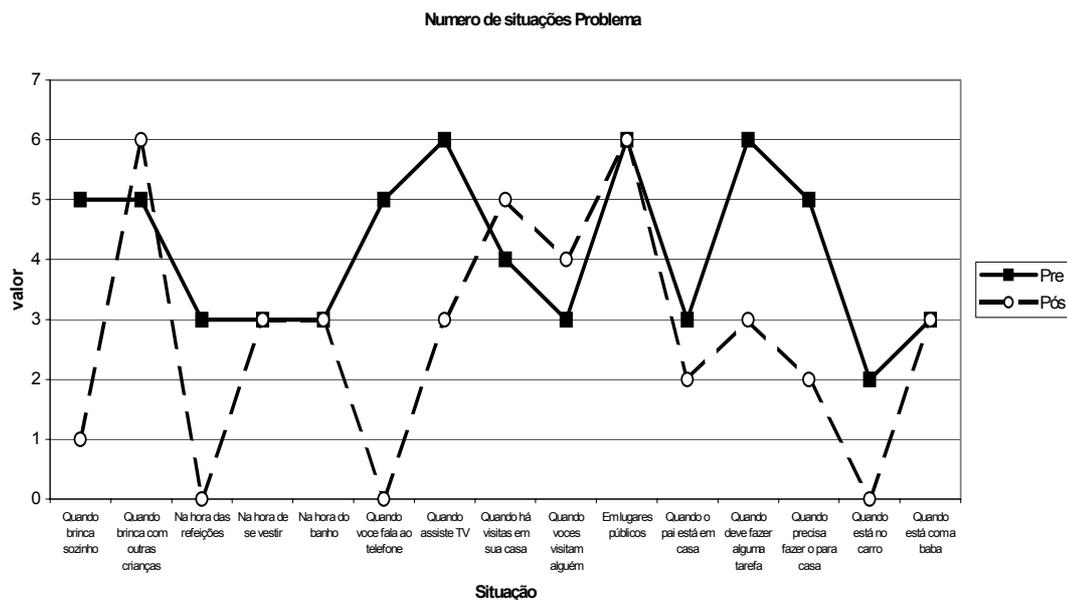


Figura 3. Quantidade de situações-problema na avaliação pré e pós-treinamento utilizando o QSD.

Tabela 2

Análise de variância das médias dos resultados do Inventário de Habilidades Sociais das mães

Itens comparados	Média	Desvio Padrão	Erro médio padrão	Intervalo de confiança de 95% da diferença		t	Df	Sig.
				menor	maior			
Índice IHS antes	-4,13	9,58	3,39	-12,14	3,89	-1,217	7	0,263
Índice IHS depois								

p<0,05

3. Relato das mães

Os dados referentes à frequência de relatos positivos, negativos e neutros identificados pelos dois juízes ao longo das sessões, estão apresentados a seguir. A análise mostrou, que durante as reuniões semanais, a frequência de relatos positivos a respeito dos

filhos aumentou em 84,3% das mães (7 mães). Apenas a mãe de número 5 (Juçara-Cristina) não apresentou aumento no número de relatos positivos sobre a filha.

As Figuras 4 e 5 apresentam a proporção de relatos positivos, negativos e neutros das mães, ao longo das sessões conforme identificadas na análise de cada um dos juizes.

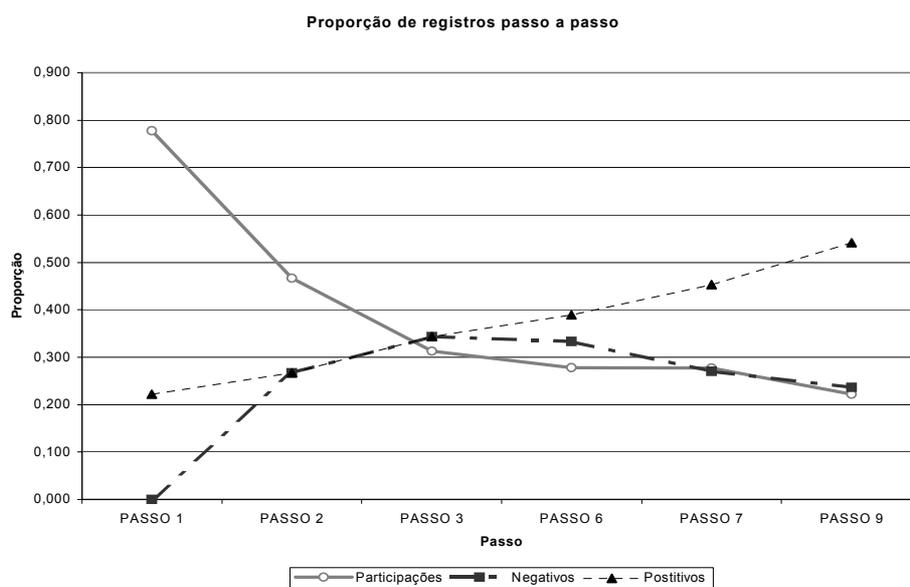


Figura 4. Proporção de relatos das mães em cada categoria, conforme avaliação do juiz A.

Na avaliação do juiz A e do juiz B é possível identificar uma tendência de redução na frequência dos relatos neutros a respeito dos comportamentos do filho, e aumento na frequência de relatos positivos. Os relatos negativos apresentaram a partir do passo dois, uma tendência de estabilidade na avaliação do juiz B e uma tendência de queda, na avaliação do juiz A. A seguir será analisado o processo individual de cada participante.

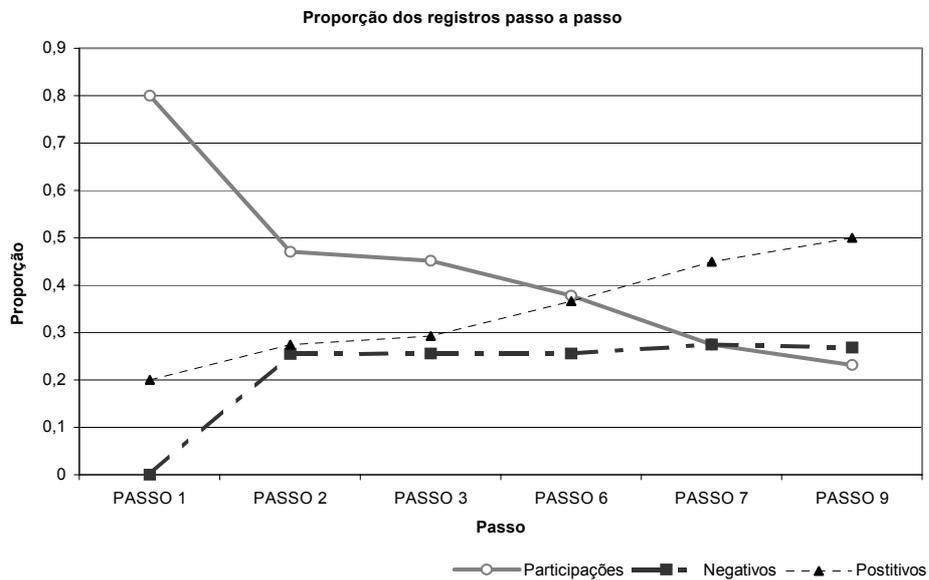


Figura 5. Proporção de relatos das mães em cada categoria, conforme avaliação do juiz B.

4. Análise dos resultados individuais

Os dados de cada criança e da díade mãe-filho é apresentada a seguir. As mudanças comportamentais apresentadas pelas crianças no QSD basearam-se no padrão norte-americano, uma vez que esse instrumento não foi padronizado no Brasil. Esta alternativa impõe limitações e sugere cautela na análise dos resultados. Os dados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3.

Resultados do pré e pós-teste e quadro clínico nos indicadores do QSD.

PARTICIPANTES	DADOS DA AMOSTRA				DADOS DE REFERÊNCIA (EUA)	
	Quant. de Situações		Gravidade		Quant. de Situações	Gravidade
	Pré-teste	Pós-teste	Pré-teste	Pós-teste	Média(dp)	Média(dp)
Nilson	7,0**	2,0*	5,0**	1,0*	3,6(3,3)	1,9(1,5)
Saulo	3,0*	2,0*	6,6**	5,0**	4,1(3,3)	2,0(1,4)
Cristiano	11,0**	7,0*	6,09**	3,8**	3,6(3,3)	1,9(1,5)
Rafaela	8,0**	5,0*	5,1**	5,4**	2,7(3,2)	1,4(1,4)
Juçara	12,0**	7,0**	6,6**	5,2**	2,7(3,2)	1,4(1,4)
Carlos	5,0*	8,0**	6,0**	2,8*	3,6(3,3)	1,9(1,5)
Sergio	3,0*	4,0*	5,0**	3,7**	3,1(2,8)	1,7(1,4)
Edson	16,0**	7,0*	7,4**	1,5*	4,1(3,3)	2,0(1,4)

* Índices situados dentro das normas de referência da população americana geral.

** Índices situados dentro das normas de referência da população americana clínica.

Dos 16 itens analisados no pré-teste, apresentados na Tabela 3 (levando em conta os desvios), apenas três itens apresentaram índices considerados dentro do padrão não clínico. Na avaliação pós-teste dos 16 resultados analisados, 13 apresentaram melhora, sendo que sete itens mantiveram na faixa clínica, e seis apresentaram bom padrão de mudança, inclusive saindo da faixa clínica e se situando na faixa de população geral. Dois resultados apresentaram agravamento no número de situações e um resultado na gravidade do problema. A Tabela 4 apresenta os resultados brutos por indivíduo no pré e pós treinamento.

Tabela 4.

Escore total individual por díade no pré e pós-teste do IHS-Del Prette, ICI e QSD.

Díades	IHS-Del-Prette		Escore ICI		Escore QSD	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
Nilson-Penha	77	95	27	23	35	2
Saulo-Silvia	84	87	21	17	20	10
Cristiano-Helena	91	92	27	26	67	27
Rafaela-Ana Maria	96	80	13	10	41	27
Juçara-Cristina	86	96	54	46	80	37
Carlos-Ilma	93	110	29	25	30	23
Sergio-Sônia	113	110	34	24	15	15
Edson-Vera	129	140	68	29	119	12

No IHS-Del Prette, seis díades apresentaram escores maiores no pós-treinamento e duas outras díades apresentaram redução. A Figura 6 a seguir apresenta em gráfico, os resultados demonstrados na Tabela 4.

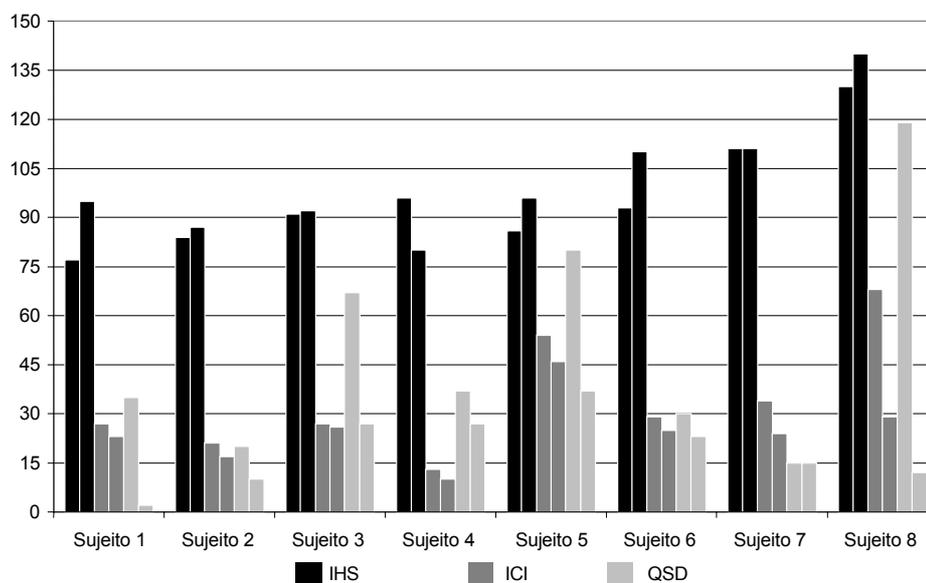


Figura 6. Escores de cada participante obtidos IHS-Del-Prette, ICI e QSD, no pré e pós teste.

5. Descrição das díades

Para a análise individual de cada díade foi estabelecida a seguinte seqüência: (a) informação sócio-econômica da família; (b) escores e análises dos resultados do IHS-Del-Prette da mãe; (c) análise dos relatos verbais da mãe durante as sessões; (d) análise dos resultados obtidos das respostas das mães no QSD e ICI, no pré e pós treinamento. Para preservar a identidade os participantes serão apresentadas com nomes fictícios.

Nilson/Penha. Nilson tem 13 anos, quatro irmãos. A mãe possui cinco anos de escolarização, é casada, vive com o esposo, esteve presente em oito (88,9%) dos nove encontros. A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE em B2. O escore total obtido pela mãe no pré-treinamento através do IHS-Del Prette foi de 77,00 e percentil 15. Esse resultado sugere indicação para treinamento em habilidades sociais. Na avaliação pós-treinamento, o escore obtido foi de 95,00 e percentil 60. Essa mudança a situa com bom repertório de habilidades sociais (acima da média), conforme as normas de referência. A fala da mãe, em relação aos comportamentos do filho, foi distribuída nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 25%; relatos negativos, 50%; relatos neutros: 25%. Os dois últimos passos analisados foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 75%; relatos negativo, 12% e neutros 13%. Observa-se que houve um aumento considerável do número de relatos positivos e um decréscimo na mesma proporção. A partir da avaliação pré e pós-teste utilizando o QSQ e o ICI é possível verificar, segundo relatos da mãe, algumas mudanças de comportamento de Nilson. Os dados obtidos através do QSD, tanto para o número de situações problema como para a severidade das situações, encontravam-se dentro da faixa clínicas no pré-teste. No pós-teste tanto o número de

situações quanto a severidade apresentaram-se fora da faixa clínica, ou seja, dentro do padrão normativo da população geral. Os resultados do ICI indicam manutenção no número de itens de comportamentos inadequados e uma pequena queda na frequência dos comportamentos.

Saulo-Sílvia. Saulo é filho único, tem sete anos. A mãe possui quatro anos de escolarização, é solteira e mora com o filho e uma tia, esteve presente em oito (88,9%) dos nove encontros. A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa D. O escore total obtido pela mãe no pré-teste no IHS-Del Prette foi de 84,00 e percentil 30. Esse resultado sugere bom repertório de habilidades sociais, ainda que situado na média inferior da população de referência. Na avaliação pós-treinamento, o escore obtido foi de 87,00 e percentil 40. Esse resultado apresenta uma pequena modificação nos números obtidos porém, se mantém dentro da mesma faixa do pré-teste. As manifestações da mãe sobre os comportamentos do filho foram distribuídas nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 35%; relatos negativos, 22%; relatos neutros: 43%. Nos dois últimos passos analisados, foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 40%; relatos negativos, 00% e relatos neutros, 60%. Esses dados indicam um pequeno aumento na frequência de relatos positivos e também, aumento nos neutros. É importante destacar que nos últimos passos, não há ocorrência de relatos negativos sobre o filho. A partir da avaliação utilizando o QSD é possível observar que houve, na avaliação pós-teste, uma pequena redução no número de situações problema e na severidade dos mesmos. Os resultados indicam que as mudanças de comportamento do Saulo relacionadas pela mãe, não foram tão significativas para que o promovesse, da faixa clínica para a faixa da

população geral. Os resultados no ICI sugerem uma pequena queda na frequência dos comportamentos importunos.

Cristiano-Helena. Cristiano é filho único, tem 11 anos. A mãe possui o segundo grau completo, é solteira e mora com o filho, esteve presente em 100% dos encontros. A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa C. O escore total obtido pela mãe no pré-treinamento através do IHS-Del Prette foi de 91,00, percentil 50. Esse resultado sugere, repertório médio de habilidades sociais. Na avaliação pós-treinamento, o escore obtido foi de 92,00 e percentil 50. Esse escore no pré e pós-treinamento a mantém dentro da mesma faixa sugerindo que não houve mudança no repertório médio de habilidades sociais. As manifestações da mãe sobre os comportamentos do filho foram distribuídas nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 21%; relatos negativos, 22%; relatos neutros: 57%. Nos dois últimos passos analisados, foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 57%; relatos negativos 32% e neutros, 11%. Verificou-se uma alteração acentuada nos relatos positivos (de 21% para 57%) e diminuição, também considerável da frequência do número de participações, da mãe sem atribuir valor aos comportamentos do filho. Considerando a redução de comportamentos inadequados apresentados inicialmente pelo filho, e a alta frequência da mãe durante os encontros semanais, esse aumento no depoimento negativo pode sugerir, uma maior identificação dos problemas comportamentais do filho que tenha inclusive direcionado para a efetividade dos trabalhos. A partir da avaliação pré e pós-teste utilizando o QSD e ICI foi possível identificar a relatos de mudança ocorrida nos comportamentos do Cristiano. Observa-se no QSD que os dados relativos tanto ao número de situações como ao padrão de

severidade estão, na avaliação pré-treinamento, dentro da faixa considerada clínica e na avaliação pós-treinamento, os resultados indicam padrão de comportamento compatível com a população geral. Já com relação ao ICI, os dados não sugerem mudanças de comportamentos.

Rafaela-Ana Maria. A mãe da Rafaela tem duas filhas, atualmente mora com o segundo companheiro que não é o pai da menina que tem nove anos e, é oito anos mais velha que a irmã. A mãe tem quatro anos de escolarização, esteve presente em oito dos nove encontros semanais embora frequentemente com atraso. A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa C. O escore total obtido pela mãe no pré-treinamento no IHS-Del Prette foi de 96,00 e percentil 60. Esse resultado sugere bom repertório médio de habilidades sociais, situando-a acima da média. Na avaliação pós-treinamento, o escore obtido foi de 80,00 e percentil 20. Embora recebesse assistência individualizada Ana Maria, apresentou muitas dificuldades de compreensão quanto aos instrumentos e para respondê-los. Aparentemente manifestava dificuldade também para acompanhar os temas discutidos no programa. Durante o PTP-HS foi possível observar que a mãe apresentava distúrbio de linguagem. As manifestações da mãe em relação aos comportamentos da filha foram distribuídas nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 25%; relatos negativo, 25%; relatos neutros, 50%. Nos dois últimos passos analisados foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 40%; relatos negativos, 42% e 20% relativos a participação sem atribuir valor aos comportamentos da filha. Houve aumento de relatos positivos e negativos relacionados aos comportamentos da filha e um decréscimo nas participações neutras. A partir da avaliação pré e pós-teste utilizando o

QSD e o ICI, pode-se observar uma pequena mudança na avaliação da mãe sobre os comportamentos da filha. De acordo com os resultados relativos no QSD, na avaliação pré-teste, o número de situações se encontrava dentro da faixa considerada clínica, na avaliação pós-teste o índice se encontra dentro do padrão da população geral. A severidade dos comportamentos apontados pela mãe localiza-se no pré-teste, dentro da faixa considerada clínica e no pós-teste, se mantiveram dentro da mesma faixa clínica. Devido à dificuldade observada nas sessões para compreender os temas trabalhados e também para articular as palavras, os resultados sobre essa mãe devem ser analisados com muita cautela. Com relação aos índices obtidos através do ICI, pode-se observar uma pequena redução na frequência dos comportamentos inadequados apresentados.

Juçara-Cristina. A mãe da Juçara é casada, reside com o marido, tem duas filhas, terceiro grau completo, esteve presente em oito dos nove encontros (88,9%). A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa B2. O escore total obtido pela mãe no pré-teste o IHS-Del Prette foi de 86,00 e percentil 35. Esse resultado sugere, bom repertório de habilidades sociais, embora situado na média inferior. Na avaliação pós-teste, o escore obtido foi de 96,00 e percentil 60 indicando um bom repertório de habilidades sociais, agora na média superior. As manifestações da mãe em relação aos comportamentos da filha apresentaram uma distribuição equivalente nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 33%; relatos negativo, 33%; relatos neutros: 33%. Nos dois últimos passos analisados, a distribuição se modificou: relatos positivos, 22%; relatos negativos, 52% e relatos neutros, 26%. Os resultados obtidos indicam uma diminuição de relatos positivos e neutros e aumento acentuado na frequência de relatos negativos. Embora

a mãe da Juçara tenha apresentado indicativo de ganhos no repertório de habilidades sociais, de acordo com seus relatos verbais durante os encontros semanais, ela identifica predominantemente de forma negativa, os comportamentos da filha. Houve embora os dados dos questionários, sugeriram uma modificação para melhor no comportamento da filha. Durante os encontros semanais a mãe insistia em realçar as dificuldades da filha e parecia não valorizar pequenas mudanças. Juçara vem sendo acompanhada por um neurologista com hipótese diagnóstica de Transtorno de Oposição. A partir dos resultados do QSD, observa-se uma redução considerável no número de situações problema embora os resultados indiquem continuidade na faixa clínica. Observa-se também uma redução na severidade dos problemas, porém da mesma forma, mantendo-se na faixa clínica. O índice de severidade do ICI apresentou uma pequena redução.

Carlos-Ilma: A mãe do Carlos possui nível de escolaridade de Ensino Fundamental completo. Ela é solteira, mora com os quatro filhos, esteve presente em 100% dos encontros. Carlos tem 12 anos. A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa D. O escore total obtido pela mãe no pré-teste no IHS-Del Prette foi de 93,00 e percentil 55. Esse resultado sugere bom repertório de habilidades sociais (acima da média). Na avaliação pós-teste, o escore obtido foi de 110,00, percentil 85 o que é indicativo de repertório de habilidades sociais bastante elaborado. As manifestações da mãe em relação aos comportamentos do filho foram distribuídas nos dois primeiros passos da seguinte forma: relatos positivos, 40%; relatos negativos, 20%; relatos neutros: 40%. Nos dois últimos passos analisados, foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 60%; relatos negativos, 24% e relatos neutros, 16%. Esses resultados indicam

aumento importante na frequência de depoimentos positivos, pequeno aumento na frequência de depoimento negativos e redução na frequência de participação sem atribuir juízo de valor a respeito dos comportamentos do filho. A partir dos resultados do pré e pós-teste do QSD observa-se, uma mudança negativa do número de situações identificadas pela mãe. O número de situações, identificadas como problema aumentou, transferindo da faixa não clínica para a faixa clínica. A avaliação de severidade das situações, no entanto se reduziu, movendo-se da faixa clínica para a não clínica. Com relação ao ICI houve redução na severidade dos comportamentos.

Sérgio-Sônia. Sérgio tem cinco anos, é filho único, sua mãe está no último ano do ensino fundamental é casada e mora com Sergio e o esposo. Esteve presente em oito dos nove passos do programa (88,9%). A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa padrão C. O escore total obtido pela mãe no pré-teste no IHS-Del Prette foi de 84,00 e percentil 30. Esse resultado sugere, bom repertório de habilidades sociais, embora situado na média inferior. Na avaliação pós-teste, o escore obtido foi de 87,00 e percentil 40. A comparação entre um momento e o outro mostra pequena modificação nos números obtidos porém se mantém dentro da mesma faixa da pré-intervenção. O escore total e de percentil do IHS-Del Prette relativos à mãe do Sérgio indicam uma pequena diminuição no repertório de habilidades sociais após o programa. As manifestações da mãe em relação aos comportamentos do filho foram distribuídas nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 33%; relatos negativos, 67% e zero de relatos positivos. Nos dois últimos passos analisados, foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 54%; relatos negativos, 25% e relatos neutros, 21%. Os resultados obtidos

indicam um pequeno aumento na frequência de relatos positivos e também, aumento de relatos neutros. A partir da avaliação pré e pós-teste é possível identificar um pequeno aumento no número de situações problema no QSD, muito embora os índices apresentados mantenham dentro da faixa da população geral. Com relação à severidade dos comportamentos apresentados pelo Sérgio, os números indicaram no pré-teste, padrão de faixa clínica. Na avaliação pós-teste houve uma queda considerável na severidade, indicando um padrão semelhante ao da população geral. No ICI é possível identificar redução no índice de severidade dos comportamentos do Sérgio.

Edson-Vera. A mãe do Edson é casada, mora com o esposo e os quatro filhos, tem escolaridade até o segundo grau completo, esteve presente em oito dos nove passos (88,9%). Edson tem sete anos. A família foi classificada de acordo com o Critério Brasil – IBOPE na faixa C. O escore total obtido pela mãe no pré-teste no IHS-Del Prette foi de 129,00 e percentil 99. Esse resultado indica repertório bastante elaborado de habilidades sociais. Na avaliação pós-teste, o escore obtido foi de 140 e percentil 100. Esse resultado apresenta uma pequena modificação nos números obtidos porém, se mantém dentro do mesmo indicador. As manifestações da mãe em relação aos comportamentos do filho foram distribuídas nos dois primeiros passos em: relatos positivos, 09%; relatos negativos, 09%; relatos neutros, 82%. Nos dois últimos passos analisados, foram distribuídos na seguinte proporção: relatos positivos, 43%; relatos negativos, 19% e relatos neutros, 38%. Os resultados obtidos indicam aumento acentuado na frequência de depoimentos positivos e também aumento na frequência de depoimentos negativos. A partir da avaliação pré e pós-teste utilizando o QSD é possível identificar uma mudança significativa nos

comportamentos do Edson, tanto o número das situações problemas, como na severidade dessas situações. Na avaliação pré-teste os resultados se apresentam compatíveis com a faixa clínica. Na avaliação pós-teste, tanto o número de situações quanto a severidade das mesmas reduziram para os padrões da faixa não clínica. Durante o programa a mãe, em vários momentos, elogiou a contribuição do programa, para a melhora em sua prática educativa com os filhos. Os resultados do ICI indicaram uma queda na frequência dos comportamentos inadequados do Edson.

Discussão

Com base nos conceitos apresentados ao longo deste estudo e na pesquisa realizada, cabe neste momento, tecer considerações e avaliar os resultados.

É possível que Walker ao escrever *Sobre o dever dos pais de educar os filhos*, partiu de uma demanda das relações familiares e necessidade de modificação de comportamento. Desde então, os conhecimentos sobre o desenvolvimento humano e os dados empíricos relacionados às demandas parentais frente aos comportamentos infantis, contribuíram para que os trabalhos nesta área tragam cada vez mais resultados efetivos e alcancem o objetivo de melhora na qualidade de vida dos indivíduos.

Este estudo parte do pressuposto de que, do ponto de vista do desenvolvimento humano, os problemas do comportamento estão relacionados com as características individuais e temperamentais do indivíduo, com a estrutura familiar e ambiental e com o estilo de criação adotado pelos pais, que agregam no desenvolvimento do indivíduo, os resultados que essa interrelação provoca (Skinner, 2000; Bronfenbrenner, 2002; Del Prette & Del Prette 1999). As considerações destes fatores são fundamentais na elaboração de programas que visam à modificação de comportamentos inadequados dos filhos.

Inspirado no Programa de Treinamento de Pais de Barkley (1997) no que se refere à estrutura operacional, o programa desenvolvido neste estudo fundamentou-se no campo teórico-prático das Habilidades Sociais e da Psicologia do Desenvolvimento para eleger os procedimentos utilizados e as estratégias de intervenção, levando em conta os recentes

estudos do campo teórico-prático das Habilidades Sociais para desenvolver estratégias de intervenção comportamentais.

A análise dos resultados quantitativos e qualitativos desta pesquisa indicou que trabalhar os problemas comportamentais de crianças em situação de risco a partir do repertório de habilidades sociais dos pais foi uma proposta bem sucedida. Essa avaliação pode ser dada observando melhoras consideráveis nos problemas comportamentais das crianças e mudanças importantes nas relações intra-familiares, apontadas pelas mães durante os trabalhos.

A demanda apresentada por aquela comunidade ao buscar na academia recursos para trabalhar os problemas de comportamento de suas crianças foi confirmada pelo interesse dos pais em participar do PTP, o que pode ser demonstrado pelos índices de frequência e abandono e pelos resultados obtidos ao final do programa. A julgar pela assiduidade com média de frequência próxima a 90% nas reuniões semanais, podemos mais uma vez confirmar a validade social do estudo. A assiduidade também permite inferir que o formato do programa foi acessível aos participantes. A sua estrutura nas sobreposições dos passos, o trato com o vocabulário acessível à população e o manejo cuidadoso ao lidar com as mães ao citarem espontaneamente situações da vida cotidiana permitiu um clima de parceria e respeito.

O índice de desistência de 38,47% está um pouco abaixo do índice apresentado pela literatura da área. Podemos considerar que o abandono ocorreu até o segundo passo. As mães que participaram do terceiro passo ou até o terceiro passo permaneceram até o final do programa. Estes dados sugerem que as condições motivacionais estabelecidas foram efetivas.

A comparação dos resultados quantitativos na pré e pós-intervenção confirmam algumas expectativas quanto ao repertório de habilidades sociais educativas das famílias de risco como as que participaram do presente estudo. O IHS-Del Prette utilizado aponta para um repertório de habilidades sociais das mães, na sua maioria, abaixo da média da população geral. Fica evidente durante todo o programa e a partir do relato das mães, um repertório pobre de habilidades sociais educativas. As maiores dificuldades estavam relacionadas com as *habilidades sociais para expressar sentimentos positivos e negativos; habilidades sociais para estabelecer limites e habilidades sociais para pedir mudanças no comportamento do filho*. Ao final do programa os depoimentos das mães apontavam para uma melhor performance neste repertório. *Habilidade social para manter conversação e para expressar sentimento positivo ao filho* foram as mais freqüentes na avaliação das filmagens realizadas durante os encontros.

Os instrumentos que avaliam diretamente o repertório comportamental das crianças, QSD e ICI, ofereceram informações animadoras. Observou-se melhoras significativas nos comportamentos inadequados das crianças.

O QSD cujas pontuações individuais estão detalhadas na Tabela 3, apontaram melhora em 13 dos 16 resultados analisados. Em relação às *Situações Problema* apresentadas pela criança foi identificado que seis das oito crianças apresentaram, no pós-treinamento, redução no número de *Situações Problemas*. A análise da *Gravidade* dos problemas comportamentais apresentados apontam para a redução de sua *Gravidade* em sete das oito crianças participantes.

Analisando dentro dos padrões da população norte americana, os resultados permitem ainda verificar que de 13 crianças cujo índice estava dentro da faixa clínica no

pré-treinamento, no pós-treinamento 7 crianças puderam ser classificadas com índices de problemas de comportamento no padrão da população geral. Embora esta alternativa de análise imponha limitações, ela, por outro lado apresenta numericamente uma mudança significativa.

O ICI apresentado na Tabela 4 aponta redução no escore de todas as crianças, ou seja redução no padrão de comportamento avaliado.

O comportamento verbal das mães foi analisado a partir de filmagens feitas durante todo o programa. As três categorias de comportamento foram cotadas por dois juízes. O comportamento verbal negativo; o comportamento verbal positivo e o neutro. O aumento na frequência do comportamento verbal positivo apontado pelos dois juízes sugere uma avaliação mais positiva da mãe em relação ao filho. A redução no comportamento verbal negativo nos permite inferir que além da redução dos problemas comportamentais apresentados através do ICI e do QSD, também pode ter ocorrido um novo padrão de avaliação dos comportamentos do filho e/ou uma melhora na relação mãe-filho.

Dessa forma, os resultados confirmam a expectativa inicial relacionada ao repertório de habilidades sociais educativas das famílias em situação de risco e as possibilidades de modificação. Por outro lado a verbalização das dúvidas dos pais sobre a forma de educar os filhos que ocorreu com muita frequência durante as reuniões permitiu, identificar os déficits pessoais e/ou ambientais dos participantes, a partir de modelos apresentados dentro do próprio grupo.

O repertório de Habilidades Sociais Educativas Parentais apresentados pelos pais e também por eles identificados como resultado da restrição de oportunidade e modelo, é frequentemente o ponto inicial de questionamentos e discussão. O próprio grupo elaborou

sugestões, solicitou e ofereceu novos modelos. Essa dinâmica possibilitou que as “tarefas de casa” que procuravam promover a generalização fossem construídas dentro das rotinas próprias de cada família, a partir de modelos daquela comunidade.

A falta de conhecimento de como lidar com determinadas situações também utilizou como recurso o repertório do próprio grupo com mediação da terapeuta a partir de contribuições da literatura adaptados para aquele contexto. Os princípios da análise do comportamento foram frequentemente utilizados, revistos e discutidos na medida que a fluência dessa análise foi determinante para a manutenção dos ganhos adquiridos.

A grande maioria dos pais continuava praticando até o início do programa, uma postura rígida recorrendo inclusive à agressão física em relação às respostas inadequadas dos filhos embora indagassem a validade dos efeitos educativos de tal postura. A preocupação com a omissão ou com a permissividade no entanto contribuía para a manutenção das posturas agressivas daqueles pais.

Durante o programa os pais puderam identificar que ao modificarem seus comportamentos observavam alterações nos comportamentos dos filhos. Essas modificações retroalimentavam positivamente a mudança ocorrida e favorecia novas modificações. A relação estabelecida entre a melhora no relacionamento pais-filhos e o desenvolvimento de certos repertórios de habilidades sociais é um resultado que vai ao encontro de outros estudos citados como Bolsoni-Silva, Del Prette e Oshi (2003); Del Prette e Del Prette (2005); Kazdin, (2005), Sanders (2005) e Webster Stratton, (2005).

Outras considerações podem ser realizadas a partir deste estudo. A comunidade ao reivindicar um tratamento para os problemas comportamentais apresentados pelas suas crianças, mostra conhecer o seu direito de cidadão e avalia a insuficiência dos recursos

oferecidos pelos serviços de saúde pública, especialmente no sentido preventivo. Embora a Constituição Federal assegure direitos de atendimento principalmente ao menor e ao adolescente, esse direito não é exercido em sua plenitude. Quando existentes, os serviços são insuficientes ou ineficazes em sua proposta.

Avaliação das hipóteses iniciais

Analisando as hipóteses iniciais e os resultados observados no Treinamento em Habilidades Sociais Educativas Parentais, pode-se considerar que o programa contribuiu para promover uma atitude mais positiva dos pais em relação ao seu filho; houve redução nos comportamentos considerados inadequados ou desfavoráveis da criança e identificou-se uma potencialização das habilidades sociais educativas dos pais. Com relação à prevenção de comportamentos desadaptativos dos filhos, uma melhora na relação pais-filho e um aumento no repertório de habilidades sociais educativas dos pais por certo contribuirão para um melhor desempenho comportamental futuro.

Limitações do estudo

A ausência de um grupo controle restringiu a pesquisa a um delineamento tipo AB. Esse delineamento, que compara os efeitos do treinamento com o próprio grupo a partir da avaliação realizada antes e após o treinamento estabelece um estudo de natureza pré-experimental e limita as inferências quanto à especificidade dos efeitos. Embora os resultados obtidos se apresentem em nível bastante animadores quanto à mudança de comportamento das crianças, onde entendemos que pode derivar de aquisições no repertório de habilidades sociais educativas dos pais a partir deste PTP, os benefícios podem também ser advindos da possibilidade de trocas de experiências entre os participantes ou pelo recebimento de atenção durante o período de treinamento.

Pesquisas futuras

Este estudo prevê continuidade. A partir dos resultados obtidos, alguns pontos deverão ser identificados objetivando favorecer a condução de novas pesquisas:

- (a) inicialmente a comparação dessa forma de intervenção TP-HS com outras modalidades de intervenção, inclusive em desenvolvimento no Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento da UFMG e laboratório de Psicologia da Família UFMG;
- (b) investigações mais detalhadas se fazem necessárias quanto à fidedignidade e estabilidade dos escores nos questionários adaptados e aplicados;
- (c) a generalização e manutenção dos benefícios alcançados também deve ser motivo de análise cuidadosa após o encerramento da intervenção.

Referências

- Amarante, C. L. D., Lourenço, C. A. P., Libório, P. P., Godoy, R. F., Pinheiro, M. I. S., & Haase, V. G. *Análise de Desistências de Grupos de Treinamentos de Pais em uma Escola Pública de Belo Horizonte*. Anais I Congresso Brasileiro de Educação Especial/I Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. São Carlos, S.P.
- Ayllon, T., & Michael, J. (1959). The psychiatric nurse as a behavioral engineer. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 2, 323-334.
- Bandura, A., & Walters, R. (1963). *Social learning and personality development*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Baraldi, D. M., & Silveiras, E. F. M. (2003). Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais: Análise empírica de uma proposta de atendimento. In A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões conceituais, Avaliação e Intervenção* (pp. 235-258). Campinas: Alínea.
- Barkley, R. A. (1997). *Defiant children: A clinician's manual for assessment and parent training*. New York: Guilford.
- Barr, R. D., & Parrett, W. H. (2001). *Hope Fulfilled for At-Risk and Violent Youth*. Copyright: Allyn & Bacon.
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family Relations*, 45, 405-414.

- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, A., & Oishi, J. (2003). Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento dos filhos. *Psicologia: Argumento*, 9, 11-29.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2004). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: algumas relações. *Sobre Comportamento e Cognição*, 14, 251-260.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Org.); *Handbook of child psychology* (v. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Camargos Jr., W. & Pinheiro, M. I. S. (2003). Distúrbio da Conduta Esfincteriana. In F. B. Assumpção Jr. & E. Kuczynski. *Tratado de Psiquiatria da Infância e Adolescência*. (pp. 429-441). São Paulo: Atheneu.
- Caballo, V. E. (1999). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. São Paulo: Editora Santos.
- Caballo, V. E. (2003). *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Editora Santos.
- Caballo, V. E., & Simon, M. A. (2005). *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos Específicos*. São Paulo: Santos.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5, 71-93.

- Davis, A. B. L.(1947). Some experiences with two small groups of mothers in a child guidance clinic. *British Journal of Psychiatric Social Work*, 1, 16-22.
- De los Reyes, A. (2005). Informant Discrepancies in the Assessment of Childhood Psychopathology: A Critical Review, Theoretical Framwork, and Recommendations for Further Study. *Psychological Bulletin*, 4, 483-509.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. P., & Del Prette, A. (2001) *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003). Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: Questões conceituais e metodologia da intervenção. In A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem* (pp. 83-127). Campinas: Alínea.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- Dishion, T. J. & Patterson, G. R. (1992). Age effects in parent training outcome. *Behavior Therapy*, 23, 719-729.
- Dodge, K. A. (1993). Social cognitive mechanisms in the development of conduct disorder and depression. *Annual Review of Psychology*, 44, 559-584.

- Fogg, D. G. L. (2003). Parent Training of Toddlers in Day Care in Low-Income Urban Communities. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 2, 261-278.
- Forehand, R. L. & McMahon, R. J. (1981). *Helping the Noncompliant Child: A Clinician's Guide to Parent Training*. New York: Guilford Press.
- Garnezy, N. & Masten, A. (1994). Chronic Adversities. In M. Rutter, E. Taylor. & L. Herson (Orgs.), *Child and Adolescent Psychiatry* (pp. 191-207). Oxford: Blackwell Scientific.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamentos anti-sociais. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões Conceituais, Avaliação e Intervenção* (pp 21-60). Campinas: Alínea.
- Gomide, P. I. C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes*. Petrópolis: Vozes.
- Haase, V. G., de Freitas, P. M., Natale, L. L. & Pinheiro, M. I. S. (2002). Treinamento comportamental de pais: uma modalidade de intervenção em neuropsicologia do desenvolvimento. In A. M. S. Teixeira, M. R. B. Assunção, R. R. Starling & S. S. Castanheira (Orgs.), *Ciência do comportamento. Conhecer e avançar* (vol. 1, pp. 73-89). Santo André: ESETEC.
- Haase, V. G., Gama, A. J., Guimarães, G. Q., & Diniz, L. F. M. (1998). Intervenções Cognitivo-Comportamentais para os distúrbios Externalizantes. *Caderno de Psicologia*. 8, 203-218.
- Haase, V. G., K  ppler, C. & Schaefer, A. S. (2000). Um modelo de Intervens  o psicoeducacional para preven  o da violência no ambiente familiar e escolar psicologia do desenvolvimento. In V. G. Haase, R. Rothe-Neves, C. K  ppler, M. L. M. Teodoro. & G. M. O. Wood (Orgs.), *Psicologia do desenvolvimento: contribui  es interdisciplinares* (pp. 265-282). Belo Horizonte: Health.

- Hartman, R. R., Stage, S. A. & Webster-Stratton, C. (2003). A growth curve analysis of parent training outcomes: examining the influence of child risk factors (inattention, impulsivity, and hyperactivity problems), parental and family risk factors. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44:3, 388-398.
- Hutz, C.S., Koller, S. H., & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, 1, 79-86.
- Kazdin, A. E. (2005). Child, Parent, and Family-Based Treatment of Aggressive and Antisocial Child Behavior. In E. D. Hibbs & P. S. Jensen (Orgs.), *Psychosocial Treatments for Child and Adolescent Disorders: Empirically Based Strategies for Clinical Practice* (pp.445-476). American Psychological Association: Washington.
- Kumpfer, K. L., & Tait, C. M. (2000). *Family Skills Training for Parents and Children*. Juvenile Justice Bulletin. (www.ojjdp.ncjrs.org - site consultado em 10/01/2006)
- Lieberman, R. P. (1970). Behavioral approaches to family and couple therapy. *American Journal of Orthopsychiatry*, 40, 106-118.
- Marinho, M. L. (2001). Subsídios ao terapeuta para análise e tratamento de problemas de comportamento em crianças: quebrando mitos. In M. L. Marinho, & V. E. Caballo (Orgs.), *Psicologia Clínica e da Saúde* (pp. 3-31). Londrina: UEL/APICSA.
- Marinho, M. L. (2005). Um programa estruturado para o treinamento de pais. In V. E. Caballo, & M. A. Simón (Orgs.), *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos Específicos* (pp. 417-443). São Paulo: Santos.
- Marturano, E. M. (1998). A criança, o insucesso escolar precoce e a família: condições de resiliência e vulnerabilidade. *Estudos em Saúde Mental*, 1, 132-149.

- McNamara, M. (1963). Helping children through their mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 4, 29-46.
- Melo, M., Silveiras, E. F. M., & Conte, F. C. S. (2002). Orientação Preventiva de um Grupo de Mães de Crianças com Dificuldades de Interação. In E. F. M. Silveiras (Org.), *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil* (pp. 199-216). Campinas: Papyrus .
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge: Harvard University Press.
- Munro, D. M. G. (1952). An Experiment in the use of grup methods with parents in a child guidance clinic. *British Journal of Psychiatric Social Work*, 6, 16-20.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia Familiar. Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- O'Dell, S. (1974). Training parents in behavior modification: a review. *Psychological Bulletin*, 81, 418-433.
- Olivares, J., Méndez, X. F., & Ros, M.C. (2005). O treinamento de pais em contextos clínicos e da saúde. In V. E. Caballo, & M. A. Simón (Orgs.), *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente* (pp. 365-385). São Paulo: Santos.
- Oliveira, J. A. (1995). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Papalia, D. E., & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Patterson, G. R., & Hinsaey, W. C. (1964). Investigations of some assumptions and characteristics of a procedure for instrumental conditioning in children. *Journal of Experimental Child Psychology*, 1, 111-122.
- Patterson, G. R., & Brodsky, M. (1966). Behavior modification for a child with multiple problem behaviors. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 7, 277-295.
- Patterson, G. R., de Baryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, 44, 329-335.
- Patterson, G.R., Reid, J.B., & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial boys*. Eugene, OR: Castalia.
- Pinheiro, M. A. S., Guimarães, M. M. & Serrano, M. E. (2005). A eficácia de treinamento de pais em grupo para pacientes com transtorno desafiador de oposição: um estudo piloto. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 32, 68-72.
- Pinheiro, M. I. S., Del Prette, A., & Haase, V. G. (2002). *Pais como co-terapeutas: Treinamento em Habilidades Sociais como Recurso Adicional* 3(1), pp.1-42. Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Psicologia, Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento e Laboratório de Psicologia da Família. Belo Horizonte.
- Pinheiro, M. I. S., Camargos Jr., W., & Haase, V. G. (2005). Treinamento de Pais. In W. Camargos Jr. & A. G. Hounie (Orgs.), *Manual Clínico do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade* (pp. 942-986). Nova Lima: Info.
- Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D., & Del Prette, Z. A . P. Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para Pais de Crianças com Problemas de Comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, (no prelo).

- Pumroy, D. K., & Pumroy, S. S.(1965). Systematic observation and reinforcement technique in toilet training. *Psychological Reports*, 16, 467-471.
- Rutter, M. J. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 3, 316-331.
- Rutter, M. J. (1997). Nature-nurture integration. The example of antisocial behavior. *American Psychologist*, 52, 390-398.
- Sanders, M. R. (2005). Uma estratégia de intervenção comportamental familiar em níveis múltiplos para a prevenção e tratamento dos problemas de comportamento infantis. In V. E. Caballo, & M. A. Simón (Orgs.), *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente: Transtornos Específicos* (pp. 387-415). São Paulo: Santos.
- Simons, R. L., Chão, W., Conger, R. D., & Dunn, G. (1999). Quality of parenting as mediator of the effect of childhood deficiency on adolescent friendship choices and delinquency: a growth curve analysis. *Journal of Marriage and Family*, 63, 63-79.
- Skinner, B. F. (1953/2000). *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Webster-Stratton, C. (2005). The Incredible Years: A training Series for the Prevention and Treatment of Conduct Problems in Young Children. In E. D. Hibbs & P. S. Jensen (Orgs.), *Psychosocial Treatments for Child and Adolescent Disorders: Empirically Based Strategies for Clinical Practice* (pp.507-555). American Psychological Association: Washington.
- Williams, L. C. de A., & Aiello, A. L. R. (2004). Empoderamento de famílias: o que vem a ser e como medir. In E. G. Mendes, M. A. Almeida, & L.C.de A. Williams (Orgs.), *Temas em educação especial: avanços recentes* (pp. 197-202). São Carlos: EDUFSCar.

Wolpe, J. S. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Stanford: Stanford University Press.

ANEXOS

Anexo I

INFORMAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA E A CRIANÇA

Nome da criança:	
Data de nascimento:	Idade:

Informações Residenciais

Rua:	
Cidade:	Estado:
CEP:	
Tel. Res.:	Tel. Com:
Outro Tel.:	

Informações Sobre a Família

Nome da mãe:	
Data de nasc.:	Escolaridade (número de anos):
Profissão:	
Nome do pai:	
Data de nasc.:	Escolaridade (número de anos):
Profissão:	
Número de irmãos:	
1 - _____	idade:
2 - _____	idade:
3 - _____	idade:
4 - _____	idade:

Anexo II

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Srs. Pais,

Estamos iniciando uma pesquisa que tem como objetivo avaliar os efeitos de um Programa de Treinamento de Pais em Habilidades Sociais, no repertório de comportamentos dos pais e das crianças da escola de seu filho.

O programa é composto por 11 encontros, realizados uma vez por semana em horário o dia a serem definidos, a sua participação no programa poderá contribuir para aprimorar as formas de orientação aos seus filhos, diminuindo os comportamentos desadaptativos dos filhos e os conflitos familiares.

Durante todo o programa as sessões serão filmadas para futuras análises. A equipe técnica assume o compromisso de que e que os resultados obtidos serão discutidos apenas em reuniões científicas e que a identidade dos participantes, não será divulgada. Sua participação é voluntária e você poderá interrompe-la a qualquer momento caso tenha esse interesse. Solicitamos porém, durante o programa, o compromisso de participar junto com seu filho, das atividades a serem desenvolvidas com freqüência e dedicação.

A pesquisadora compromete-se em desenvolver um trabalho dentro das orientações do código de ética do Psicólogo e de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Caso necessitem de qualquer informação adicional, o contato com a pesquisadora pode ser feito através do telefone (31) 9131 8999.

Atenciosamente,

Maria Isabel dos Santos Pinheiro (pesquisadora responsável, mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, orientada pelo Prof. Dr. Almir Del Prette).

Eu -----, responsável pelo menor _____, após ter lido e compreendido todas as informações referentes ao estudo, com o presente documento, declaro ter interesse em participar do Programa de Treinamento de Pais – Habilidades Sociais, Belo Horizonte, de de 2004.

Assinatura

Anexo III

QUESTIONÁRIO DE SITUAÇÕES DOMÉSTICAS

NOME DA CRIANÇA	
QUEM ESTÁ PREENCHENDO O QUESTIONÁRIO	
Parentesco com a criança:	Data:

Instruções: Indique se o seu filho apresenta dificuldades para obedecer ordens ou seguir as normas e regras familiares em qualquer uma destas situações. Caso seu filho apresente problema em alguma destas áreas, faça um círculo ao redor da palavra sim e em seguida faça um círculo ao redor do número que descreve a severidade ao problema para você. Se a sua criança não apresenta problema nesta situação, faça um círculo ao redor da palavra não indo em seguida para a próxima situação no formulário. Nos quadros em branco relacione outras dificuldades do seu filho.

SITUAÇÕES		INTENSIDADE								
		Leve	Moderado	Severa						
Quando brinca sozinho	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando brinca com outras crianças	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Na hora das refeições	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Na hora de se vestir	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Na hora do banho	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando você está no telefone	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando assiste televisão	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando há visitas em sua casa	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando você está visitando alguém	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Em lugares públicos (lojas, igrejas, Restaurantes, etc)	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando o pai está em casa	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando deve fazer alguma tarefa	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando precisa fazer o para casa	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Na hora de dormir	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando está no carro	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Quando está com a babá	Sim-Não	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Barkley (1997) – tradução Laboratório de Neuropsicologia da UFMG

Anexo IV

INVENTÁRIO DE COMPORTAMENTOS IMPORTUNOS

Instruções: faça um círculo ao redor do número que melhor descreve o comportamento de seu filho em casa nos últimos seis meses.

	Nunca ou raramente	De vez em quando	Frequente	Muito frequentemente
1. Não presta atenção aos detalhes ou comete erros por descuido ao fazer o para casa	0	1	2	3
2. Tem dificuldade para manter a atenção em tarefas ou atividades recreativas	0	1	2	3
3. Não parece escutar quando falam com ele.	0	1	2	3
4. Não segue as instruções e falha em terminar o trabalho.	0	1	2	3
5. Tem dificuldade para organizar tarefas e atividades.	0	1	2	3
6. Evita as tarefas que exigem esforço mental, tais como os deveres escolares.	0	1	2	3
7. Perde coisas necessárias às tarefas ou atividades.	0	1	2	3
8. Se distrai com facilidade.	0	1	2	3
9. É esquecido nas atividades diárias.	0	1	2	3
10. Quando sentado, não consegue ficar sem remexer as mãos ou sem ficar se retorcendo.	0	1	2	3
11. São do assento na sala de aula ou em outras situações onde permanecer sentado é esperado.	0	1	2	3
12. Fica o tempo todo correndo de um lado para o outro ou subindo e descendo mesmo em situações onde isto não é apropriado.	0	1	2	3
13. Tem dificuldade em jogar ou engajar-se calmamente em atividades de lazer.	0	1	2	3
14. É como se tivesse ligado a um motor ou fosse um bichinho carpinteiro.	0	1	2	3
15. Fala excessivamente.	0	1	2	3
16. Deixa escapar as respostas antes mesmo que os outros tenham terminado de formular a pergunta.	0	1	2	3
17. Tem dificuldade para esperar a sua vez.	0	1	2	3
18. Interrompe ou intromete-se com os outros.	0	1	2	3
19. Perde a calma.	0	1	2	3
20. Discute com adultos.	0	1	2	3
21. Desafia os adultos ou se recusa a seguir ordens ou obedecer as normas e regras.	0	1	2	3
22. Incomoda as pessoas de propósito.	0	1	2	3
23. Culpa os outros por seus enganos ou mau comportamentos.	0	1	2	3
24. É muito sensível e se ofende facilmente.	0	1	2	3
25. É bravo e ressentido.	0	1	2	3
26. É rancoroso e vingativo.	0	1	2	3

Barkley (1997) – tradução Laboratório de Neuropsicologia da UFMG

ANEXO V

INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS (IHS-Del-Prette)

Zilda A. P. Del Prette & Almir Del Prette

Instruções

Leia atentamente cada um dos itens que se seguem. Cada um deles apresenta uma ação ou sentimento (parte grifada) diante de uma situação dada (parte não grifada). Avalie a frequência com que você age ou se sente tal como descrito no item.

RESPONDA A TODAS AS QUESTÕES. Se uma dessas situações nunca lhe ocorreu, responda como se tivesse ocorrido, considerando o seu possível comportamento.

NA FOLHA DE RESPOSTAS, assinale, para cada um dos itens, um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que você apresenta a reação sugerida, considerando um total de 10 vezes em que poderia se encontrar na situação descrita no item.

Utilize a seguinte legenda:

- A. NUNCA OU RARAMENTE (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 2 vezes)
- B. COM POUCA FREQUÊNCIA (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 3 a 4 vezes)
- C. COM REGULAR FREQUÊNCIA (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 5 a 6 vezes)
- D. MUITO FREQUENTEMENTE (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)
- E. SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

É IMPORTANTE QUE VOCÊ RESPONDA TODAS AS QUESTÕES.



© 2001 - Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
Rua Morato Coelho, 1059 - Pinheiros - 05417-011 - São Paulo, SP - Brasil - Tel.: (11) 3034 3600 - Fax: (11) 3064-5392

ANEXO VII

PAIS COMO CO-TERAPEUTAS

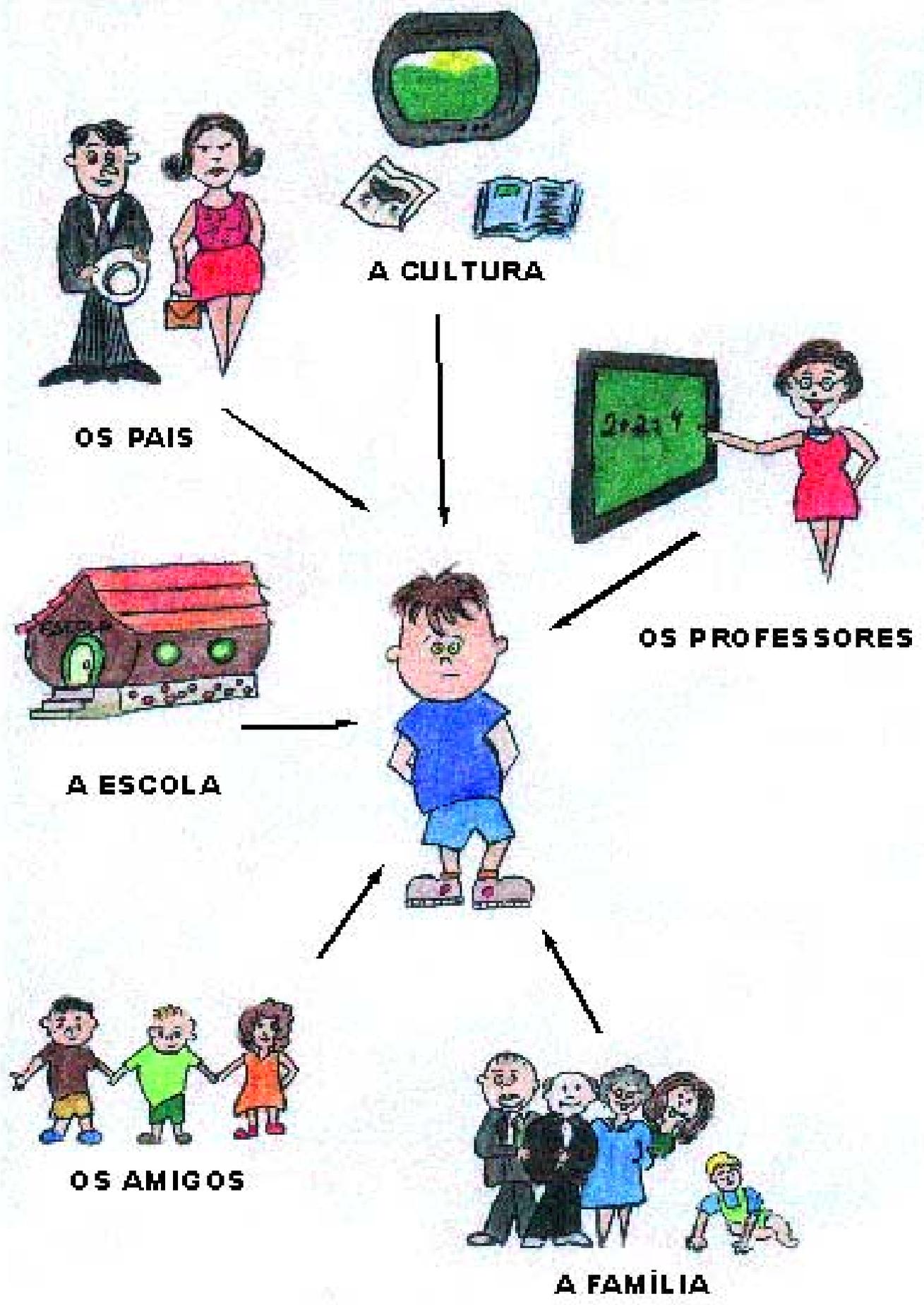
TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS
COMO RECURSO ADICIONAL.



SEQÜÊNCIAS DO PROGRAMA

PASSO 1

PORQUE AS CRIANCAS SE COMPORTAM DE MANERA INADEQUADA



PASSO 2

PRESTANDO ATENÇÃO NO BOM COMPORTAMENTO DO SEU FILHO

Faça um recreio especial

• **ESCOLHA A HORA APROPRIADA**

• **DE ATENÇÃO SO PARA SEU FILHO**

• **NAO DE ORDENS**

• **NAO FAÇA PERGUNTAS**

• **CADA CONSEQUENCIA DEVE
ESTAR LIGADA DE MODO CLARO
AO COMPORTAMENTO**

• **APOS UM MAL COMPORTAMENTO
SUSPENDA A ATENÇÃO**



PASSO 3

AUMENTANDO A BRINCADEIRA INDEPENDENTE

ENQUANTO O PAI SE OCUPA DE UMA ATIVIDADE É IMPORTANTE QUE O FILHO SAIBA DESENVOLVER UMA BRINCADEIRA INDEPENDENTE



EX: COSTURAR, CONVERSAR COM UM AMIGO, COZINHAR, FALAR AO TELEFONE

MUITAS CRIANÇAS NÃO PERMITEM QUE OS PAIS DÊM ATENÇÃO A OUTRA PESSOA OU ATIVIDADE



PASSO 4

VALORIZANDO O COMPORTAMENTO OBEDIENTE

- OS COMPORTAMENTOS SÃO MANTIDOS POR SUAS CONSEQUÊNCIAS
- CRIE OPORTUNIDADES PARA ELOGIAR SEU FILHO
- CRIE OPORTUNIDADES PARA AGRADECER SEU FILHO

É IMPORTANTE QUE AS CONSEQUÊNCIAS PARA O COMPORTAMENTO DO SEU FILHO SEJAM CLARAS E IMEDIATAS

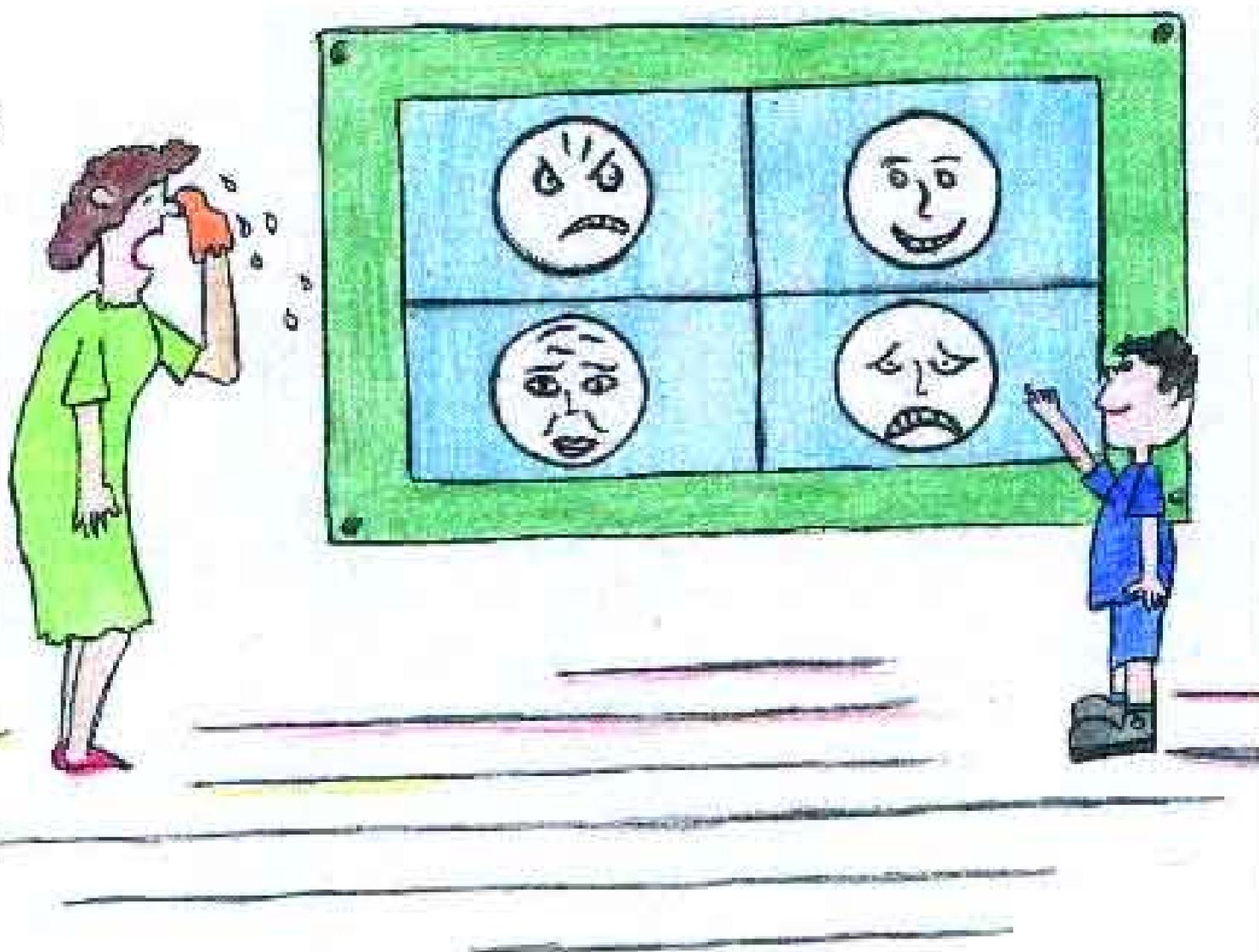


PASSO 5

ENSINANDO O FILHO A LER O AMBIENTE

**É IMPORTANTE RECONHECER A EMOÇÃO
APRESENTADA PELAS PESSOAS:**

- ATRAVÉS DA EXPRESSÃO DO ROSTO
- ATRAVÉS DA EXPRESSÃO DO CORPO
- ATRAVÉS DO TOM DA VOZ



PASSO 6

DANDO ORDENS EFICIENTES

• REDUZA AS FONTES DE DISTRAÇÃO ANTES DE DAR UMA ORDEM

• NÃO APRESENTE UMA ORDEM SOB FORMA DE PERGUNTA

• CERTIFIQUE-SE QUE A CRIANÇA PRESTOU ATENÇÃO A VOCE

• DÊ UMA ORDEM DE CADA VEZ



PASSO 7

MELHORANDO O COMPORTAMENTO NA ESCOLA

• NA ESCOLA INICIAMOS OS CONTATOS SOCIAIS FORA DA FAMÍLIA

• É IMPORTANTE A APROXIMAÇÃO DOS PAIS, PROFESSORES/ESCOLA



PASSO 8

REPRESENTAÇÃO DE PAPEIS

- COMPREENDENDO O PRÓPRIO PAPEL

- COMPREENDENDO O PAPEL DO OUTRO

- COMPREENDER O PRÓPRIO PAPEL E O PAPEL DO OUTRO NA RELAÇÃO



PASSO 9

DESENVOLVENDO A CAPACIDADE DE SE EXPRESSAR



• EXPRESSAR OS NOSSOS DESEJOS E OPINIÕES DE FORMA ADEQUADA

• PROCUPAR ENTENDER A EXPRESSÃO DO OUTRO



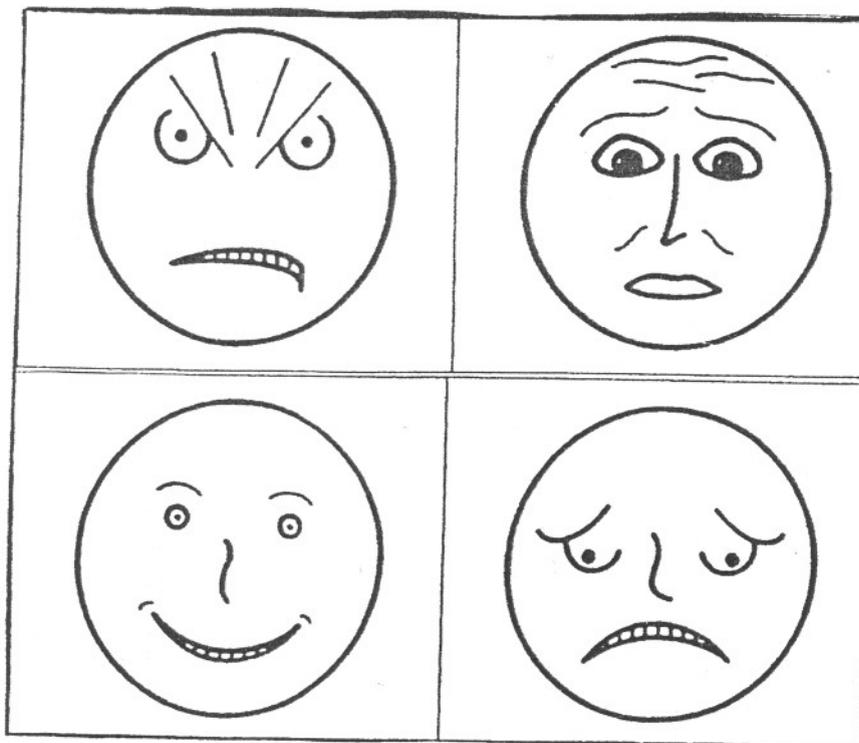
• EXPLICAR DE MANEIRA CLARA, EXPONDO SUA OPINIÃO SEM AGREDIR A OUTRA PESSOA FACILITA A COMUNICAÇÃO



ANEXO VII

FIGURAS E ESQUEMA DE RESPOSTAS PARA A DISCRIMINAÇÃO DE EMOÇÕES

ESQUEMAS FACIAIS

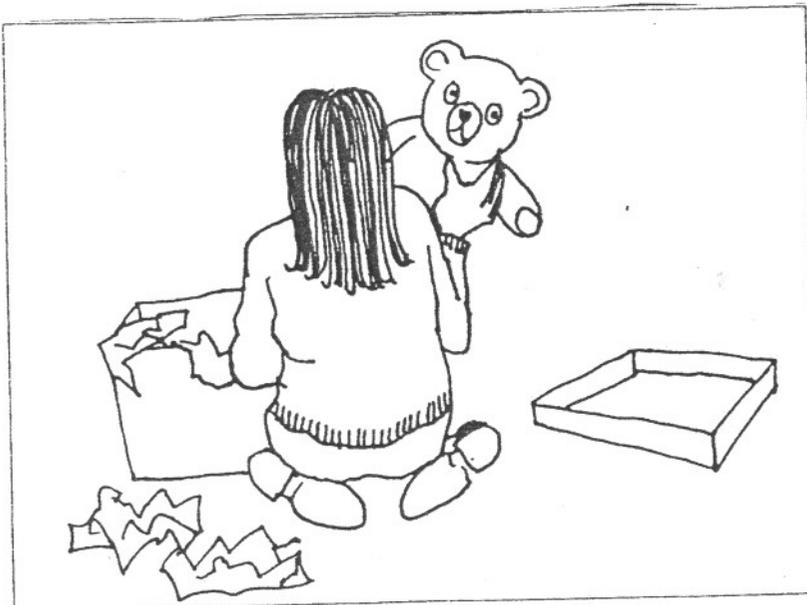


02

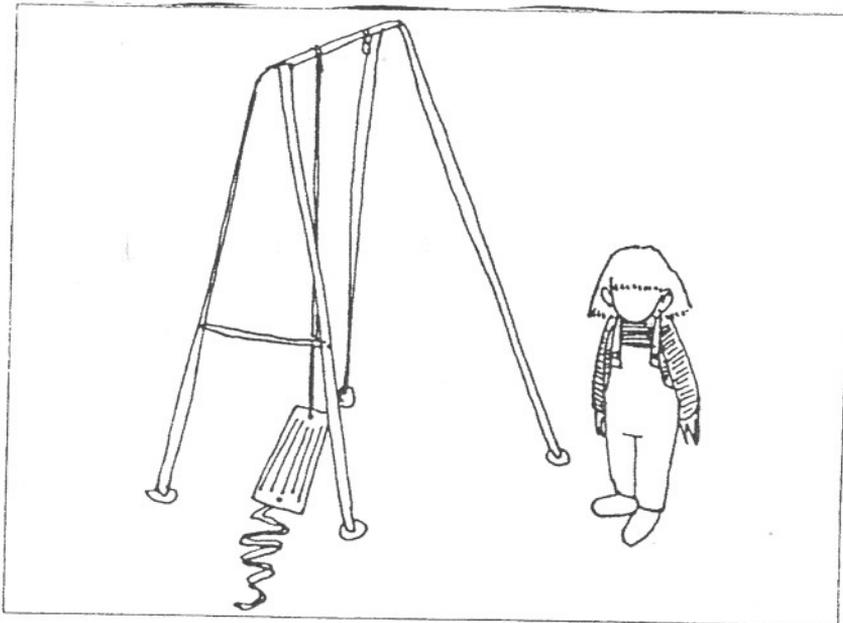
EMOÇÕES



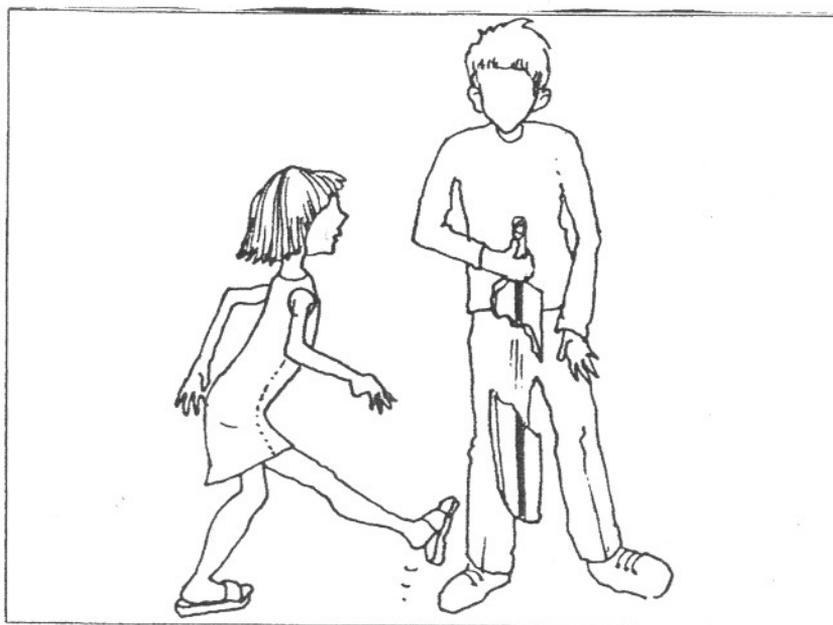
EMOÇÕES



EMOÇÕES



EMOÇÕES



ANEXO VIII

CARIMBO

Pais,

Hoje, dia / / , o comportamento
de seu filho(a) na escola, foi:



Muito bom



Neutro



Não comportou bem

Obs.prof. _____

Obs.aluno _____

0/0

Psicopatologia do Desenvolvimento
- Relatórios Técnicos -

PAIS COMO CO-TERAPEUTAS:

TREINAMENTO EM HABILIDADES SOCIAIS COMO RECURSO ADICIONAL



Maria Isabel dos Santos Pinheiro
Almir Del Prette
Vitor Geraldi Haase

Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento
Laboratório de Psicologia da Família

Departamento de Psicologia – FAFICH/UFMG

Psicopat.Des.Rel.Tec. Belo Horizonte ano 3 nº1 p.1-42 jan/jul 2002

ÍNDICE

I. Agradecimentos.....	2
II. Apresentação.....	3
III. Introdução.....	8
IV. O que é o Programa de Treinamento de Pais.....	11
V. Passo 1: Por que as crianças se comportam de maneira inadequada.....	14
VI. Passo 2: Prestando atenção no bom comportamento do filho <i>Faça um recreio especial</i>	18
VII. Passo 3: Prestando atenção na brincadeira independente.....	21
VIII. Passo 4: Prestando atenção no comportamento obediente.....	23
IX. Passo 5: Ensinando a ler o ambiente.....	25
X. Passo 6: Dando ordens eficientes.....	28
XI. Passo 7: Melhorando o comportamento na escola.....	30
XII. Passo 8: Representação de papéis.....	33
XIII. Passo 9: Desenvolvendo a capacidade de se expressar.....	37
XIV. Referência Bibliográfica.....	41
XV Realização.....	42

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos membros e amigos do Laboratório de Psicologia da Família e do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, da Universidade Federal de Minas Gerais que participaram das várias etapas do Programa de Treinamento de Pais.

Em especial agradeço às diretoras da Escola Municipal Maria das Neves, Rita e Teresa, na gestão 1999/2002 e às diretoras Fátima e Beatriz da gestão 2003/2005. Agradeço também a professora Margarida H. Windholz pelas sugestões e incentivo e a amiga e artista plástica, Silvia Voloch, pelos desenhos.

Isabel

APRESENTAÇÃO

O trabalho colaborativo com os pais foi um dos maiores avanços ocorridos na área de intervenções psicológicas com crianças e adolescentes. Os chamados “treinamentos de pais” constituem uma modalidade inovadora de intervenção que enfoca algumas das questões mais importantes para o atendimento de transtornos do desenvolvimento ou comportamento na infância e adolescência. Em primeiro lugar, é importante destacar que esta modalidade de intervenção enfoca a família como um todo e não apenas o comportamento de um indivíduo considerado como problemático. A idéia é que os pais modifiquem suas práticas disciplinares e educativas, com o objetivo de promover comportamentos mais adaptativos em seus filhos. Com isto os pais acabam tendo uma oportunidade de refletir e aperfeiçoar seus próprios valores e comportamentos, aprendendo a construir, justificar e aplicar um discurso e uma prática disciplinares unificados e baseados em princípios éticos de respeito e promoção do desenvolvimento humano.

Em segundo lugar, o treinamento de pais oferece soluções para algumas questões técnicas em psicoterapia infantil. A principal delas é a questão da generalização. Como se assegurar de que os princípios e comportamentos adquiridos no ambiente terapêutico serão transferidos para os ambientes em que a criança vive, ou seja, a família e a escola? Isto é muito difícil na situação tradicional em que a criança trabalha uma ou duas vezes por semana com uma terapeuta e a mãe fica folheando revistas na sala de espera. Muitas vezes os pais ouvem descrentes os progressos descritos pela terapeuta no seu relacionamento com a criança; sem observarem, entretanto, quaisquer modificações substanciais do comportamento em casa ou na escola. Como o treinamento de pais é realizado em casa, - implementado pelos pais, conforme o seu ritmo de trabalho – as dificuldades e os ganhos são observados e registrados no ambiente natural da criança. O treinamento de pais focaliza também o comportamento da criança na escola, através do trabalho colaborativo entre pais e professoras.

O modelo de trabalho colaborativo com os pais se caracteriza também pela ampla utilização de medidas avaliativas quanto à sua

eficácia, que permitem reconhecer os sucessos e fracassos terapêuticos de modo transparente, propiciando uma troca de informações e planejamento conjunto com os pais de modo a encontrar as soluções mais eficazes e aceitáveis para os problemas enfrentados pela família. O treinamento de pais se constitui também em uma modalidade de terapia breve com duração e objetivos pré-estabelecidos, os quais podem ser periodicamente renegociados após a avaliação dos resultados alcançados. Estas características quanto à sua flexibilidade fazem com que o modelo de treinamento de pais tenha se tornado uma modalidade de intervenção amplamente utilizada no atendimento a crianças com transtornos do desenvolvimento e suas famílias. O treinamento de pais tem se revelado eficaz no atendimento de diversas condições clínicas tais como: transtornos invasivos do desenvolvimento, como o autismo; transtornos externalizantes, como a hiperatividade e os comportamentos desafiadores-opositivos; treinamento de habilidades da vida diária em crianças com desfavorecimentos intelectuais etc. O treinamento de pais tem se revelado útil também no tratamento de transtornos internalizantes tais como depressão, fobias e déficits no desenvolvimento de habilidades sociais.

A filosofia subjacente ao treinamento de pais é altamente compatível com as pesquisas e intervenções desenvolvidas na área de habilidades sociais. O treinamento de pais procura mudar a ênfase da família, dos comportamentos problemáticos para os comportamentos adaptativos da criança. Os pais aprendem a direcionar sua atenção para os aspectos mais adaptativos do comportamento da criança, procurando valorizá-los e promovê-los através do incentivo, principalmente do elogio ou reforço social. As crenças tradicionais de muitas famílias sobre a necessidade ou eficácia das técnicas disciplinares punitivas são questionadas, sendo que os pais experimentam e verificam na prática, e com orientação do terapeuta, a eficácia de abordagens não-coercivas, baseadas no incentivo. Os pais têm então a oportunidade de se exercitar na utilização de técnicas disciplinares que além de muito mais eficazes promovem um convívio familiar mais gratificante.

É importante ressaltar, entretanto, que o treinamento de pais não se constitui em qualquer tipo de panacéia, com o poder de curar desde unha encravada até calvície. O treinamento de pais coloca determinadas exigências do ponto de vista das habilidades dos pais e

seus objetivos têm alcance limitado. Em primeiro lugar, os pais precisam estar dispostos a colaborar e a gastar um pouco do seu tempo e esforço na perseguição das metas de melhorar o convívio familiar e o comportamento dos seus filhos. Em segundo lugar, o pai e a mãe precisam estar dispostos a desenvolver um discurso e práticas disciplinares consistentes entre si e de um momento para outro. Se a discórdia no casal é muito grande ou se a família está muito desestruturada, tudo o que se consegue com o treinamento de pais é que os pais identifiquem a necessidade de realizar uma terapia de família. O que muitas vezes já é alguma coisa.

O alcance do treinamento de pais também é limitado. A expectativa não pode ser de que a criança portadora de autismo, por exemplo, vai deixar de sê-lo. O que se consegue, acima de tudo, são pequenos ganhos no funcionamento social e cotidiano. Ganhos que, apesar de pequenos, podem se traduzir em mudanças significativas do ponto de vista da adaptação psicossocial e da qualidade de vida. Ganhos que podem também ser cumulativos, recompensando enormemente o trabalho de pais e terapeutas com o passar do tempo.

A psicóloga Maria Isabel dos Santos Pinheiro possui ampla experiência com o emprego da abordagem de treinamento de pais nos diversos problemas do desenvolvimento e comportamento de crianças e adolescentes em diversos contextos clínicos. Isabel já teve oportunidade de participar e conduzir estudos em que a eficácia do treinamento de pais foi avaliada em diferentes contextos, tais como clínicas universitárias, clínica privada, escolas e comunidades carentes. Isabel tem se destacado principalmente na adaptação e utilização do treinamento de pais para o atendimento de crianças portadoras de transtornos invasivos do desenvolvimento. Nesta área, Isabel tem se tornado uma referência, principalmente pelo preparo técnico, serenidade, confiança, carinho e dedicação que inspira a famílias dedicadas a “socializar” crianças que apresentam dificuldades nos mecanismos mais básicos, quase instintivos, que motivam o convívio social. Nunca é demais ressaltar o grau de empatia e otimismo que se faz necessário para treinar as habilidades mais elementares da vida diária com crianças – e famílias – que parecem, por vezes, jamais conseguir generalizar de um treinamento para outro. A sensação que se tem, muitas vezes, é que cada objetivo precisa ser recomeçado do zero... O que apenas redobra as necessidades de esforço e dedicação.

A cartilha com que ora Isabel nos brinda é fruto de anos de trabalho e foi planejada com o intuito de incorporar elementos de habilidades sociais ao treinamento de pais. Além de original, esta proposta é muito oportuna. De todas as habilidades humanas, as sociais são aquelas que mais destacam em nossa espécie. A maior parte da nossa inteligência e empenho é desenvolvida e empregada com o intuito de melhorar o nosso convívio social e os benefícios dele auferidos. As habilidades sociais fazem parte do nosso conhecimento procedimental e dizem respeito às práticas de navegação social que nos habilitam a perseguir nossos objetivos pessoais sem desrespeitar os de outrem. As habilidades sociais são aprendidas, principalmente em casa. Se o indivíduo não adquiriu determinado repertório de procedimentos comportamentais até uma certa idade, torna-se muito difícil, mas não impossível, recuperar o “atraso”. O aumento do tamanho e complexidade das redes sociais tem imposto demandas cada vez maiores do ponto de vista de habilidades sociais. Daí a importância cada vez maior atribuída ao tema por cientistas sociais e comportamentais.

Ao mesmo tempo, as habilidades sociais impõem exigências do ponto de vista da integridade funcional de algumas estruturas cerebrais, principalmente daquelas relacionadas com os circuitos límbicos e pré-frontais. Apesar de serem habilidades adquiridas, a aprendizagem das habilidades sociais requerem a integridade funcional de alguns mecanismos neurocognitivos básicos. Pessoas que apresentam déficits nos mecanismos de reforçamento não conseguem, por exemplo, discriminar e generalizar a partir das conseqüências dos seus comportamentos sociais. Com isto o seu repertório de habilidades sociais fica muito reduzido e as conseqüências pessoais podem ser catastróficas tanto para o indivíduo quanto para a família. Este é o caso, por exemplo, de indivíduos portadores da doença de Urbach-Wiethe, uma enfermidade genética caracterizada por degeneração bilateral da amígdala (Adolphs, Tranel & Damasio, 1994), ou de indivíduos que sofreram lesões precoces na região orbital do córtex frontal (Anderson, Damásio, Tranel & Damásio, 2000).

Habilidades cognitivas implementadas na região do córtex pré-frontal dorsolateral são também fundamentais para o desenvolvimento das

habilidades sociais. Para empatizar com o outro, por exemplo, é necessário conseguir representar suas necessidades, seu ponto de vista e seus direitos, na memória de trabalho. A consideração simultânea de duas perspectivas, a própria e a alheia, é uma das tarefas cognitivas mais complexas, recrutando funcionalmente amplas porções do córtex pré-frontal. Ao mesmo tempo, a necessidade de considerar a perspectiva alheia no processo de tomada de decisão é um dos acontecimentos mais banais da vida cotidiana. Dados de pesquisa indicam que o comportamento anti-social de alguns indivíduos pode estar relacionado tanto a déficits de reforçamento, quanto a dificuldades no funcionamento executivo que impedem a consideração das necessidades e direitos das outras pessoas (Dodge, 1993).

É grande o elenco de transtornos do desenvolvimento caracterizados por déficits no funcionamento executivo ligados a disfunções dos lobos pré-frontais. Pela sua freqüência e importância, podemos mencionar o autismo, a hiperatividade e o comportamento desafiador-opositivo (Pennington & Ozonoff, 1996). A educação de crianças, apresentem elas transtornos invasivos ou externalizantes do desenvolvimento e comportamento, confronta as famílias com desafios enormes. A reação dos familiares é muitas vezes ambígua, um misto de frustração e culpa. Os sentimentos ambíguos podem conduzir à negligência na promoção dos comportamentos adaptativos e ao reforçamento diferencial de comportamentos desadaptativos. Com isto, pode se criar um círculo vicioso que amplifica os problemas comportamentais da criança e aumenta a percepção dos pais quanto à severidade do problema, bem como a sua perplexidade. A incorporação de elementos de habilidades sociais ao programa de treinamento de pais significa uma importante contribuição à ruptura deste ciclo vicioso e à promoção de um desenvolvimento mais adaptativo.

Prof. Dr. Vitor Geraldi Haase
Coordenador
Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento
FAFICH - UFMG

INTRODUÇÃO

Tive a prazerosa incumbência de fazer a introdução a este trabalho. Isso, de certa maneira, aumenta minha responsabilidade. Penso que comentar qualquer realização, em particular a acadêmica deve, necessariamente, trazer ao público algumas informações sobre o seu autor. E é por esse caminho que inicio minha tarefa. Isabel é psicóloga, terapeuta, participante ativa do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento da UFMG, coordenado pelo Prof. Dr. Vitor Geraldi Haase. Além das preocupações profissionais, é mãe e cidadã consciente de sua participação junto à comunidade, daí porque sua idéia de Mestrado envolve o trabalho de orientação a pais.

Conheci Isabel em uma de suas visitas ao Laboratório de Interação Social na Universidade de São Carlos, onde estou inserido. Logo em nosso primeiro encontro de trabalho, percebi o seu jeito entusiasmado de fazer as coisas: Isabel trazia consigo um cem número de questionários, testes e outros instrumentos de avaliação e de atendimentos com crianças e pais. Quase soçobramos nesse conjunto de materiais. Compreendi o seu afã e, antes de qualquer outra providência, discuti com ela a necessidade de nos impor um método de trabalho. Talvez ela tenha se surpreendido quando lhe disse que tal método podia ser reduzido nas palavras “começar pelo começo”. Antes de qualquer material, era importante verificar o que a preocupava, quais eram seus objetivos, o que pretendia investigar.

Aos poucos nos disciplinamos, mas o melhor foi que Isabel não perdeu a motivação, que se concretiza, agora, nessa cartilha que você, leitor, tem em mãos. Trata-se de um trabalho do tipo “faça você mesmo” porém, como faz parte de um projeto mais amplo, as pessoas que pretendem utilizá-lo não o farão de maneira solitária, pois encontrarão na escola orientação e respostas às dúvidas que surgirem. Esse manual, ou cartilha como está sendo chamado, também usa o método “começar pelo começo”. É um programa pensado em uma seqüência denominada passos. Cada passo propõe uma ou mais atividade para os pais realizarem *com* e *para* os seus filhos.

A ilustração inicial mostra uma escada com nove degraus. Cada degrau simboliza um passo e contém, de forma reduzida, o desenho do conteúdo daquele passo. O desenho da escada é bastante sugestivo. Primeiro porque traz a idéia de um processo de caminhada, de um ponto ao outro. Além disso, representa uma noção de subida. Ou seja, você sai de um lugar e a cada momento (passo) faz alguma coisa que, ao ser concretizada, lhe fornece condições para subir mais um degrau e assim sucessivamente. As atividades de cada passo são realizadas dentro de um tempo, o que não significa que ao passar adiante os pais deixem de usar as aprendizagens já adquiridas.

Quem trabalha com crianças, seja como professor, terapeuta, médico, pais, sabe que não há mágica. Em tudo se torna necessário algum esforço. Se você leva seu filho ao médico sabe que deve seguir suas indicações, dando-lhe os remédios nos horários corretos, caso contrário o tratamento não dará resultado. A presente cartilha também pede esforço. Na verdade, o programa da cartilha vai ajudá-lo organizar esforços que você *já vem* fazendo. Observando os comportamentos dos pais em relação aos seus filhos é possível perceber quanta energia é utilizada, na maioria das vezes com poucos resultados. Seguindo as indicações da cartilha, aos poucos os pais perceberão que a tarefa de educar pode ser prazerosa e realizada com menor desgaste.

Além dos pais, o presente trabalho poderá, também, ser útil para professores, diretores de escola, orientadores e psicólogos. A todos desejamos que façam bom proveito da leitura desse texto.

Almir Del Prette

Oi, mãe! Oi, pai!

Hoje estou me dirigindo a vocês para apresentar esta cartilha que faz parte do trabalho que estamos desenvolvendo juntos.

Em nossos encontros semanais, conversamos sempre sobre a importância da presença e da atenção dos pais na vida dos filhos. Essa presença e atenção contribuem para que os filhos sejam orientados, se sintam amados e cresçam sadios, alegres e ativos. Dessa forma, suas crianças terão grandes chances de serem jovens e adultos ajustados e bem adaptados na convivência com as outras pessoas.

Nosso Programa de Treinamento de Pais funcionará como um pequeno curso. Sabemos que para todas as funções/atividades existem cursos, menos para uma muito importante, que é a função de pais, que, aliás, se estica por toda uma vida. Bem sabemos não há muito tempo, os ofícios da cozinha, da costura, da farmácia, da enfermagem, do professor eram passados do pai para o filho. Hoje existem os cursos que passam essas informações para que esses ofícios sejam aprendidos de forma mais rápida, adequada e produtiva. E ser pai/mãe? Como temos aprendido? Continuamos aprendendo através de observações e orientações das pessoas mais experientes.

Nesse Programa de Treinamento de Pais - PTP, procuramos utilizar os conhecimentos da Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Cognitiva e Psicologia Comportamental para contribuir no processo de orientação aos pais.

Esta cartilha segue a mesma ordem do trabalho que está sendo desenvolvido, foi dividida em PASSOS e vocês vão ver como é simples e prática de ler e entender.

O QUE É O PROGRAMA DE TREINAMENTO DE PAIS?

Muitas vezes, os pais se queixam de não saber como lidar com certos comportamentos de seus filhos e se esforçam nessa difícil tarefa; entretanto, esses esforços podem ser de pouca utilidade se não se sabe, efetivamente, como agir.

A disciplina tem sido uma questão muito discutida no processo de orientação dos filhos. Estudos têm demonstrado que a forma de disciplina ditatorial, onde os pais impõem sua vontade e exigência utilizando até de punição e agressão aos filhos, defendida por um modelo de educação mais antigo, não tem sido efetiva na orientação aos filhos.

Os efeitos da orientação aos filhos têm sido mais efetivos quando a base disciplinar é orientada pela confiança mútua e onde as normas e regras são explicadas, discutidas e negociadas com as crianças.

É possível que as atividades relacionadas neste manual nada tenham de novo ou surpreendente e que quase todos os pais já as pratiquem ou as tenham praticado. No entanto, sabemos que essa tarefa se torna mais fácil quando a ação dos pais é organizada de maneira facilitadora.

Este programa foi montado em uma seqüência de atenção e atividades, que procura desenvolver, nos pais, algumas habilidades que a Psicologia tem apresentado como importantes no processo de desenvolvimento das crianças. Dessa forma, este programa procura trabalhar:

- para que as crianças aprendam a se comportar adequadamente;
- para corrigir comportamentos inadequados que já foram aprendidos.

Importante: nesse nosso trabalho consideramos comportamento adequado/desejável, aquele comportamento que contribui para uma boa convivência, é bem aceito no meio em que vivemos e na sociedade em geral. E inadequado consideraremos aquele comportamento que não contribui para uma boa convivência, não é bem aceito no meio em que vivemos e nem na sociedade em geral.

1 - COMO APRENDEMOS A NOS COMPORTAR

Toda pessoa ao nascer, traz com ela o seu jeito individual que está ligado ao que é hereditário, biológico característico da família. Em seguida, o “jeito” de cada um é definido também pela aprendizagem.

De uma forma simplificada, a aprendizagem, de maneira geral, está relacionada com **o que** um determinado comportamento acarreta **para a pessoa que comporta** ou **para os outros**. Assim, os comportamentos que têm conseqüências agradáveis, tendem a se repetir e aqueles comportamentos que têm conseqüências desagradáveis, tendem a não acontecer mais.

2 – O PROGRAMA DE TREINAMENTO DE PAIS

O programa, como já foi dito, foi organizado em uma seqüência de atividades que chamamos PASSOS com o objetivo de desenvolver nos pais, a capacidade para orientar os filhos na aprendizagem de comportamentos adequados e corrigir os comportamentos inadequados que possam acontecer.

A preocupação do programa com os comportamentos inadequados é grande, porque eles podem prejudicar seu filho no aspecto escolar, no aspecto social e no aspecto pessoal. Esse prejuízo não contribui para a formação de um adulto equilibrado e feliz.

PAI E MÃE,

Vamos “falar” agora de cada PASSO do programa que estamos trabalhando juntos. Nesta cartilha, vamos dividir cada PASSO da seguinte forma:

- A. **O Número do PASSO e o título:** diz o que vai ser trabalhado de forma geral;
- B. **Texto explicativo:** informações sobre o passo;
- C. **Exercícios:** práticas para desenvolver a habilidade trabalhada. Os exercícios vão estar sempre destacados, pois eles são fundamentais para o sucesso do programa.

PASSO 1

POR QUE AS CRIANÇAS SE COMPORTAM DE MANEIRA INADEQUADA?

O seu filho, ao nascer, trouxe com ele um pouco do jeito do pai, um



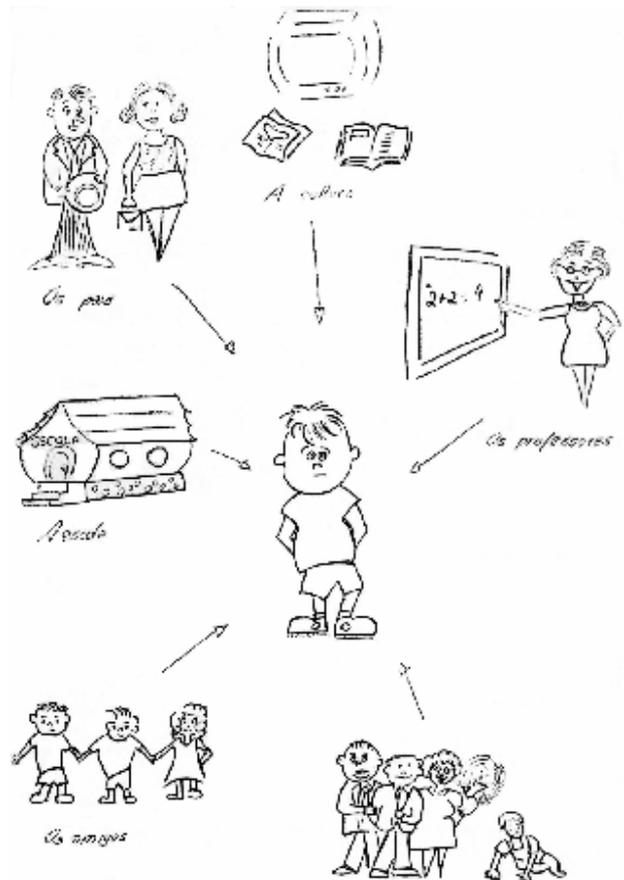
pouco do jeito da mãe, trouxe também um pouco do jeito da vovó, do vovô ou até do titio.



Se a gravidez correu bem, o pré-natal foi feito com cuidados, isso tem efeitos positivos na saúde e na vida de seu filho. Se houve problemas de saúde na gravidez e na infância, alguns desses problemas podem ter afetado seu filho.

A família, os irmãos, os vizinhos são importantes na vida da criança. A escola que ele frequenta, os amigos, os programas de TV também influenciam a forma de seu filho ser.

Considerando todas essas influências, é possível entender que não são só as crianças ou pais os responsáveis pelos comportamentos dos filhos. O jeito de cada criança, junto com todas essas influências que vêm de fora, contribuem no processo de formação dela. Além disso, é possível que o comportamento da criança esteja sendo influenciado por alguma dificuldade que ainda não foi percebida pelos pais. Ex: dificuldade para falar, para ouvir, para enxergar.



Todas essas influências e diferenças vão fazer com que a criança se comporte de maneira mais adequada ou não. Essas influências e diferenças podem ser entendidas de acordo com a origem delas;

- Fatores relacionados à criança;
- Fatores relacionados aos pais;
- Fatores do contexto atual da família;
- Fatores relacionados à história de interações na família.

É importante que vocês pais conheçam e saibam identificar qual ou quais desses fatores estão atuando mais fortemente no comportamento de seus filhos hoje. Essas informações vão facilitar para entender e corrigir algum comportamento inadequado que possa acontecer.

PROGRAMA DE TREINAMENTO DE PAIS

Passo 1 – Por que as crianças se comportam de maneira inadequada

Passo 2 – Prestando atenção no bom comportamento do filho – *faça um recreio especial.*

Passo 3 – Prestando atenção na brincadeira independente.

Passo 4 – Prestando atenção no comportamento obediente.

Passo 5 – Ensinando a ler o ambiente.

Passo 6 – Dando ordens eficientes.

Passo 7 – Melhorando o comportamento na escola.

Passo 8 – Representação de papéis.

Passo 9 – Desenvolvendo a capacidade de se expressar.

Quando sugerimos aos pais que identifiquem e relacionem comportamento dos filhos, os pais com frequência são capazes de relacionar “rapidamente” os inadequados, ou seja, aqueles comportamentos que os incomoda.

“Não tão rapidamente”, os pais relacionam os comportamentos adequados do seu filho.

ESSE VAI SER NOSSO PRIMEIRO EXERCÍCIO:

Pensar um pouco e procurar lembrar, escrever ou sinalizar os seguintes comportamentos dos filhos:

COMPORTAMENTOS ADEQUADOS	COMPORTAMENTOS INADEQUADOS

Procure lembrar também:

- O que você costuma fazer quando seu filho comporta-se de forma adequada?
- O que você costuma fazer quando seu filho comporta-se de forma inadequada?

PASSO 2

PRESTE ATENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADEQUADOS DO SEU FILHO – faça um recreio especial

Nesse exercício é importante que você pai/mãe desenvolva a capacidade de reconhecer os comportamentos adequados do filho, por mais simples que esse comportamento possa parecer.

Ao mesmo tempo é importante que você demonstre para o filho que você reconhece e valoriza esses comportamentos adequados. Ele deve perceber a sua atenção, seu carinho. Dessa forma, vocês podem estabelecer uma convivência bem mais agradável. É importante que você aja com seu filho da mesma forma que você age com as outras pessoas de quem você gosta, ou seja, respeitando e valorizando as coisas boas.

A sua atenção é muito importante para seu filho. Mesmo que ele não diga isso, é comum que o filho se comporte mal apenas para obter a atenção dos pais.

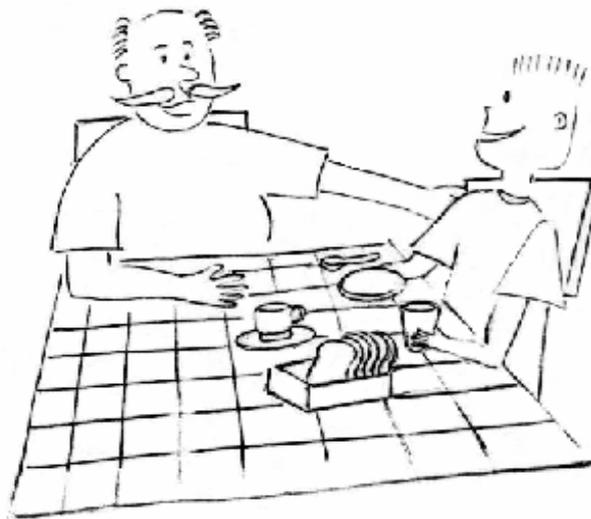
Pensando nisso...

ESSE VAI SER NOSSO SEGUNDO EXERCÍCIO:

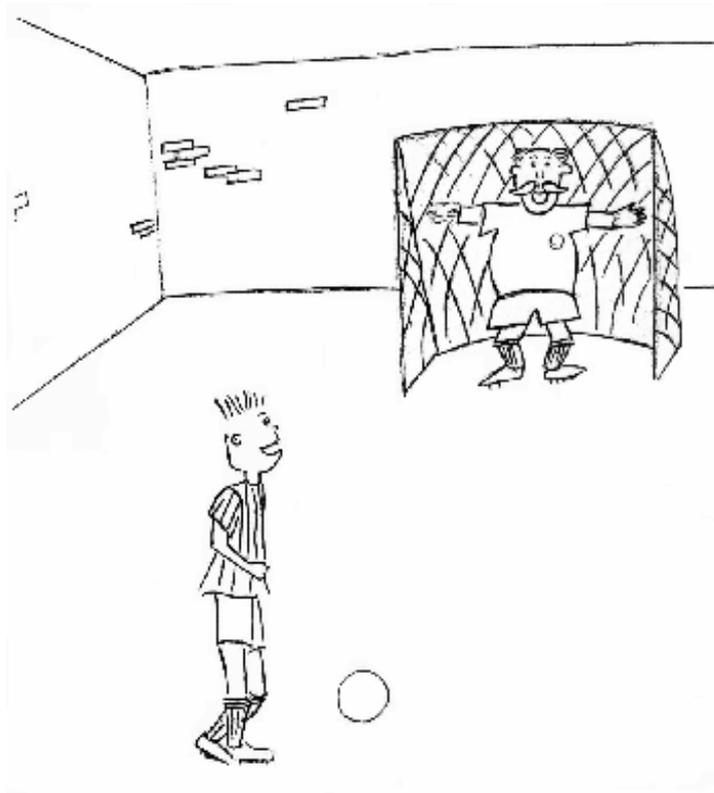
- Tire um tempinho e dê uma atenção especial para seu filho. A esse tempinho, estamos chamando de *recreio especial*.
- Brinque com ele durante uns 15 minutos por dia, se possível, todos os dias.

Essa é uma brincadeira diferente. Ela possui algumas regras para que esse momento seja proveitoso e agradável:

- 1-Escolha um momento adequado para a brincadeira em que você possa dar atenção exclusiva para seu filho.



- 2-Permita que seu filho escolha a brincadeira. Você vai acompanhá-lo na brincadeira que ele escolher.



3-Observe, valorize e elogie os comportamentos adequados que ele apresentar. O elogio deve ser feito logo após o comportamento emitido e deve deixar claro **o quê** você está elogiando. É importante ele entender porque está sendo elogiado.

4 - Aos comportamentos inadequados, não dê atenção.

5- Interrompa a brincadeira quando ele apresentar um comportamento de risco ou de destruição.

Lembre-se: essa brincadeira tem algo a mais que uma brincadeira comum. Você está desenvolvendo junto com seu filho um trabalho terapêutico, um exercício de observação e valorização.

PASSO 3

PRESTANDO ATENÇÃO NA BRINCADEIRA INDEPENDENTE

Com freqüência ouvimos os pais se queixarem de que não conseguem fazer coisas simples, como falar ao telefone, costurar, cozinhar, conversar com um amigo, sem serem importunados pelos filhos. Esse comportamento dos filhos de interromperem os pais é esperado, principalmente se os pais lhes dão mais atenção quando são interrompidos do que quando brincam sozinhos.

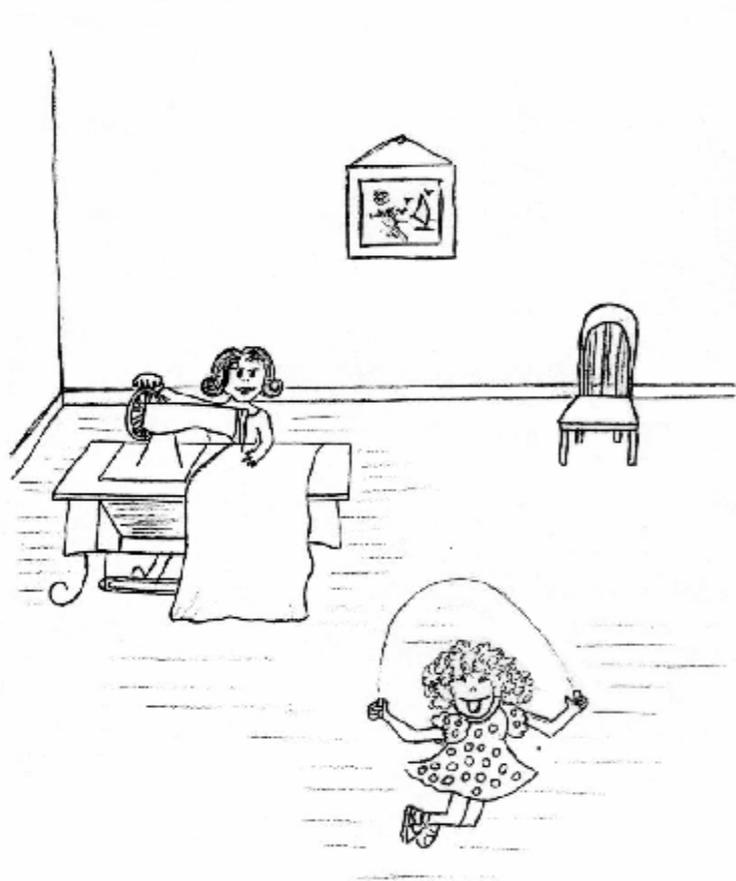
As crianças, às vezes, estão envolvidas “serenamente” com uma brincadeira.



Como a atenção da mãe ou do pai é importante para o filho, não é de estranhar que o filho se comporte de maneira a ganhar essa atenção interrompendo com freqüência o pai ou a mãe, ainda mais se a criança percebe que a atenção está voltada para outra pessoa.

Se a mãe ou pai, dá atenção ao filho com freqüência, é possível fazer com que a criança desenvolva suas brincadeiras enquanto a mãe ou pai se ocupa de outras atividades, como, por exemplo, conversas com amigos.

ESSE VAI SER NOSSO TERCEIRO EXERCÍCIO:



Este exercício procura ajudar os pais a ensinarem seus filhos a não interrompê-los quando estiverem ocupados em suas tarefas ou atendendo uma pessoa.

Para ensinar seu filho a não o interromper quando você estiver ocupado, é importante agir da seguinte maneira:

- 1- Quando você for iniciar uma atividade, diga a seu filho claramente que você vai iniciar uma atividade e que não quer ser interrompido;
- 2- Apresente a seu filho uma tarefa ou brincadeira (que ele goste) para que ele faça enquanto você estiver ocupado;

- 3- A partir do momento em que você iniciou suas atividades e seu filho começou a brincadeira sugerida, você deve elogiá-lo por brincar independentemente (faça elogios antes que ele o interrompa);
- 4- Com frequência, incentive seu filho a continuar a brincadeira;
- 5- Procure dar atenção a ele antes que ele peça (antes que ele lhe interrompa);
- 6- Vá aumentando, aos poucos, o intervalo de tempo entre uma atenção e outra e entre um elogio e outro;
- 7- Ao terminar sua atividade, vá até seu filho, elogie o seu comportamento e, se possível, dê a ele um bom momento de atenção.

PASSO 4

PRESTANDO ATENÇÃO NO COMPORTAMENTO OBEDIENTE

A partir desse passo, vamos utilizar os conhecimentos que você adquiriu anteriormente para ensinar seu filho a se comportar melhor. Os exercícios do recreio irão contribuir para que essas pequenas ordens sejam atendidas por seu filho de forma facilitada pois ele tem sentido o pai e a mãe bem mais próximos e mais amigos.

Neste passo, nosso objetivo é apresentar para sua criança e para você o quanto é prazeroso atender aos pedidos das pessoas de quem gostamos. Para isso, é importante que você saiba escolher uma pequena solicitação que fará ao seu filho e a facilidade que ele deverá ter, para realizá-la.

É indispensável então, que você pai, e você mãe, prestem atenção e demonstrem ao seu filho que vocês valorizam o que ele fez.

ESSE VAI SER NOSSO QUARTO EXERCÍCIO

Neste exercício, você pai, você mãe, vai criar situações para que seu filho aprenda a gostar de atender aos seus pedidos.

Vamos trabalhar com pequenas ordens para facilitar o atendimento do seu filho. Tire um tempinho e observe o que seu filho faz. Solicite a ele, que execute pequenas tarefas, como: acender a luz, pegar uma água na geladeira, ligar a TV, apanhar um pequeno objeto no chão etc. Escolha, de preferência, tarefas que estejam ligadas ao que ele já esteja fazendo. Escolha também um momento em que seu filho não esteja envolvido em uma outra atividade.

Exemplo 1:

Você viu que ele foi ao banheiro com uma toalha suja na mão. Aproveite a oportunidade e diga a ele:

- Por favor, filho, coloque a toalha no lugar onde ela fica normalmente.
Em seguida, elogie-o pelo cumprimento da tarefa.



Exemplo 2:

Você viu que ele vai a direção à geladeira ou filtro para pegar água. Você então pode dizer a ele:

- Filho, por favor, traga um copo com água para mim!

Agradeça e elogie-o pelo cumprimento da tarefa. Esclareça sempre sobre o que você está elogiando ou agradecendo.

Faça uma série de 3 a 4 pedidos próximos um do outro. É importante que as tarefas sejam simples e fáceis de serem cumpridas, é importante também você observar, no seu filho, satisfação por ter atendido a um pedido seu.

PASSO 5

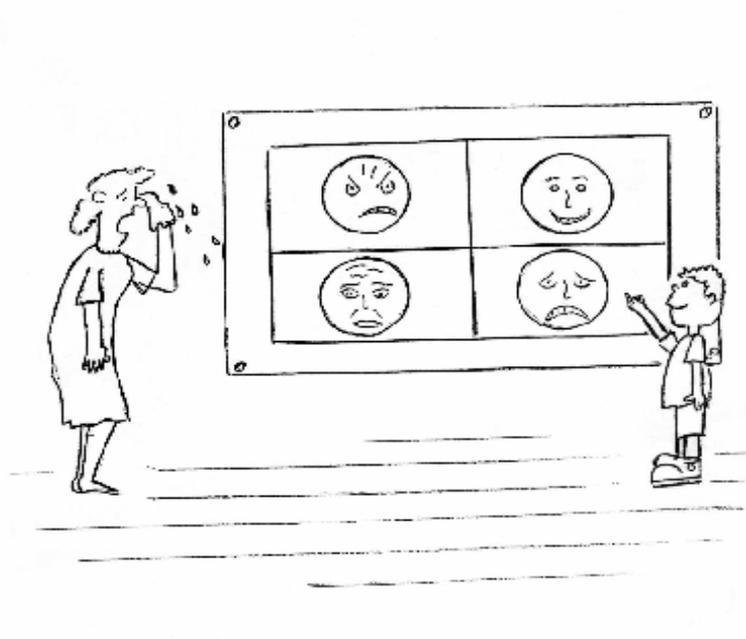
ENSINANDO SEU FILHO A LER O AMBIENTE

Para conviver com as outras pessoas, é importante entender e respeitar os sentimentos, os desejos e as emoções.

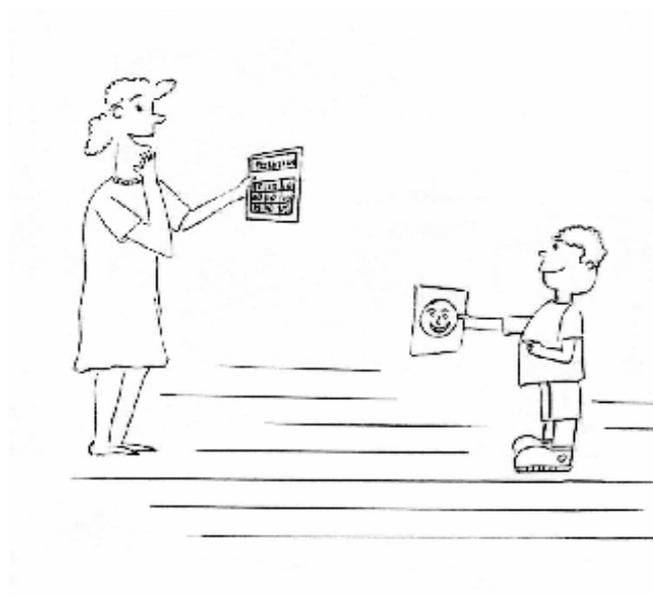
Vamos agora trabalhar para entender o outro. Você tem facilidade para perceber o que as pessoas próximas estão sentindo?

Você já observou que não são só as palavras que de informam o que o outro sente ou pensa?

A expressão do rosto, a postura do corpo, o tom da voz, o local onde algo é dito, complementam o que as pessoas às vezes querem nos dizer. Entender todas essas informações é fundamental para entendermos o outro.



Quando uma pessoa está triste, não é o melhor momento para tratar, com ela, sobre assuntos que podem desagradá-la ainda mais.



Esse é um momento indicado para pedir que a mãe o leve ao parque...

VAMOS AGORA AO NOSSO QUINTO EXERCÍCIO:

Para trabalharmos esse reconhecimento, vamos utilizar as etapas abaixo, nas novas atividades com seu filho.

Grupo 1: Trabalhar expressões como: raiva, alegria, medo e tristeza. Apresentar ao seu filho, as expressões que estão no primeiro desenho do passo 5, e conversar com ele a respeito dos sentimentos que cada um dos desenhos representa.

Grupo 2: Mostrar ao seu filho, figuras de revistas, personagens de TV, onde esses sentimentos possam ser percebidas nas pessoas.

Você vai utilizar os seus minutos do Recreio Especial, para fazer com seu filho essa brincadeira, que pode se tornar até um jogo divertido e estimulante.

Apresente para ele os cartões com figuras e desenhos do Grupo 1 e converse com ele a respeito das expressões; o que representam, em que situações elas ocorrem e quando acontecem com maior frequência;

Apresente para ele as figuras do Grupo 2 e peça que descubra as expressões que melhor representariam a emoção dos personagens naquele desenho ou naquele momento da TV.

Você pode também representar as expressões para o filho, e ele representar as expressões para você. Assim, a brincadeira se tornará mais real, estimulante e compreensível.

Quando vocês andam nas ruas podem também continuar a brincadeira. É importante que sua criança passe a observar mais atentamente as expressões das pessoas e as reações possíveis dessa pessoa quando alguma coisa desagradável ou agradável lhe acontece.

PASSO 6

DANDO ORDENS EFICIENTES

É possível que vocês pais já tenham observado que, quando mudam a maneira como lidam com seu filho e quando mudam a maneira como lhe dão uma ordem, seu filho também muda a maneira como se comporta ou atende a sua ordem.

O atendimento às ordens é importante e valioso na convivência do pai com o filho. Embora a sua criança tenha direito de argumentar, nem sempre ele tem maturidade para definir certas situações e cabe a vocês, pais, algumas vezes, definir por ele. Nem sempre eles concordarão com a decisão e, mais uma vez, cabe a vocês definirem.

ESSE VAI SER NOSSO SEXTO EXERCÍCIO:

1-Observe inicialmente se o que você vai dizer é uma ordem ou é um pedido:

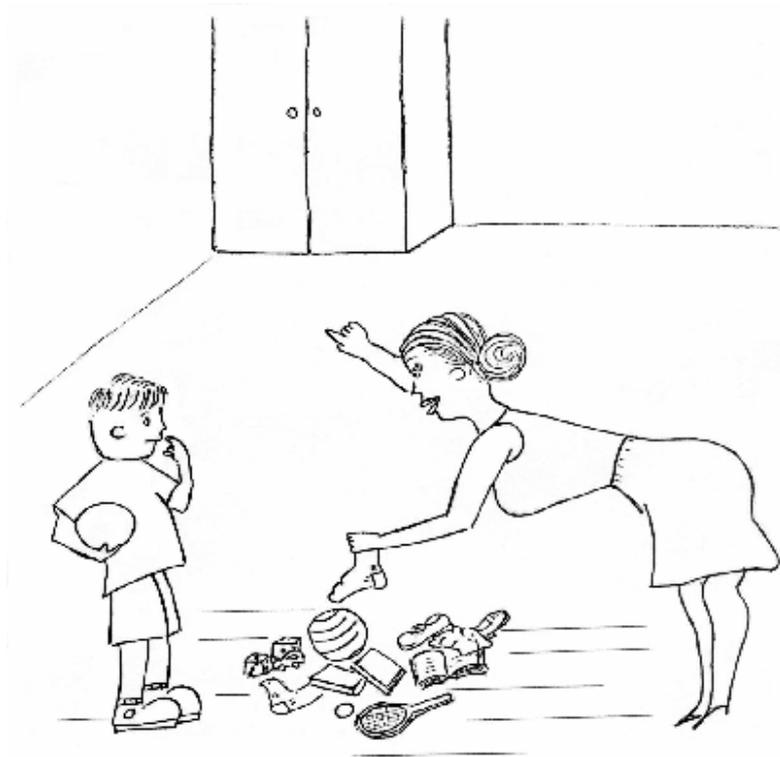
- Se for um pedido, você deve considerar que seu filho vai atender se ele quiser: ele pode escolher atender ou não;
- Se for uma ordem, ele não tem escolha, ele tem que cumprir.

2-Sendo ordem, observe se você vai, realmente, exigir o cumprimento da ordem:

- Se ela não for importante, e ele puder deixar de cumprir, não é uma ordem, é um pedido, uma sugestão;
- Se realmente ele tiver que cumprir, você deve exigir que ele a cumpra.

3-Para que você obtenha sucesso nesta etapa é importante conhecer e seguir as regrinhas abaixo:

- Tenha certeza de que seu filho está prestando atenção no que você está falando;



- A ordem deve ser clara e objetiva. O tom de voz deve ser firme;
 - Dê uma ordem de cada vez;
 - Seja claro, diga exatamente o que quer que seja feito;
 - Peça a seu filho que repita a ordem para você se certificar de que ele entendeu o que foi dito.
- 4-Supervisione o cumprimento da ordem e valorize o bom desempenho de sua criança.



É importante que essas regrinhas sejam seguidas. Elas facilitam o entendimento, a segurança e a boa conclusão do passo.

PASSO 7

MELHORANDO O COMPORTAMENTO NA ESCOLA

A escola é um espaço importante para a criança. Na maioria das vezes, a escola é o primeiro local onde a criança convive com várias pessoas sem a presença dos pais ou de outros familiares.

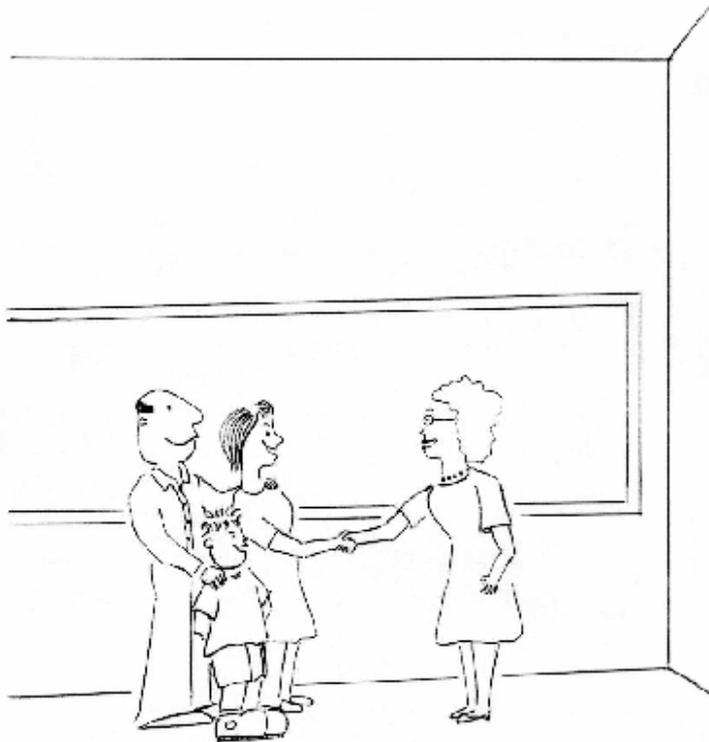
Quando a criança tem um bom aproveitamento nas na aprendizagem escolar, com mais freqüência apresenta bom entrosamento nas brincadeiras e com os colegas. Essas crianças têm maiores chances de, na idade adulta, apresentarem um bom rendimento no trabalho.



Da mesma forma, se o rendimento escolar não é bom, se a criança tem dificuldades para comportar-se bem no grupo de colegas, essas dificuldades podem continuar quando a criança se tornar um adulto.

Nesse passo, vamos procurar valorizar os bons comportamentos da criança e aumentar as chances para que ela obtenha sucesso na vida escolar.

ESSE É O NOSSO EXERCÍCIO NÚMERO SETE:



Nesse exercício, é importante que você mãe e você pai, procure a escola e conversem com a professora do seu filho. Ela é uma das pessoas que mais conhece seu filho e certamente gostará de falar com você.

Diga à professora que é muito importante saber como ele tem se comportado nos últimos meses e peça a ela que faça umas pequenas anotações no caderno do seu filho. Nessas anotações, que são simples e rápidas, ela irá lhe informar como ele se comportou naquele dia. É importante que seu filho veja a professora fazer a anotação. Em casa, junto com você ele poderá se auto-avaliar. Esse é mais um bom motivo para vocês falarem sobre a escola, os rendimentos e sobre vocês.

Não se esqueça de elogiar seu filho sempre que houver oportunidade, até mesmo quando ele admitir que não se comportou bem na escola e que pode melhorar, aproveite para elogiar a sinceridade e a capacidade de se avaliar.

As crianças ficam muito felizes quando os pais acompanham com eles os seus sucessos e também quando os pais estão próximos deles nos momentos difíceis.

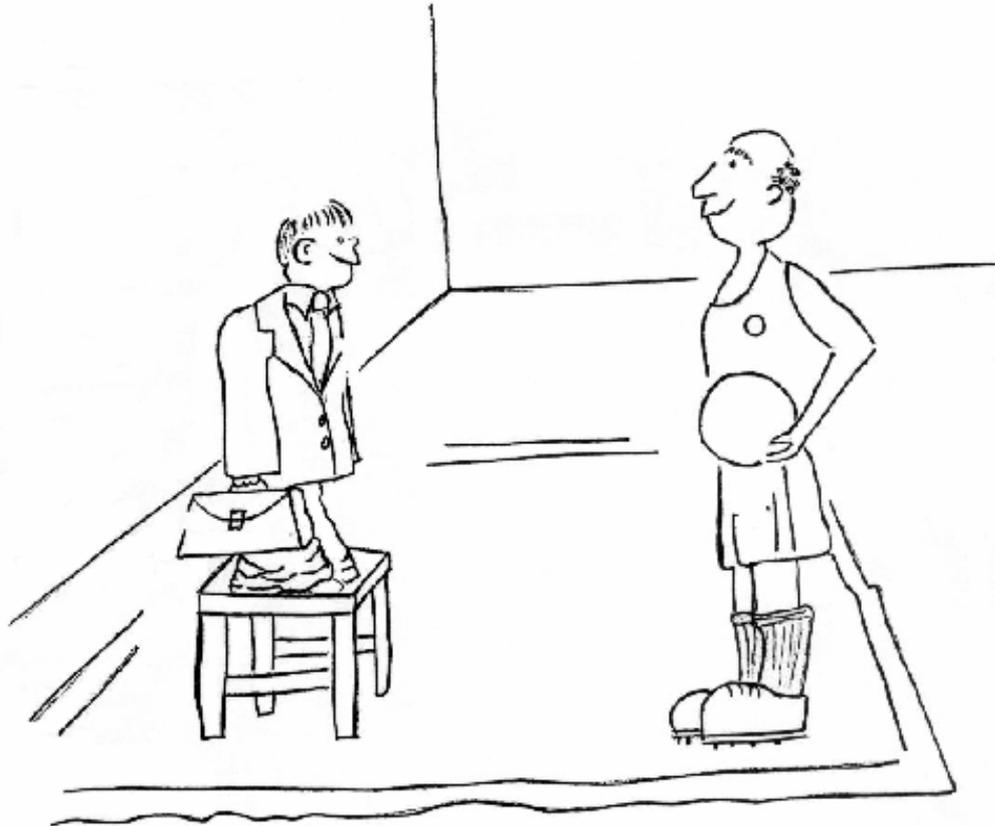
PASSO 8

REPRESENTAÇÃO DE PAPÉIS

Na nossa convivência com as pessoas, às vezes encontramos situações que não são fáceis de resolver. Na convivência com os filhos, essas situações também podem acontecer.

É importante, ensinar ao filho que, assim como ele, as outras pessoas têm desejos, vontades e obrigações e que nem todos podem ser atendidos ao mesmo tempo. Essa é uma tarefa que requer dos pais principalmente carinho e dedicação.

Neste passo vamos trabalhar para que seu filho seja capaz de se colocar no lugar do outro para entender certas situações e evitar conflitos.



ESSE É O NOSSO OITAVO EXERCÍCIO:

A primeira parte desse passo é ensinar o filho a se colocar no lugar do outro, e procurar entender que o outro também pensa, sente e tem direitos.

Mais uma vez, brincando, você vai ensiná-lo uma forma de conviver com os outros. Praticando a representação de papéis, seu filho terá oportunidade de representar e avaliar como ele age em uma situação de conflito.

Sugestão de situações para serem praticadas:

- 1- Esperando na fila da cantina, um aluno vem e fura a fila;
- 2- A criança está vendo TV, outra pessoa vem e muda o canal;
- 3- O pai promete levar o filho para passear e um acontecimento impede a realização do passeio;
- 4- A criança rasgou as calças e alguns garotos começam a rir;
- 5- Um aluno novo chega na escola e os alunos antigos criticam tudo que ele faz ou diz;
- 6- Em um jogo de futebol o adversário começa a desrespeitar as regras.

Desenvolvendo a situação 1

Nessa atividade, se a família é maior, é importante convidar os outros membros da família para participarem da “brincadeira”.

Escolham uma pessoa para ser o cantineiro, outros para estarem na fila e um para vir e “furar” a fila. A criança vai comprar a merenda na frente dos outros e vai sair. Em seguida os que estavam na fila e o que representava o cantineiro vão convidar o que furou a fila para conversarem a respeito do ocorrido:

- Como você sentiu passando na frente dos outros?
- Qual a reação que você esperava das pessoas que estavam na fila?
- Qual seria sua reação se você estivesse na fila e uma outra pessoa fizesse o que você fez?

Em seguida mudar os papéis. Aquele que furou a fila deve ficar em primeiro lugar na fila e um outro componente deve vir e furar a fila e conseguir comprar na frente dos outros. As mesmas perguntas devem ser feitas:

- Como você sentiu passando na frente dos outros?
- Qual a reação que você esperava das pessoas que estavam na fila?
- Qual seria sua reação se você estivesse na fila e uma outra pessoa fizesse o que você fez?

Desenvolvendo a situação 2

Essa representação pode ser feita com duas ou mais pessoas. Os participantes podem estar vendo TV quando um chega, sem pedir licença para os outros, muda o canal para um programa de seu interesse. Um dos participantes que está assistindo fala do seu desagrado, porém, ele insiste e a TV continua no canal mudado. Quando os participantes já se envolveram com a nova programação, um terceiro muda de canal novamente sem pedir licença aos demais. Os comentários devem apontar os sentimentos daqueles que foram interrompidos quando acompanhavam o programa. Deve ser comentado também o sentimento daquele que chegou e interrompeu a programação dos outros.

As situações sugeridas acima fazem parte das ações diárias na vida das pessoas. Você também pode criar outras situações onde o importante é refletir e discutir o sentimento daqueles que invadem o espaço do outro e também o sentimento daqueles que são invadidos.

Desenvolvendo a situação 3

O pai promete levar o filho para passear e um acontecimento impede a realização do passeio.

Essa situação é muito importante e deve ser representada pelos pais e pelos filhos.

No dia a dia são muitas as situações nas quais o pai gostaria de atender o filho, mas às vezes ele **não pode atender**. Exemplo disso são os passeios que os pais prometem e às vezes são impedidos de cumprir pelos imprevistos. É importante o filho ter conhecimento dessas dificuldades e situações que os pais vivem. Nos momentos em que os conflitos não estão presentes, é mais fácil conversar, argumentar e refletir de maneira mais serena aquelas situações.

Essa atividade pode ser feita apenas com o pai e um filho ou, com a mãe e um filho:

O pai, procurando agradar o filho, promete levá-lo ao jogo de futebol. Adoece alguém da família e, nessa situação, o pai tem que recorrer ao dinheiro que gastaria no futebol para comprar remédios, ir ao hospital etc. No dia do jogo (time preferido também do pai) o pai não tem dinheiro para o passeio... Fica triste o pai, com a doença e a falta do dinheiro e... fica triste e bravo o filho, que não pode ir ao passeio prometido. ..

É importante o filho entender a situação do pai, mas é também muito importante o pai entender o sentimento do filho. Nessa hora, o pai deve tentar entender e respeitar os sentimentos do filho que, por ser uma criança, não aceita com facilidade deixar de fazer um passeio prometido. Falar sobre os sentimentos de um e de outro frente à situação, ajudará a esclarecer e criar um nível maior de compreensão.

Vocês podem escolher uma ou duas situações para serem representadas e discutidas em cada dia, e, podem também, criar situações novas.

PASSO 9

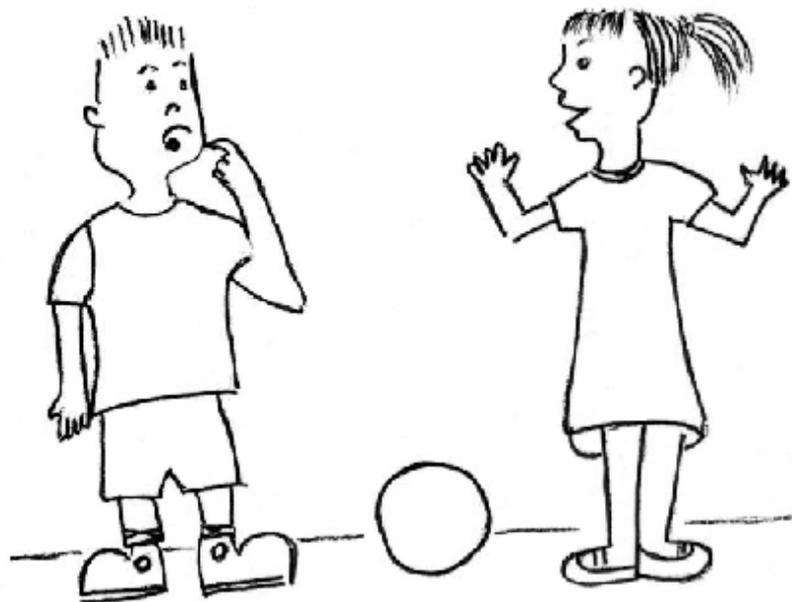
DESENVOLVENDO A CAPACIDADE DE SE EXPRESSAR

Expressar nossos desejos e nossa opinião de forma adequada e procurar entender o que o outro expressa ou deseja faz parte desse último exercício do programa.

Nesse PASSO, vamos trabalhar utilizando todas as informações dos exercícios anteriores de forma que, nossos pensamentos e sentimentos sejam expressados corretamente, respeitando os nossos direitos, nossos deveres e os direitos e deveres das outras pessoas.



Muitas dificuldades encontradas na convivência em casa, na escola ou no trabalho, estão relacionadas com a forma de expressar os sentimentos e os desejos.



Vamos utilizar a lista abaixo para conhecer e exercitar a forma mais adequada de conviver, falar, ouvir e atender as pessoas. Principalmente em uma situação de conflitos é importante:

- Saber defender nossos direitos;
- Considerar os direitos dos outros;
- Falar em tom adequado de voz;
- Não utilizar desrespeitos, interrupções e deboches durante a fala.

ESSE É O NOSSO NONO E ÚLTIMO EXERCÍCIO

Qualquer um dos exercícios propostos nos passos anteriores pode ser utilizado para desenvolver as habilidades propostas neste passo 9. Vamos iniciar por um exercício onde o participante, pai/mãe ou criança vá desempenhar um papel **de forma inadequada**;

- a- Pedir alguma coisa, falando alto demais;
- b- Pedir alguma coisa, falando baixo demais;
- c- Pedir alguma coisa, de forma agressiva;
- d- Pedir alguma coisa criticando;
- e- Pedir alguma coisa debochando.

Em seguida, avalie qual a resposta ou atitude do outro participante.

- Aquele que pediu de forma inadequada, conseguiu atingir seu objetivo?
- Conseguiu se comunicar com o outro de uma boa forma?

Experimente outras brincadeiras nas quais todas essas formas de falar possam ser praticadas!

O processo de convivência entre os pais, familiares, professores, vizinhos e amigos é muito importante para nosso desenvolvimento e para promover uma vida agradável. Acredito que vocês pais verificaram como as regras básicas de convivência são simples e como podem contribuir para o equilíbrio individual e social não só de seus filhos como também de toda família. **Procurar se colocar no**

lugar do outro é o item número um dessa regra e, uma reflexão sobre esse item promoverá posturas adequadas, equilibradas e para as crianças contribuirá para direcionar suas ações futuras.

Mãos à obra!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADOLPHS, R, TRANEL, D. & DAMÁSIO, A. R. Impaired recognition of emotion in facial expressions following bilateral damage to the human amygdala. *Nature*, 372, 669-672, 1994.

ANDERSON, S. W., DAMÁSIO, H., TRANEL, D. & DAMÁSIO, A. R. Long-term sequelae of prefrontal cortex damage acquired early in childhood. *Developmental Neuropsychology*, 18, 281-296, 2000.

BARKLEY, R. A. *Defiant children; A clinician's manual for assessment and parent training*. 2.ed. New York: Guilford, 1997.

DEL PRETTE, Z. & DEL PRETTE, A. *Psicologia das habilidades sociais; terapia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Z. & DEL PRETTE, A. *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DODGE, K. A. Social-cognitive mechanisms in the development of conduct disorder and depression. *Annual Review of Psychology*, 44, 559-584, 1993.

HAASE, V. G.; ROTHE-NEVES, R.; KÄPPLER, K. C.; TEODORO, M. L. M. & WOOD, G. M. O. (Orgs.), *Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares*. Belo Horizonte: Health, 2000.

MARINHO, M. L. & CABALLO, V. E. *Psicologia clínica e da saúde*. Londrina: UEL, 2001.

PENNINGTON, B. F. & OZONOFF, S. Executive functions and developmental psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 37, 51-87, 1996.

TEIXEIRA, A. M. S., E COL. *Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar*. Santo André: ESETec, 2002.

REALIZAÇÃO

Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento e
Laboratório de Psicologia da Família
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Isabel dos Santos Pinheiro: Psicóloga e Psicopedagoga.

Almir Del Prette: Professor Doutor da Universidade Federal de São
Carlos (UFSCar).

Vitor Geraldi Haase: Professor Doutor da Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG).

ILUSTRAÇÕES

Silvia Voloch



Critério de Classificação Econômica Brasil

O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é, exclusivamente de **classes econômicas**.

SISTEMA DE PONTOS

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	0
Primário completo / Ginásial incompleto	1
Ginásial completo / Colegial incompleto	2
Colegial completo / Superior incompleto	3
Superior completo	5

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	30-34	1
A2	25-29	5
B1	21-24	9
B2	17-20	14
C	11-16	36
D	6-10	31
E	0-5	4

Anexo XI

Sequência do programa

SESSÃO	OBJETIVOS DA SESSÃO	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS	TAREFAS PARA CASA
Primeira reunião	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação Pré-Teste 	<ul style="list-style-type: none"> • Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; • Roteiro para Entrevista; • Inventário de Habilidades Sociais; • Inventário de Comportamentos Importunos; • Questionário de Situações Domésticas 	<ul style="list-style-type: none"> • Não tem
Passo 1 Porque as crianças se comportam de maneira inadequada?	<ul style="list-style-type: none"> • Integrar o grupo; • Apresentar o formato do programa aos pais, refletir sobre as causas do bom e do mau comportamento dos filhos • Decidir em conjunto o funcionamento do grupo • Conhecer princípios da Análise do Comportamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos participantes Vivência-1 • Apresentação do programa • <i>Banner</i> • Contrato relacionado ao compromisso ético, assiduidade <p>Principais procedimentos Noções sobre Desenvolvimento Humano; Análise do Comportamento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir e/ou listar comportamentos do filho que o pai considera bom e comportamentos que o pai considera inadequados
Passo 2 Prestando atenção no bom comportamento do filho. “Faça um Recreio Especial”	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a habilidade de prestar atenção no bom comportamento do filho • Aumentar o envolvimento dos pais com a criança • Desanuviar o clima na família 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa • <i>Banner</i> • Vídeo <p>Principais procedimentos Análise do Comportamento; Extinção de Comportamento; Reforçamento Diferencial; Treinamento em <i>role play</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação da técnica do recreio especial

SESSÃO	OBJETIVOS DA SESSÃO	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS	TAREFAS PARA CASA
Passo 3 Aumentando a brincadeira independente.	<ul style="list-style-type: none"> Os pais aprenderem a elogiar com maior frequência o filho, quando ele brinca independentemente 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa. <i>Banner</i> Vídeo <p>Principais procedimentos Análise do Comportamento; Reforçamento Diferencial; Ensaio Comportamental</p>	<ul style="list-style-type: none"> Utilizar atenção diferencial para promover atividades independentes em situação estruturada
Passo 4 Prestando atenção no comportamento de seguir instruções	<ul style="list-style-type: none"> Os pais aprenderem a utilizar o reforço social contingente ao comportamento adequado 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa <i>Banner</i> Vídeo <p>Principais procedimentos Análise do Comportamento; Reforçamento Diferencial; Treinamento tipo <i>role play</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Realizar a atividade proposta e atentar para a utilização do reforço social e para a resposta do filho Alternar com as atividades das semanas anteriores
Passo 5 Ensinando a “ler” o ambiente social.	<ul style="list-style-type: none"> Nessa sessão os pais devem desenvolver a habilidade da leitura do ambiente social 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa. <i>Banner</i> Pictogramas <p>Principais procedimentos Análise do Comportamento; Ensaio Comportamental; Treinamento tipo <i>role play</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Identificação e reflexão de expressões utilizando os pictogramas e em situações naturais Alternar com as atividades das semanas anteriores
Passo 6 Facilitando e empatia e dando ordens eficientes.	<ul style="list-style-type: none"> Orientar os pais sobre a interferência do ambiente no atendimento das ordens pelo filho 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa. <i>Banner</i>, Vídeo <p>Principais procedimentos Análise do Comportamento; Ensaio Comportamental; Treinamento tipo <i>role play</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> Definir um comportamento problema apresentado pelo filho e trabalhar o atendimento a ordem a partir do novo entendimento Alternar com as atividades das semanas anteriores

SESSÃO	OBJETIVOS DA SESSÃO	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS	TAREFAS PARA CASA
Sessão 7 Melhorando o comportamento na escola.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover um trabalho de colaboração entre os pais e os professores 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa • <i>Banner</i> • Carimbos • Principais procedimentos Análise do Comportamento; Reforçamento diferencial; Monitorar atividades 	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com a escola • Alternar com as atividades das semanas anteriores
Sessão 8 Representação de papéis.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver no pai a compreensão do seu papel e a capacidade de compreender o papel do filho 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa • <i>Banner</i> • Vivência 2 • Principais procedimentos Análise do Comportamento; Ensaio Comportamental; Treinamentotipo <i>role play</i>; Reforçamento diferencial 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar <i>role play</i> desenvolvido a partir de uma situação cotidiana • Alternar com as atividades das semanas anteriores
Sessão 9 Desenvolvendo a capacidade de se expressar.	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar com os pais a compreensão e utilização da assertividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação pelos participantes das observações e resultados propostos para trabalho em casa • <i>Banner</i> • Principais procedimentos Análise do Comportamento; Ensaio Comportamental; Treinamentotipo <i>role play</i>; Reforçamento diferencial 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar <i>role play</i> • Alternar com as atividades das semanas anteriores
11ª reunião	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação pós-teste 	<ul style="list-style-type: none"> • Termo de Consentimento Livre e Esclarecido • Roteiro para Entrevista • Inventário de Habilidades Sociais • Inventário de Comportamentos Importunos • Questionário de Situações Domésticas 	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção da atenção ao comportamento e de eventuais repetição das atividades anteriores

ANEXO XII



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
Fones: (016) 3351-8109 / 3351-8110
Fax: (016) 3361-3176 - Telex 162369 - SCUF - BR
CEP 13 565-905 - São Carlos - SP - Brasil
End. Eletrônico: propp@power.ufscar.br

Parecer N° 019/2005

Título do Projeto: Treinamento em Habilidades Sociais para Pais de Crianças de Risco

Psicossocial.

Protocolo: 124/04

Orientador (a): Almir Del Prette

Aluno/Pesquisador (a): Maria Isabel do Santos Pinheiro

1. Avaliação

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) analisou o projeto de pesquisa acima identificado e considerando os pareceres do relator e do revisor DELIBEROU: Os pesquisadores atenderam integralmente as solicitações que este comitê fez através do parecer datado de 24/11/2004. Com isso, o projeto atende as determinações constantes da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

2. Conclusão

Projeto aprovado

São Carlos, 2 de março de 2005.


Prof.ª Dra. Márcia Nutuma Ogata
Coordenadora do CEP/UFSCar

ANEXO XIII

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

VIDEO CLIP 1

Passo: 2	Título: Prestando atenção no bom comportamento do filho
Tempo/Duração: 4'38"	Contexto: atividade é desenvolvida em casa, quando a filha chega da escola.
Objetivo: <ul style="list-style-type: none">• aumentar o envolvimento dos pais com a criança;• desenvolver a habilidade de prestar atenção no bom comportamento do filho;• reforçar diferencialmente os comportamentos adequados e inadequados;• atentar para as habilidades e interesses do filho;• elogiar e identificar prontamente os comportamentos adequados do filho;	
Personagens: mãe e filha de aproximadamente 9 anos	
Texto: <ul style="list-style-type: none">• A mãe recebe a filha que chega da escola com uma pasta. A mãe diz palavras de carinho para a filha, diz que preparou um alimento gostoso para o lanche da tarde e solicita que sentem para uma conversa que a filha provavelmente vai gostar.• A filha fica feliz com a mãe, leva a pasta para o quarto e volta para conversarem.• A mãe diz à filha que gostaria de ter um tempo maior para conversarem com frequência e propõe que a filha escolha um período do dia para que isso possa acontecer.• A filha diz que gostou realmente da proposta e sugere que façam a atividade• diariamente após seu regresso da escola. Solicita o início da atividade naquele dia.• A mãe concorda, sugere que a filha que escolha alguma atividade para que iniciem naquele momento.• A filha traz dois jogos, opta por um e iniciam a brincadeira.• A mãe cuidadosamente se envolve com alegria no jogo, estimula a filha em suas iniciativas, desconsidera alguns pequenos comportamentos inadequados da filha (exemplo: jogar a caixa no chão) e continuam alegremente as conversas e o jogo.	

VIDEO CLIP 2

Passo: 3	Título: Aumentando a brincadeira independente
Tempo/Duração: Cena 1: 1'39 Cena 2: 1'10"	Contexto: atividade é desenvolvida em casa, em momento no qual a mãe atende chamados telefônicos.
Objetivo: Trabalhar para que o filho desenvolva atividades independentemente da presença contínua dos pais.	
Personagens: mãe e filha de aproximadamente 9 anos.	
Texto: Cena 1: <ul style="list-style-type: none">• A mãe vai atender o chamado telefônico e a filha vai junto falando com a mãe, insistentemente sobre algo a seu respeito;• Em outro momento, o telefone toca novamente, a filha novamente inicia a conversa insistente, a mãe tira o fone do ouvido e esclarece à filha sobre a importância de atender o telefone e sugere à filha que aguarde o término da ligação enquanto oferece algumas alternativas de brinquedos.• A mãe monitora as atividades da filha à distância, enquanto fala ao telefone. Frequentemente vai até a filha e solicita que aguarde mais um pouco. A ligação é breve e ao final a mãe dedica à filha, atenção especial para atender suas solicitações. Cena 2: <ul style="list-style-type: none">• Em outro dia, outro local da casa, o telefone toca, a mãe inicialmente sugere brincadeiras para a filha, até que ela termine de atender ao telefonema.• O <i>vídeo</i> procura demonstrar que na segunda cena a filha aguarda com mais segurança e que a mãe, ao final da ligação, a atenderá com muita atenção.• Para evidenciar a passagem do tempo, um relógio apresenta a passagem do tempo e a duração da conversa.• Ao terminar o telefonema, a mãe aproxima da filha, elogia a sua postura de compreensão e brinca um pouco com ela.	

VIDEO CLIP 3

Passo: 4	Título: Prestando atenção no comportamento de seguir instruções
Tempo/Duração: Cena 1: 1”10” Cena 2: 1”26”	Contexto: <ul style="list-style-type: none">• atividade é desenvolvida em casa, na mesa do café• atividade é desenvolvida no quarto enquanto a mãe faz pequenas arrumações no armário
Objetivo: desenvolver interesse e prontidão para participar de atividades de cooperação.	
Personagens: mãe e filha de aproximadamente 9 anos.	
Texto: <p>Cena 1: mãe e filha estão sentadas à mesa e a mãe está atenta para fazer, gentilmente algumas pequenas solicitações à filha.</p> <ul style="list-style-type: none">• A filha ao colocar um refrigerante em seu copo, a mãe, que está olhando um documento, solicita à filha que a sirva também e agradece prontamente o atendimento da filha.• A filha demonstra um pequeno desconforto com o frio/vento que vem da janela. A mãe sugere à ela que feche a janela já que o vento está incomodando também à mãe. A filha fecha a janela e a mãe faz pequeno comentário sobre o conforto adquirido.• O documento que a mãe olhava cai perto da filha, a mãe ao ver a filha dirigir para apanhá-lo, agradece sua prontidão. <p>Nos intervalos dessas solicitações, a mãe conversa e também apóia a filha em facilitar seu acesso a algum dos alimentos.</p> <p>Cena 2: a mãe se encontra fazendo uma pequena limpeza no armário da filha.</p> <ul style="list-style-type: none">• A filha chega da escola com comentários de alegria sobre suas realizações, abraça a mãe e senta-se ao seu lado. Para recolocar os objetos no armário, a mãe faz algumas solicitações à filha para que a auxilie, pegando peça de roupa e brinquedos que estão ao lado da filha, contribuindo e facilitando a tarefa da mãe.• Ao final a mãe agradece e esclarece a importância dessas contribuições que a filha faz.	

VIDEO CLIP 4

Passo: 6	Título: Facilitando a empatia e o atendimento às ordens
Tempo/Duração: Cena 1: 44” Cena 2: 1”47”	Contexto: Atividades de enfrentamento em situações de contexto familiar
Objetivo: Desenvolver a habilidade de se colocar no lugar do outro ao mesmo tempo atentar para a forma mais adequada de orientar positivamente o filho em algumas situações onde ele tenha que atender as ordens dos pais.	
Personagens: mãe e filha de aproximadamente 9 anos	
Texto: Cena 1: A filha ouve um som muito alto e a mãe tenta orientá-la no sentido de organizar seus pertences que ficaram fora do lugar. <ul style="list-style-type: none">• A mãe faz várias orientações ao mesmo tempo erápidamente. A mãe não observa que a filha não lhe dá atenção e principalmente, não ouve o que a mãe diz. O som impossibilita a filha de ouvir a mãe que fala várias coisas ao mesmo tempo.• Em outro momento a mãe chega, solicita à filha que diminua o volume e a convida para mostrar o que deve ser mudado. Cena 2: A filha chega da escola, deixa a pasta no chão, o casaco em cima da cadeira e entra correndo pela casa. <ul style="list-style-type: none">• A mãe ao ver a desordem, chama a filha: Diz a ela, pausadamente o que deve ser feito, solicita à filha que repita a ordem e orienta-a para que execute a atividade.	

ANEXO XIV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

SITUAÇÃO ESTRUTURADA

OBJETIVO: Observação direta da interação familiar utilizando como recurso uma situação previamente estruturada mediante filmagem da família participante.
TÍTULO DA ATIVIDADE: Uma história criada e contada pela família.
DURAÇÃO: Aproximadamente 30 minutos
MATERIAL UTILIZADO: Argila, massa para modelar, (moldes), brinquedos infantis (carrinhos, animais domésticos e selvagens, bonecas, móveis de casa, etc.).
PROPOSTA: <ul style="list-style-type: none">• Toda a família é convidada para participar da atividade antes de iniciar o Programa de Treinamento de Pais.• A família entra na sala estrategicamente organizada para facilitar interação e estimular solicitações.• O terapeuta apresenta fotos de dois exemplos de construções simples.• O terapeuta orienta, que ao final daquela atividade que estará sendo filmada, também será realizada uma foto.
FILMAGEM: A atividade é discretamente filmada e uma máquina fotográfica é utilizada no final da construção familiar.

ANEXO XV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

VIVÊNCIA 1 (- O meu nome é...)

OBJETIVOS <i>Específicos</i> <ul style="list-style-type: none">• Introduzir as pessoas no grupo• Compreender a importância do nome• Fortalecer a identidade pessoal/social	<i>Complementares</i> <ul style="list-style-type: none">• Exercitar a atenção• Manter o contato visual
<p><i>Procedimento</i></p> <p>Para realizar essa vivência, o facilitador solicita que todos permaneçam no espaço central da sala. Ao se dirigir a alguns dos participantes, chama-os por outros nomes. Logo então, esclarece que a troca de nomes foi proposital, indagando sobre os sentimentos gerados. Fala resumidamente a respeito da importância do nome para a identidade pessoal-social, a auto-estima e as interações sociais. Por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none">• As pessoas são reconhecidas pelo seu nome, próprio e da família. Podem existir vários Antônio, mas cada um é uma pessoa única que tem as suas características associadas ao seu nome.• Quando nos dirigimos a alguém, é importante chamá-lo pelo nome, pois isso gratifica a pessoa e abre o canal de comunicação. <p>Solicita que permaneçam levantados e formem um círculo, dando instrução para que cada um, em seu horário, dê um passo à frente, dizendo com firmeza: Meu nome é..., Retornando, em seguida, à própria posição.</p> <p>Após completar a sequência, repete o exercício, como uma pequena alteração: o participante, além de dizer o seu próprio nome, também deverá dizer o nome da pessoa à sua esquerda, mantendo contato visual com ela e complementando com uma informação pessoal. O meu nome é...e o meu time de futebol favorito é... e o seu é... seu time de futebol</p>	

favorito é...

Terminando a nova seqüência, o facilitador pede que os participantes avaliem o que foi feito e dêem exemplos das dificuldades nas interações sociais, ocasionadas pelo esquecimento e troca de nomes.

VIVÊNCIA 2 (Vivendo o papel do outro)

OBJETIVOS <i>Específicos</i> <ul style="list-style-type: none">• Elaborar e vivenciar novos papéis• Colocar-se no papel da outra pessoa• Desenvolver componentes ou pré-requisitos para a empatia	<i>Complementares</i> <ul style="list-style-type: none">• Observar e descrever comportamentos• Exercitar a flexibilidade de papéis
MATERIAIS Cadeiras, mesa, cadernos e outros objetos para compor contexto de sala de aula.	
<i>Procedimentos</i> Introdução <p>O facilitador, ao se reunir com o grupo, fala sobre a experiência de vivenciar outros papéis (diferentes daqueles que nos são próprios) e de sua importância para a compreensão do outro, para a expressão da empatia e solidariedade e para a elaboração e desenvolvimento de novas formas de relacionamento.</p> <p>Após a explicação, o facilitador solicita que uma parte do grupo participe da vivência (GV), indicando os demais para a tarefa de observação (GO). Em seguida, apresenta oralmente, a situação e os papéis requeridos. Pede então que os participantes do GV interajam entre si de acordo com os papéis que estão assumindo.</p> <p>Ao final, avalia como os participantes incorporaram o papel dado, ;que dificuldades tiveram e pede também que descrevam o próprio desempenho e o de algum colega.</p> Atividade <p>Imaginem que vocês têm oito anos de idade. Vocês chegam à escola. Nas costas, a mochila pesada de material escolar. O sinal está tocando... Outros colegas estão chegando. Cumprimentem-se. Agora vocês têm que se apressar... Olham à frente e visualizam a diretora com uma fisionomia de reprovação... Vocês passam por ela cumprimentando-a... Quando pensam que se safaram de qualquer situação desagradável, dão de cara com a orientadora. Como vocês regaem? Mostrem isso na maneira de se comportar... Estão</p>	

adentrando a sala de aula... Recordam que tinham que trazer a tarefa... Ficam em dúvida se a deixaram em casa ou a colocaram na mochila. Façam cara de dúvida... etc.